



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERIC CEZAR DE CAMARGO WALGER

CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE UMA FAMÍLIA DE
AGRICULTORES ECOLÓGICOS DO LITORAL PARANAENSE

CURITIBA

2018

ERIC CEZAR DE CAMARGO WALGER

CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE UMA FAMÍLIA DE
AGRICULTORES ECOLÓGICOS DO LITORAL PARANAENSE

Dissertação apresentada ao curso de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, setor de Ciências Agrárias, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Flores Lesama.

CURITIBA

2018

W175c Walger, Eric Cezar de Camargo
Contradições na organização do trabalho de uma família de
agricultores ecológicos do litoral paranaense / Eric Cezar de
Camargo Walger. - Curitiba, 2018.
108 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná.
Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em
Meio Ambiente e Desenvolvimento.
Orientador: Manoel Flores Lesama

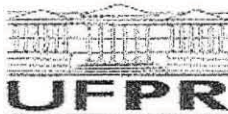
1. Ergologia. 2. Agroecologia. 3. Trabalho. 4. Administração.
5. Comunidades agrícolas - Litoral paranaense. I. Lesama,
Manoel Flores. II. Título. III. Universidade Federal do Paraná.

CDU 631.95

Sistema de Bibliotecas/UFPR, Biblioteca de Ciências Agrárias

Douglas Alex Jankoski – CRB 9/1167

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ERIC CEZAR DE CAMARGO WALGER** intitulada: **CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE UMA FAMÍLIA DE AGRICULTORES ECOLÓGICOS DO LITORAL PARANAENSE**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Julho de 2018.

MANOEL FLORES LESAMA

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARCO ANTONIO PEREIRA QUEROL

Avaliador Externo (UFS)

ANTONIO CARLOS PICINATTO

Avaliador Externo (IFPR)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer profundamente a família de agricultores entrevistada, pela sua disposição e boa vontade em colaborar com a pesquisa científica.

RESUMO

Esta pesquisa foi proposta pelo fato de que a prática da agroecologia é pertinente para o contexto socioambiental tanto dos ambientes rurais quanto urbanos, sendo propositiva frente à crise socioambiental global colocada à humanidade nos dias atuais desde algumas décadas. No litoral paranaense, contexto da pesquisa, pode-se notar iniciativas de trabalho agroecológico há algumas décadas, porém continua sendo um desafio manter e ampliar tais experiências. Pressupõe-se que, na prática agroecológica, os agricultores enfrentam desafios de várias ordens, porém estes não são devidamente identificados e sistematicamente observados, para que possam então ser devidamente resolvidos. Com esta proposta, busca-se, portanto, contribuir para o desenvolvimento da prática do trabalho agroecológico de um casal de agricultores do litoral paranaense através do diálogo o pesquisador e um coletivo de agricultores. Optou-se por organizar e fundamentar este diálogo sob a perspectiva teórica de concepção do trabalho denominada Ergologia, que coloca o sujeito como foco do trabalho, ao invés do produto final. Foram realizados cerca de 06 dias de campo em que foi promovido o diálogo aberto sobre o trabalho dos agricultores (o quê fazem, como fazem, o quanto fazem, etc). O diálogo proposto foi gravado, transcrito e analisado sob a ótica do Sistema da Atividade, para que fosse possível categorizar as contradições no/do trabalho dos agricultores, contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho agroecológico.

Palavras-chave: Ergologia. Teoria Histórico-Cultural da Atividade. Agroecologia.

ABSTRACT

This research was proposed by the fact that the practice of agroecology is pertinent to the socioenvironmental context of both rural and urban environments, being propoitive in the face of the global socioenvironmental crisis posed to humankind in the present days for some decades. In the littoral of Paraná, in the context of the research, initiatives of agroecological work can be noticed some decades ago, however it remains a challenge to maintain and to extend such experiences. It is assumed that in agroecological practice, farmers face challenges of several orders, but these are not properly identified and systematically observed, so that they can then be properly resolved. The aim of this proposal is to contribute to the development of the agroecological practice of a couple of farmers from the coast of Paraná through the dialogue of a researcher and a collective of farmers. It was decided to organize and to base this dialogue under the theoretical perspective of work called Ergology, which places the subject as the focus of work, rather than the final product. Around 06 field days were held in which the open dialogue on the work of farmers (what they do, how they do, how they do, etc) was promoted. The proposed dialogue was recorded, transcribed and analyzed from the perspective of the Activity System, so that it was possible to categorize the contradictions in the work of the farmers, contributing to the development of this agroecological work.

Key-words: Ergology. Historical-Cultural Theory of Activity. Agroecology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - O modelo básico de mediação proposto por Vygotsky.....	28
Figura 02 - O ciclo de Aprendizagem Expansiva.....	41
Figura 03 - O modelo do sistema de atividade.....	55
Figura 04 - Metodologia de camadas de cebola para analisar contradições nos dados discursivos.....	61
Figura 05 - Diagrama de negociação de troca de funções.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Tipos de manifestações discursivas de contradições.....	60
----------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Evolução da população por situação do domicílio..... 23

Gráfico 02 - Domicílios urbanos e rurais segundo a forma de abastecimento de água
.....24

LISTA DE SIGLAS

UFPR - Universidade Federal do Paraná.

EMATER-PR - Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural.

COOPERAFLORESTA - Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis.

PR - Paraná.

SP - São Paulo.

COPEL - Companhia Paranaense de Energia.

IAPAR - Instituto Agrônômico do Paraná.

AMAE - Associação Morretes Agroflorestal Agroecológica.

LM - Laboratório de Mudanças.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

UTH - Unidade de Trabalho-Homem.

TA - Teoria da Atividade.

SC - Santa Catarina.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTO DO TRABALHO PESQUISADO:	18
1.2 JUSTIFICATIVA:	22
1.3 OBJETIVOS:	25
1.3.1 OBJETIVO GERAL:	25
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	25
2. REFERENCIAL TEÓRICO:	26
2.1 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DA ATIVIDADE:	27
2.2 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ATIVIDADE:	27
2.3 ERGOLOGIA:	28
2.3.1 O TRABALHADOR: CORPO-SI	29
2.3.2 CONCEPÇÃO ERGOLÓGICA DO TRABALHO:	30
2.4 VISÃO DIALÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES ORGANIZACIONAIS:	37
2.5 DESENVOLVIMENTO EXPANSIVO:	39
2.6 NOÇÃO DE CONTRADIÇÃO:	43
3. METODOLOGIA:	45
3.1 COLETA DE DADOS:	49
3.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS:	50
3.2.1 SISTEMA DE ATIVIDADE COMO UNIDADE DE ANÁLISE:	52
3.2.2 MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS DAS CONTRADIÇÕES:	56
4 RESULTADOS:	63
4.1 A FAMÍLIA DE AGRICULTORES:	63
4.2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DO SISTEMA DE ATIVIDADES:	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	74
6. REFERÊNCIAS	78
7. ANEXOS:	85

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma continuação de um trabalho de estímulo ao desenvolvimento sustentável que tem sido realizado com os agricultores em questão já há alguns anos. Iniciaremos esta contextualização apresentando que trabalhos foram estes e qual a noção de desenvolvimento que tem sido assumida para norteá-los.

A iniciativa de formação de arranjo institucional voltado para o fortalecimento de sistemas produtivos de base ecológica se inicia em 2007, com a realização de algumas experiências envolvendo diversas instituições e grupos de agricultores. Essa aproximação entre diferentes instituições se inicia através da relação de um grupo de professores do Setor Litoral da UFPR com alguns técnicos da EMATER-PR com atuação nos municípios de Antonina, Matinhos, Morretes e Paranaguá, Paraná.

As atividades com sistemas agroflorestais ganharam força em 2011 com as ações do projeto Agroflorestar, desenvolvido pela Cooperafloresta. O Projeto Agroflorestar realizado pela Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo\SP e Adrianópolis\PR (COOPERAFORESTA) teve patrocínio através do Programa “Petrobras Ambiental 2010” e objetivava a ampliação da prática agroflorestal junto à agricultura familiar atuando diretamente com 300 famílias, na qual 30 famílias beneficiadas seriam do litoral do Paraná. Em 2014 esse projeto é renovado através do programa “Petrobras Socioambiental”, ampliando a abrangência do projeto de maneira que, no litoral do Paraná, o número de beneficiários aumenta para 55 famílias, agora divididos em dois grupos, um no município de Antonina-PR e outro em Morretes-PR. Nesse período a Cooperafloresta, ainda, desenvolveu um outro projeto que também beneficia alguns agricultores de Morretes chamado “Frutos da Agrofloresta” realizado com recursos do programa “Petrobras Socioambiental”.

Além dos projetos da Cooperafloresta houveram também outras ações que contribuíram para o fortalecimento dos trabalhos com sistemas agroflorestais no município de Morretes. São eles: o projeto Redes de Comercialização, desenvolvido pela Motirõ Sociedade Cooperativa; o projeto Agroflorestas I e II desenvolvido pela Embrapa; um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal do Paraná, bem como a participação dos estudantes de vários cursos dessa

universidade, em especial da Agroecologia, diversos mutirões e ações na região; e também a participação de diferentes instituições em reuniões e trabalhos pontuais como a COPEL, o IAPAR, a EMATER, dentre outras.

A Sociedade Cooperativa Motirão foi fundada em dezembro de 2009 e, desde então, tem realizado ações e projetos com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da região. No município de Morretes-PR as ações da cooperativa tiveram maior impacto entre os anos de 2011 e 2016 com a realização do projeto Redes de Comercialização. A partir dos trabalhos desta cooperativa foi proposto um trabalho de intervenção na coordenação da Associação Morretes Agroflorestal Ecológica (AMAE) fundamentado na Teoria da Atividade e no método do Laboratório de Mudanças (LM) que resultou na Dissertação de Mestrado do aluno Osni Arturo Francisco Junior para o curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná.

No final de 2012 foram realizadas reuniões para a organização de mutirões que visavam o plantio, o manejo e a comercialização da produção agroflorestal das famílias envolvidas com as ações das organizações que integram o arranjo. A construção, o acompanhamento e a avaliação de planos para o fortalecimento da agricultura familiar (reuniões de gestão das ações e projetos, envolvendo as diversas instituições participantes desta iniciativa) passam a ocorrer de forma periódica. Fatores como a distância entre as pessoas e as sedes das instituições que participam da rede, ausência de mecanismos coletivos de gestão e a não sistematização das experiências (de modo que os envolvidos possam se apropriar do processo de gestão), implica em obstáculos para o aumento no desempenho das ações do coletivo (SANTOS, 2016).

Com o fortalecimento da relação entre essas pessoas, começam a se materializar iniciativas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar através da comercialização em feiras livres da agricultura familiar, promovidas pela UFPR, do uso do fruto da palmeira Juçara (*Euterpe edulis*), promovido pela Embrapa Florestas, e dos sistemas agroflorestais nos municípios do litoral do Paraná, promovidos pela EMBRAPA, UFPR, EMATER e COOPERAFORESTA. Essas iniciativas começam a impactar a vida dos agricultores que passaram a integrar esses arranjos e pautar outras temáticas como a reforma agrária, as barreiras impostas pela legislação e

fiscalização ao manejo das áreas de regeneração, a agroindustrialização e a organização para a comercialização dos produtos (SANTOS, 2016).

O processo de desenvolvimento sustentável deve, portanto, passar pela promoção de reflexões que levem a formalização de experiências pelos sujeitos da ação. Essa formalização deve ser entendida como o processo de sistematização e de organização das experiências do arranjo de fomento da produção de base agroflorestal, a fim de que os sujeitos envolvidos com as iniciativas possam revivê-las e ressignificá-las, tomando para si as rédeas da construção de novas experiências (SANTOS, 2016).

A partir da crise socioambiental global, debatida em eventos de âmbito internacional, como a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992, parte da sociedade tem se sensibilizado pelas questões ecológicas e sociais das suas atividades. No campo da produção de alimentos, iniciativas das mais diferentes formas de agricultura ecológica têm sido crescentes no mundo todo. No Brasil, formas alternativas de agricultura surgiram na década de 70 ainda no período de modernização, em 80 e 90 ocorre um período de expansão apoiado por organizações não-governamentais. Com o evento da eco-92 a agricultura alternativa passa a ser entendida como agricultura sustentável. Após este período há uma reconfiguração deste movimento, que passa a ser reconhecido na sociedade como movimento agroecológico. Com isto, a agricultura ecológica é institucionalizada, surgindo as políticas de apoio ao movimento (BRANDENBURG, 2002). Hoje, o conceito que melhor caracteriza as formas de agricultura sustentável é a Agroecologia, pois abrange as dimensões econômica, ecológica, social, política, cultural e ética.

A Agroecologia é entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL e COSTABEBER, 2000a; 2000b; 2001). A transição (processo de conversão) provoca transformações na organização do trabalho na medida que transita por níveis. O processo de conversão está descrito na página 573 a 575 de: GLIESSMAN, 2000).

O estudo de DELEAGE (2000), realizado no Oeste da França, mostra que os agricultores ecológicos tendem a reproduzir a autonomia na organização do seu

trabalho, buscando um grau de domínio das atividades internas que disponibilize tempo para atividades que não são diretamente econômicas: militância política e religiosa; atividades culturais e artísticas, etc. Por outro lado, a unidade de produção ecológica também sofre pressão das regras de mercado à medida que a demanda de produtos ecológicos aumenta. Desse modo, de acordo com Brandenburg (2002), as estratégias de organização da produção também se diferenciam diante de um mercado competitivo e globalizado, exigindo a construção de formas alternativas de comercialização.

Para conquistar seu espaço no mercado formal, os produtores ecológicos estão se desafiando a atender os padrões de consumo do mercado massificado, seguindo normas técnicas pensadas a partir da realidade da agricultura industrial, tendo também que comprovar sua proposta através de meios de certificação. Nesse sentido, os agricultores praticantes de uma agricultura sustentável têm sido motivados a se organizarem em associações autogestionáveis, construindo um espaço de discussão sobre as condições de sua existência e formas de enfrentamento dos problemas relativos à produção e comercialização. O preço dos produtos também tem sido uma preocupação por parte dos agricultores ecológicos, pois a tendência à redução dos preços poderia eliminar as vantagens econômicas da agricultura ecológica frente a agricultura convencional (BRANDENBURG, 2002).

Conforme Gliessman (2000), por um lado a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro é um agente para mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável, sendo “a ciência da aplicação de conceitos e princípios ecológicos ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis” (GLIESSMAN, 2000). Já agroecossistema é um local de produção agrícola - uma propriedade agrícola, por exemplo [...] (GLIESSMAN e ROSEMEYER, 2010, p. 61).

Caporal e Costabeber (2002, p. 71), nos alertam que uma agricultura realmente sustentável deve contemplar seis diferentes dimensões, a saber: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética.

Sob a perspectiva ecológica, a preservação e conservação dos recursos naturais é vista como condição essencial para a continuidade dos processos de

reprodução socioeconômica e cultural da sociedade, em geral, e de produção agropecuária, em particular, numa perspectiva que considera tanto as atuais como as futuras gerações (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p. 75 e 76). As unidades de produção agrícola são tidas como um organismo vivo onde o homem interage com solo, planta, animal, constituindo um todo articulado. As diversas atividades se complementam, de forma a se nutrirem energeticamente e se integram de forma interdependente. A natureza não é negada nem substituída por outros processos de produção, mas atua como aliada, fundamentando padrões de orientação de gestão produtiva. Natureza e homem, aqui, estão intrinsecamente ligados por elementos comuns, à medida que o primeiro expressa sua subjetividade e racionalidade (BRANDENBURG, 2002). A natureza é, então, racionalmente cultivada e preservada, vista não só como instrumento ou recurso, mas como elemento de preservação e de recriação da vida, coerente com a perspectiva ergológica.

Socialmente, a preservação ambiental e a conservação dos recursos naturais somente adquirem significado e relevância quando os produtos dos agroecossistemas de bases renováveis também são eqüitativamente apropriados e usufruídos pelos diversos segmentos da sociedade. Esta noção inclui também nossa relação com as futuras gerações, preocupando-se em preservar recursos para estes. A própria preocupação com o uso de produtos nocivos à saúde humana é um princípio que permeia as dimensões social, ecológica, cultural, ética e moral dentro da viabilidade econômica (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p. 77).

Na dimensão econômica, as preocupações da agricultura sustentável não se restringem ao aumento da produtividade e minimização de custos. Para Caporal e Costabeber (2002), a economia da agricultura sustentável está ligada ao balanço energético das atividades onde os aspectos monetários e não-monetários são de igual relevância. A propriedade é vista como um sistema de elementos que têm necessidades e ofertas que não estão necessariamente atreladas ao dinheiro, como é o caso da alimentação das famílias, que pode ser produzida por elas mesmas com um custo energético muito menor.

Culturalmente, existe a preocupação em respeitar a diversidade e especificidade das culturas locais, incluindo seus conhecimentos e valores. Novamente Caporal e Costabeber (2002) defendem que, portanto, a produção deve

caracterizar a identidade cultural das populações sem ceder às pressões do mercado.

Ainda para Caporal e Costabeber (2002, p. 78) o desenvolvimento rural sustentável deve considerar as relações de diálogo e de integração com a sociedade maior, através de representação em espaços comunitários ou em conselhos políticos e profissionais. Chambers (1983) lembra que, desta forma, espera-se que os agricultores e camponeses se transformem nos "arquitetos e atores de seu próprio desenvolvimento", sendo uma condição indispensável para o avanço do empoderamento dos agricultores e comunidades rurais como protagonistas e decisores dos rumos dos processos de mudança social.

A dimensão ética indica a revisão dos valores dos grupos sociais, orientando mudanças que não são necessariamente homogêneas. Enquanto que em países mais dominantes o caminho pode ser a moderação do consumo, nos países dominados este valor pode não ser tão prioritário quanto o resgate da cidadania e da dignidade humana.

A concepção da agroecologia como um outro paradigma de produção não representa, portanto, apenas um modelo mais próximo das condições naturais, mas uma relação unicista do ser humano com seu meio. Aqui, o ser humano passa a ter um objetivo comum com as demais espécies, reforçando a sua dimensão e identidade natural. A reprodução da vida como um todo torna-se parte do projeto social do agricultor alternativo (BRANDENBURG, 2002).

“A agricultura familiar como uma categoria genérica é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 1996, p. 2). Para esta autora este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo porque tem consequências fundamentais no agir econômico e social.

Conforme Gliessman (2000), Por um lado, a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável. Já

agroecossistema é um local de produção agrícola – uma propriedade agrícola, por exemplo [...] (GLIESSMAN, 2000, p. 61).

A ampla gama de desafios que se colocam aos responsáveis pela produção ecológica evidencia a complexidade desta prática profissional, representando um grande desafio onde a responsabilidade não deve, possivelmente, se restringir aos agricultores. Supõe-se que o diálogo entre o pesquisador e os agricultores ressaltam os conflitos de interesse oriundos da contradição primária (valor de uso e valor de troca, ou uso de si por si e uso de si pelos outros) estimulando os trabalhadores a reorganizarem seu trabalho.

Estamos interessados nesta problemática porque queremos discutir a seguinte questão:

O diálogo entre o pesquisador e os trabalhadores (agricultores), sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural da Atividade, auxilia os agricultores na superação dos limites do seu trabalho?

1.1 CONTEXTO DO TRABALHO PESQUISADO:

Antes da definição do objeto de análise foi feita uma aproximação à comunidade da associação dos agricultores entrevistados onde, nos meados de setembro de 2016, começamos acompanhar um processo de intervenção de trabalho do Laboratório de Mudanças baseado na Teoria da Atividade de origem finlandesa a partir dos trabalhos de Yrjö Engeström e sua equipe (JUNIOR, 2018), o qual finaliza suas intervenções em dezembro de 2016. Em janeiro e fevereiro de 2017 voltamos a participar de 07 dias de campo onde a principal atividade consistia no planejamento da produção. Esta atividade foi realizada por 08 agricultores pertencentes à associação da região. Nosso retorno à comunidade se realiza em alguns momentos esporádicos durante os meses de maio e junho. Mas voltamos efetivamente em novembro de 2017, a partir da inserção no cotidiano de trabalho dos agricultores com uma periodicidade de, no mínimo, 15 em 15 dias.

Neste primeiro movimento foi feito o contato com alguns agricultores que residem na Gleba Pantanal pertencente ao assentamento Nhundiaquara, situado no município de Morretes, localizado no litoral do Estado do Paraná. Morretes integra em conjunto com outros seis municípios, a região litorânea do Estado. O município não possui acesso ao mar e se caracteriza como um município economicamente rural.

A gleba pantanal, segundo Alano (2008), é a última das áreas do assentamento Nhundiaquara a ser ocupada. Sua ocupação tem início com a vinda de pessoas da região metropolitana de Curitiba e de alguns municípios do litoral para residirem na região. As ocupações na gleba pantanal se iniciam no ano de 2001, mas só em 2005 que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão federal responsável pelo assentamento de famílias em áreas de reforma agrária no Brasil, registra as famílias que estavam ocupando os lotes (Idem). A regularização dessas famílias possibilita que os moradores acessem políticas públicas voltadas para a habitação em assentamentos rurais (Idem).

A gleba Pantanal está localizada no interior do município de Morretes, distante aproximadamente 8,5 quilômetros do centro do município a região é composta por lotes com área aproximada de 4 hectares (Idem). A agricultura que prevalece na gleba pantanal é a agricultura voltada para o consumo familiar. Durante a pesquisa foi possível identificar que prevalece na região uma produção de alimentos diversificada, englobando alimentos de origem vegetal e animal. A produção de hortaliças, grãos, frutas e a criação de pequenos animais se destacam.

No ano de 2011 a Cooperafloresta passa a integrar o arranjo institucional que buscou promover alternativas de produção de base ecológica, a partir de um trabalho denominado projeto Agroflorestar, que proporcionou uma série de inovações agroecológicas e promoveu alternativas de produção de base ecológica, como os sistemas agroflorestais¹. Selecionamos um agroecossistema, onde o principal critério foi respeitar a indicação do coletivo da AMAE. No agroecossistema indicado trata-se do local onde as primeiras agroflorestas foram implementadas. Os

¹ Siddique (2014, p. 17) conceitualiza os sistemas agroflorestais como: “Sistemas de manejo da terra que integram cultivos herbáceos e lenhosos simultânea e intencionalmente com fins produtivos que visam a provisão de múltiplos benefícios sócio-econômicos, ecológicos e culturais, assim como a redução de insumos externos, desta forma aumentando a sustentabilidade e resiliência do sistema agroalimentar”.

agricultores pertencentes a este agroecossistema são considerados agricultores de referência para este coletivo, pois um deles exerceu o papel de agente multiplicador² do projeto Agroflorestar e outro secretariou o projeto na região por 2 anos.

Este projeto da Cooperafloresta iniciou no Vale do Ribeira em 2010 e chega no litoral paranaense por volta de 2011 (SANTOS, 2016). A Cooperafloresta desenvolveu um trabalho numa abordagem de extensão rural horizontal, onde havia um corpo técnico e agricultores chave que vivenciavam experiências de concepção, implantação e manutenção de Sistemas Agroflorestais Sucessionais Multiestratificados com este corpo técnico e que por sua vez em retorno às suas comunidades repassavam o que compreenderam aos colegas de suas comunidades, num processo de aprendizagem intitulado de agricultor para agricultor. A região de Morretes era apenas uma região de trabalho desta cooperativa, neste caso a região contava com dois agentes multiplicadores remunerados, sendo o trabalho de um deles o objeto de estudo na presente pesquisa.

Esta região contemplava uma gleba do assentamento rural recente, que iniciou por volta de 2006 que representava um desafio pois tinha pouquíssima estrutura e enfrentava preconceitos por parte dos moradores do município. Durante a realização do projeto o agente residente na Gleba Pantanal exerceu um papel articulador entre instituições como EMBRAPA, EMATER, UFPR Setor Litoral e também grande liderança perante os assentados. O agricultor que estamos acompanhando neste trabalho exerce as mesmas funções mas com menor experiência e em algumas atividades apresenta maior desenvoltura. O trabalho deles era baseado em mutirões como espaço de ensino, implantação e mais tarde manutenção de áreas. O projeto contava com eventual presença membro do corpo técnico da Cooperafloresta para ministrar um técnica específica ou atividades de análise dos sistemas agroflorestais.

Por mais que seja constituído por organizações com maior entrosamento e interesse com a temática dos sistemas agroflorestais de base ecológica, fatores como a distância entre as pessoas e as sedes das instituições que participam da rede, a ausência de mecanismos coletivos de gestão e a não sistematização das

² A função de agentes multiplicadores pode ser compreendida como a de trabalhadores que recebem determinada formação e reproduzem os conhecimentos de forma horizontal (de agricultor para agricultor) nos contextos onde estão inseridos.

experiências (de modo que os envolvidos possam se apropriar do processo de gestão), implica em obstáculos para o aumento no desempenho das ações do coletivo (SANTOS, 2016). Os limites impostos pela gestão desses espaços não são muito diferentes dos espaços formais (como os conselhos) (SANTOS, 2016).

Santos (2016) destaca que o deslocamento do técnico até o lote dos agricultores beneficiários do projeto era realizado de bicicleta. O trajeto realizado de bicicleta possibilita atravessar uma ponte que separa a gleba Pantanal do Cascatinha, local de residência do técnico. Caso esse deslocamento fosse realizado com automóvel, o trajeto a ser feito seria muito maior devido à impossibilidade de travessia da ponte com o veículo.

Esses agricultores também passaram por um processo de tentar formalizar uma associação, que não se estabeleceu por completo no decorrer do tempo, possivelmente pelo motivo de se associar a um projeto de responsabilidade de alguma instituição governamental, neste caso, financiado pela Petrobras. Normalmente comunidades não se co-responsabilizam com projetos “feito para eles”, as comunidades buscam maximizar os benefícios imediatos e minimizar os custos. Neste sentido existe sempre o debate entre participar para receber o benefício do projeto (sementes, mudas adubos, equipamentos, diárias, etc) e minimizar as responsabilidades. Logo, este é um problema dos gestores do projeto e não dos agricultores. Com o tempo e com os problemas se agravando, o grupo de agricultores ecológicos foi diminuindo, e cada um foi trabalhando mais isoladamente. Uma questão importante a ser verificada é se este trabalho da cooperativa foi efetivo e eficiente, observando o que restou de todo o trabalho realizado e dos discursos dispensados.

Na dissertação da mestre Kaminski, T. C. G., por volta de 2013, foi observado a diferença do que era orientado pela cooperativa, como o espaçamento das entrelinhas, o que era feito nos mutirões e o que era feito isoladamente pelos agricultores.

Depois de vários anos de decorrência deste sistema de aprendizagens fica interessante entender como os agricultores estão realizando seu trabalho hoje, tendo indicações de que eles voltaram a fazer conforme o prescrito em alguns aspectos e em outros estão fazendo diferente, gerando uma situação totalmente nova. Por outro

lado, pensando numa dinâmica econômica fica difícil prever o que e quanto vai ser produzido pelos mesmos, indicando ainda limites a serem superados.

Após definir os agricultores entrevistados procurou-se delimitar a unidade de análise, onde os conceitos como corpo-si, usos de si, normas antecedentes, renormalização, entidades coletivas relativamente pertinentes e saberes investidos figuram como os elementos para se acompanhar na organização do trabalho. A ótica da tomada de decisão dos agricultores, tradicionalmente prescritiva da tarefa, reforça a necessidade de um deslocamento de foco na tarefa para o trabalho real, que conceitualmente aborda o trabalho como atividade humana, repleta de singularidades. A delimitação geográfica do estudo consiste no agroecossistema que os gestores chamam de “Estação Agroecológica Marumbi”, que compreende cerca de 200 alqueires de terra no município de Morretes-PR.

1.2 JUSTIFICATIVA:

Este trabalho está sendo realizado devido à proximidade que se tem com o meio rural e particularmente com a ciência da Agroecologia. Antes desta dissertação, o autor deste trabalho concluiu uma graduação e uma especialização em Agroecologia, que foram concluídas com monografias em pesquisas sociais, contemplando os conhecimentos dos agricultores e camponeses.

O autor convive há anos, em maior ou menor medida, com agricultores ecológicos organizados desde pequenas associações e cooperativas quanto as de âmbito maior, como a Via Campesina³ e a Rede Ecovida de Agroecologia⁴.

³ A Via Campesina é um movimento internacional que reúne milhões de camponeses, pequenos e médios agricultores, sem-terra, mulheres e jovens das zonas rurais, povos indígenas, migrantes e trabalhadores agrícolas de todo o mundo. A organização visa articular os processos de mobilização social dos povos do campo em nível internacional. Origem: Website institucional da Via Campesina. Disponível em: <https://viacampesina.org/en/international-peasants-voice/>. Acesso em: 25/07/2018.

⁴ Rede Ecovida é um grupo organizado de cerca de 4.500 famílias de agricultores ecológicos e 20 ONG's da região Sul do Brasil que promovem a Agroecologia através da formação e de formas de viabilização desta atividade. Origem: Website institucional da Rede Ecovida. Disponível em: <http://ecovida.org.br/sobre/> Acesso em: 25/07/2018.

Ao ingressar na Linha de Ruralidades deste Programa de Mestrado, deparou-se com a Ergologia e viu nela o potencial de estudar o trabalho agroecológico tendo como foco o próprio trabalhador e sua saúde e qualidade de vida.

A Ergologia foi escolhida para analisar as estratégias organizacionais estudadas por ser entendida como um ramo da Teoria da Atividade que estuda os princípios que regem o trabalho. Segundo Trinquet (2013), a Ergologia parte do princípio de que o trabalho é uma necessidade fundamental do homem e esta atividade humana deve ocorrer em boas condições. Tendo boas condições proporcionará uma boa saúde física e mental e com isso uma vida melhor em seu contexto social. Porém, no meio rural, ainda se observam más condições de vida. Dados estatísticos revelam que o meio rural tem deixado de ser considerado um lugar de vivência e convivência das pessoas para ter como maior, e talvez até única finalidade, a exploração dos recursos naturais.

Por exemplo: No período entre 1980 e 2010, observamos que a população urbana brasileira aumentou de 67,70 para 84,36%, enquanto que a população rural diminuiu de 32,30 para 15,64% no mesmo período (Veja detalhadamente no gráfico abaixo).

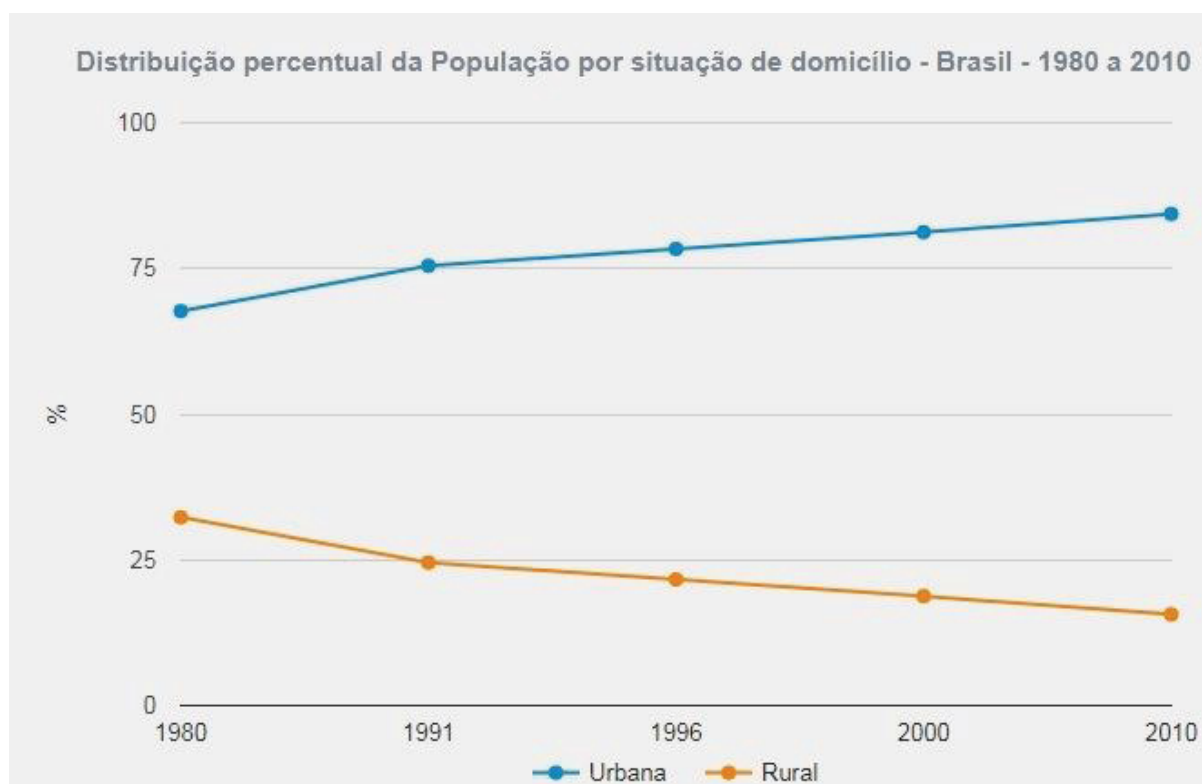


Gráfico 01 - Evolução da população por situação do domicílio. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980, 1991, 2000 e 2010, e Contagem da População 1996.

Os dados relativos à forma de abastecimento de água também indicam a desigualdade urbano-rural (gráfico abaixo).

Domicílios urbanos e rurais segundo a forma de abastecimento de água - Brasil 2004					Tabela 24
Forma de abastecimento de água	Urbanos		Rurais		
	Nº absolutos (em 1.000)	%	Nº absolutos (em 1.000)	%	
Com canalização interna	41.659	95,1	4.615	58,0	
Com canalização interna - rede geral	39.569	90,4	1.634	20,5	
Com canalização interna - outra forma	2.091	4,8	2.981	37,5	
Sem canalização interna	2.135	4,9	3.343	42,0	
Sem canalização interna - rede geral	942	2,2	411	5,2	
Sem canalização interna - outra forma	1.193	2,7	2.932	36,8	
TOTAL DE DOMICÍLIOS	43.795	100,0	7.958	100,0	

Fonte: IBGE. PNAD
Elaboração: DIEESE

Gráfico 02 - Domicílios urbanos e rurais segundo a forma de abastecimento de água. Fonte: IBGE.

Em estudo realizado no município de Capanema-PR, Valandro (2014, p. 57) ilustra o problema de escassez de mão de obra na agricultura familiar ecológica, indicando que a maior parte dos agroecossistemas por ela pesquisados dispõem de 1 a 2 unidades de trabalho homem (UTH) por agroecossistema e raros são os agroecossistemas que dispõem de mais de 3 UTH's para a execução de trabalhos.

Todos esses dados revelam o desafio, tanto para população quanto para o governo, em fazer das zonas rurais um lugar digno e saudável de se viver.

Embora a adoção de tecnologias alternativas à agricultura convencional possa representar um avanço na qualidade do trabalho agroecológico, poucas pesquisas têm se dedicado a observar a situação de trabalho destes produtores, tanto no aspecto das condições físicas quanto organizativas.

Neste trabalho buscamos, portanto, colocar em marcha o diálogo entre o pesquisador e os trabalhadores, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural da Atividade, verificando como este diálogo é capaz de auxiliar no desenvolvimento do trabalho, como, por exemplo, através da geração de conhecimentos que resolvam o problema da falta de mão de obra neste tipo de trabalho.

Existe a possibilidade de que os agricultores se utilizem de estratégias organizacionais para solucionar os desafios a eles colocados, e o presente caso pode servir de exemplo para outras pessoas que trabalham direta ou indiretamente

com a Agroecologia. O ser humano organiza seu trabalho na busca de uma eficiência/eficácia, tendo como um fator limitante sua própria saúde. A eficiência é relativa ao objetivo do trabalho (econômico, auto sustento, saciar a fome, superar os limites) e refere-se ao ato de “fazer certo as coisas”, enquanto que a eficácia consiste em “fazer as coisas certas”.

Santos (2016) sustenta que o processo de desenvolvimento sustentável deve, portanto, passar pela promoção de reflexões que levem a formalização das experiências pelos sujeitos da ação. Essa formalização deve ser entendida como o processo de sistematização e de organização das experiências do arranjo de fomento da produção de base agroflorestal, a fim de que os sujeitos envolvidos com as iniciativas possam revivê-las e ressignificá-las, tomando para si as rédeas da construção de novas experiências (Idem).

1.3 OBJETIVOS:

1.3.1 OBJETIVO GERAL:

Experimentar o diálogo entre o pesquisador e os trabalhadores, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural da Atividade, como uma forma de desenvolvimento do trabalho agroecológico.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Acompanhar e registrar a organização do trabalho da família de agricultores escolhida;
2. Identificar as contradições presentes no trabalho desses agricultores;
3. Sistematizar os instrumentos utilizados para a superação dessas contradições.

2. REFERENCIAL TEÓRICO:

Entendemos aqui, como Schwartz (2008), que a ambição e a capacidade de conceituar são inerentes à condição humana, e implica em problematizar a fabricação do saber. Uma vez que os conceitos só se tornam eficientes ao se neutralizar a história (SCHWARTZ, 2002), representam certa “mutilação”. Por outro lado, pensar através de conceitos é uma necessidade que implica na tomada de consciência daquilo que se busca compreender, constituindo um instrumento a serviço não apenas do conhecimento, mas também da vida (DURRIVE, 2011).

Isto nos leva a crer que a negação da elaboração conceitual pode ser acusada de impedimento de um exercício formador, do retrabalho dos valores humanos, sociais e coletivos, impedimento da renovação dos saberes formais que problematizam o bem e (re)conceituam o mal, fundamentais para a transformação dos meios de vida (HOLZ e BIANCO, 2014, p. 158).

Portanto, para que a tarefa fundamental de conceituar não se resuma a esta “mutilação”, apresentamos, de forma pré-escrita, o quadro conceitual aqui proposto, associados aos seus respectivos contextos históricos e sociais, e adotando como postura epistemológica a prática de “mostrar lugares escondidos, lógicas internas que não aparecem, filiações e rupturas históricas nos sistemas conceituais e remetê-los eventualmente a complexos de valores e de escolhas” (SCHWARTZ, 2004b).

As produções no campo de conhecimento da ergologia, normalmente contribuem para a desnaturalização de discursos gerenciais que, mesmo que poucos com respeito ao ambiente rural, em muito ainda preservam a lógica taylorista-fayolista de planejamento, organização, direção e controle, que essencialmente visa anular as singularidades do trabalho real em detrimento da prescrição e da generalização. Colocamos ênfase para um movimento de restituição da atividade de trabalho ao agricultor, vínculo bruscamente rompido com a instauração e disseminação do modelo taylorista de produção.

O referencial teórico aqui presente, se assume como algo pré-escrito para este trabalho, tendo uma ampla possibilidade de revisão e complementação, já que também está sujeito a um processo sócio-histórico. Estas possíveis transformações são, inclusive, por nós, almejadas, levando em consideração que existe uma dimensão de qualquer atividade humana conduzida pela causalidade.

2.1 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DA ATIVIDADE:

Na Teoria da Atividade (TA), a aprendizagem é situada em atividades humanas. Aprendizagem enquanto sistema de determinados tipos de atividade cuja realização conduz a novos conhecimentos e práticas, cujas ocorrências são manifestadas sempre em condições sociais e históricas em que se realizam (CAMARGO, 1997). Por sua vez, a TA é uma linha teórica e de pesquisa interdisciplinar proveniente da psicologia sócio-histórica e cultural russa, iniciada nos anos 1920 e 1930 pelos psicólogos Vygotsky, Luria e A. N. Leontyev (CASSANDRE; BULGACOV; CAMARGO, 2011; ENGESTRÖM; SANNINO, 2010). A TA teve início com estudos sobre o desenvolvimento das crianças e se expandiu para os estudos da atividades de trabalho, tais como serviços bancários, de saúde, trabalho legal e na agricultura (QUEROL, et al., 2014).

2.2 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ATIVIDADE:

O conceito de atividade foi inserido pelo filósofo alemão Georg W. Friedrich Hegel, que reconheceu o papel da atividade produtiva e os instrumentos do trabalho no desenvolvimento do conhecimento (ENGESTRÖM, 1987; SANNINO, 2011). Esse autor propõe que a consciência humana é formada sob a influência do conhecimento acumulado pela sociedade ao longo da história e que esse conhecimento é objetivado através da criação de artefatos pela humanidade (QUEROL et al., 2014).

As opiniões de Hegel foram desenvolvidas por Karl Marx, que considera o homem não apenas como um produto da história e da cultura, mas também como um transformador da natureza e um criador (QUEROL et al., 2014). Marx enfatiza o aspecto ativo dos seres humanos, capazes de mudar o mundo propositalmente e criar coisas novas que vão além de sua capacidade real, ao invés de simplesmente adaptarem-se às mudanças do ambiente (Idem).

Baseado no conceito de atividade de Marx (1976), Vygotsky (1978) criou a ideia da mediação cultural da ação humana, cujo conceito tornou-se central na TA. Mediação cultural significa que a relação entre o sujeito e o objeto é mediada por artefatos culturais (Figura 01). Um artefato se refere a um aspecto do mundo material (e conceitual) que tenha sido modificado ao longo da história da sua

constituição através de ações (COLE, 1996, p. 117). De acordo com Cole (1996), o conceito de artefato como produto da história humana oferece uma maneira de superar a dualidade entre o interno e o externo, ideal e material.

O modelo básico de mediação proposto por Vygotsky:

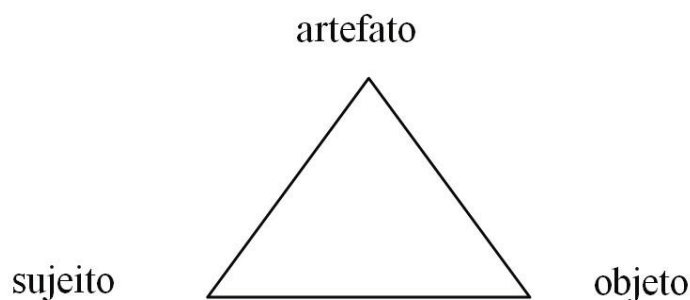


Figura 01 - O modelo básico de mediação proposto por Vygotsky. Fonte: Vygotsky (1978, p. 40).

2.3 ERGOLOGIA:

A Ergologia é entendida aqui como “[...] um projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las” (SCHWARTZ, 2010c, p. 37), ou seja, uma abordagem pluridisciplinar possível para os estudos organizacionais sobre o trabalho, que foi desenvolvida pelo filósofo francês Yves Schwartz (HOLZ e BIANCO, 2014). A ergologia é uma abordagem metodológica que tem por objetivo conhecer melhor a realidade complexa da nossa atividade laboriosa, abordando o conjunto de problemas que a constitui (formação profissional, prevenção dos riscos profissionais, gestão de pessoas, gestão econômica, etc) abrindo assim, perspectivas de mudanças (podem ou não acontecer).

Durrive e Jacques (2010, p. 295) explicam que o prefixo “ergo” origina-se de uma palavra grega que significa “ação, trabalho, obra”. Na ergologia, portanto, a análise é feita tanto quanto possível “do ponto de vista daquele que trabalha”, com o intuito de investigar o permanente debate de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade humana, concentrando-se sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio no qual está engajada (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010b), tendo como intuito “[...] abrir ao máximo o ângulo sobre todas as dimensões

da atividade (matriz do viver), ao mesmo tempo analisando-a à lupa” (ATHAYDE e BRITO, 2011, p. 258).

Como seu foco de análise privilegia o ponto de vista do trabalhador, sua concepção a respeito deste passa a ser central e é elaborada tendo por base o conceito de “corpo-si”, esclarecido a seguir.

2.3.1 O TRABALHADOR: CORPO-SI

Para discorrer sobre o trabalhador e as questões por ele engendradas, a Ergologia não utiliza os conceitos de sujeito ou subjetividade, mas sim de “[...] ‘corpo-si’, árbitro mais íntimo da atividade, [...] que não é um ‘sujeito’ delimitado, definido, mas uma entidade enigmática que resiste às tentativas de ser objetivado” (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010c, p. 196).

Conforme esses autores, o trabalhador é constantemente confrontado com variabilidades na realização de suas atividades, sendo-lhe impossível escapar de microescolhas rotineiras. Diante disso, o corpo-si é o árbitro e gestor dessas variabilidades que o impulsionam a escolher entre trabalhar “por si” ou “pelos outros”, gerindo, assim, seu trabalho. Conforme Schwartz, Duc e Durrive (2010c), essa gestão é atravessada por economias do corpo, por sinalizações sensoriais e visuais, por um tipo de inteligência que passa pelo muscular, pelo neurofisiológico, mas que em seguida passa pela inconsciência do próprio corpo e pelo histórico. Em decorrência, a entidade que arbitra e decide não é inteiramente biológica, nem inteiramente consciente ou cultural, e é por isso que a ideia de corpo-si é posta pelos autores como preferível às noções de sujeito ou subjetividade. Assim tem-se a vantagem de não veicular “[...] certo número de possíveis mal-entendidos ou de evidências que criam obstáculos”, uma vez que todo conceito carrega consigo uma história, aposta e valores (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010c, p. 197).

A compreensão do “corpo si” nos permite o acesso às dimensões da atividade de trabalho dos indivíduos, uma vez que o trabalho nunca é mera execução, trabalho é vida, e não se limita ao uso de si pelo outro, à pura reprodução e execução,

impondo constantemente um uso de si por si, uma criação. Assim, buscamos interpretar as experiências e as atitudes dos sujeitos diante de uma determinada posição social, não eliminando as dimensões de poder em que esses sujeitos estão inseridos, na certeza de que essa base teórico-metodológica possa oferecer elementos para o entendimento das relações que envolvem o cotidiano dos agricultores ecológicos.

Assim, uma vez que busca abarcar o maior número possível de disciplinas para compreender o trabalho humano numa abordagem pluridisciplinar, a Ergologia desenvolve o conceito de corpo-si de modo que não se lhe imponham barreiras epistemológicas drásticas. De modo semelhante, também o conceito de trabalho na referida abordagem diz respeito à dimensão de uso, como melhor se explanará a seguir.

2.3.2 CONCEPÇÃO ERGOLÓGICA DO TRABALHO:

Com base no conceito de “corpo-si”, Schwartz (2000b) justifica a utilização da palavra “uso” para elaborar sua concepção de trabalho e seu lugar privilegiado na abordagem ergológica: o “uso de si” é a manifestação do “si”, sendo este

[...] um sábio desconhecido, o desejo de saúde, o desejo de abrir no mundo cotidiano espaços onde ser norma instituinte, por pouco que se o deseje, que pode tornar possíveis as transferências de afetos e de símbolos entre heranças do desafio infantil e coerções, heranças e possíveis ofertas pelas atividades humanas em cada momento determinado da história; e de tal sorte que esta segunda ordem da realidade não seja simples repetição, mas um retrabalho com profundidade do primeiro (SCHWARTZ, 2000b, p. 47).

Para compreender a questão da importância do ser humano na atividade do trabalho, necessita-se, antes de tudo, reconhecer a diferença entre trabalho prescrito e trabalho real. Grosso modo, a racionalidade exigida pelas organizações não pressupõe as imprevisibilidades e incertezas. Assim, ao realizar a tarefa, o trabalhador percebe que a prescrição do trabalho não corresponde ao que será executado. Dessa forma, ele necessita (re)normalizá-lo a fim de estreitar a lacuna e as dificuldades existentes na sua realização.

Assim, quando se diz que trabalho é uso de si, isso quer dizer que não há execução, mas uso, pois é o indivíduo no seu ser que é convocado; são, mesmo no inaparente, recursos e capacidades infinitamente mais vastos que os que são explicitados e que a tarefa cotidiana requer (SCHWARTZ, 2000a).

Conforme Schwartz, Duc e Durrive (2010d, p. 35), “[...] a ideia de atividade é sempre um ‘fazer de outra forma’, um ‘trabalhador de outra forma’”. Em outros termos, o trabalhador sempre reorganiza o trabalho que lhe é imposto, fazendo escolhas e executando-o de outra maneira, e essa reorganização está ligada à forma como ele sente e enxerga o mundo. Isso porque os indivíduos são únicos e singulares e suas histórias e experiências refletem e interferem na realização do seu trabalho, o que leva todo ato de labor a ser um uso de si por si e pelos outros nos coletivos, repletos de encontro de valores.

Schwartz (2011a) lembra que a simplificação do trabalho é ilusória e parcialmente impossível, uma vez que a atividade técnica – passível de medições e decomposições – é apenas uma das dimensões do trabalho humano, sendo a outra tudo aquilo de enigmático que o “lidar com a técnica” pode comportar. Na concepção ergológica, o conceito de trabalho diz respeito, portanto, à dialética entre essas duas dimensões.

O conceito ergológico de trabalho, portanto, é produto de uma articulação paradoxal: de um lado, é regido por uma exigência epistêmica, ligada ao objetivo de conhecer por meio de arquiteturas regulares e coerentes, características dos conjuntos conceituais, com objetivo de neutralizar o histórico e os juízos de valor e de colocar o pesquisador num posto de descentramento; por outro lado, há uma exigência ergológica que leva ao caminho oposto, aproximando o conceito o mais perto possível de sua aderência local, visando apreender as configurações de saberes e de valores gerados no contexto (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008; SCHWARTZ, 2002).

Ao resgatar o percurso histórico do trabalho, o mesmo é caracterizado como:

- 1) Palco e ator de uma relação de forças entre o geral e o singular não sendo, portanto, algo estanque (HOLZ e BIANCO, 2014, p. 165);
- 2) Inseparável dos meios de vida, reconhecendo assim a impossibilidade de uma neutralidade completa na sua própria construção, bem como no seu caráter interventor (HOLZ e BIANCO, 2014, p. 165);

- 3) Sempre encontro e debate de valores e que, se isso é ignorado, não se pode compreendê-lo bem (SCHWARTZ, 2010b);
- 4) Sempre necessário retrabalhar seu conceito, colocando-se num posto de, como diz Schwartz (2002), desconforto intelectual, uma vez que é normal dispor de conceitos para pensar a ação humana e suas eventuais regularidades, mas não se pode permitir que a racionalidade orientada pelos conceitos elimine o papel do debate de normas e valores na dinâmica da produção de saberes (SCHWARTZ, 2003). Esse exercício formador, que consiste em retorcer e retrabalhar conceitos, faz retrabalhar também os valores humanos, sociais e coletivos rumo à renovação dos saberes formais e disciplinares e à transformação dos meios de vida (DURRIVE, 2011), o que permite ir além de uma antítese, distinguindo conceito e vida sem jamais separá-los (CANGUILHEM, 1994);
- 5) Algo que nunca começou e, ao mesmo tempo, rejuvenesce sem cessar, já que, conforme o autor, os diferentes limiares em que é sempre possível afirmar que o trabalho começa, seja o *homo habilis*, seja o neolítico, seja a emergência do capitalismo, transformaram profundamente a noção do trabalho sem, no entanto, transformar alguns elementos fundamentais (SCHWARTZ, 2004a);
- 6) Impossível de ser simplificado e reduzido à sua execução; e ainda dividido, social ou tecnicamente (SCHWARTZ, 2011). O “trabalho não é só uma realização técnica e/ou mecânica, a qual muitos o reduzem” já que “o trabalho e o Homem estão íntima e enigmaticamente ligados” (TRINQUET, 2012, p.96), o que faz com que a distinção ergonômica entre atividade de trabalho e atividade humana (GUÉRIN, 2001) se esvaeça, uma vez que entre uma ação humana qualquer e um trabalho economicamente caracterizado não há descontinuidade absoluta: ambos são comensuráveis a uma experiência, a de uma negociação problemática entre normas antecedentes e as normas de sujeitos singulares, sempre a serem redefinidas “aqui e agora” (SCHWARTZ, 2004a).

Para pensar o trabalho como atividade humana é, então, necessário compreender a atividade como “[...] um impulso de vida, de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, cruza e liga tudo o que se representa separadamente (corpo/espírito; individual/coletivo; fazer/valores; privado/profissional; imposto/desejado, etc.)” (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.23).

2.3.2.1 Confusão entre trabalho e atividade de trabalho:

Trinquet (2010) escreve que a atividade é tomada no sentido de atividade interior. É o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os “outros”. Embora essa seja uma idéia abstrata, é muito fecunda e eficaz. Definitivamente, é o que faz com que o trabalho possa se realizar e, de fato, se realiza. Na ergologia, nós nomeamos essa situação de: debate de normas e de transgressões, o que, frequentemente, resulta em renormalizações. Para explicar estes conceitos é preciso, antes, definir em que consiste a atividade de trabalho.

De modo geral, há interesse pelo trabalho, mas não pela atividade. Entretanto, esses dois termos não são semelhantes. Quando pedimos a um assalariado, qualquer que seja a sua área, que nos explique o que faz, ele descreve sempre o seu trabalho, jamais, descreve, espontaneamente, a sua atividade. É preciso muita perseverança, convicção e confiança para conseguir fazê-lo falar de sua atividade.

A atividade de trabalho, é, necessariamente, composta por uma parte na qual nos referimos como antecipável, ou seja, haja visto que toda situação de trabalho é sempre aplicação de um protocolo: há normas a respeitar, um regulamento a aplicar, não somente por questões de responsabilidade, mas também porque essas normas são, em parte, experiência capitalizada, escolhas políticas, escolhas orçamentárias que se devem traduzir (SCHWARTZ, 2010a). Porém, também existe a outra parte na qual afirmamos que é não antecipável, pois toda “a atividade é sempre ancorada no presente” (DURRIVE, 2011, p.51) e portanto, toda situação de atividade é, sempre, numa proporção jamais antecipável, não somente encontro, mas encontro de encontros a gerir (SCHWARTZ, 2010a), o que remete à singularidade na atividade cotidiana de trabalho, aos efeitos da dimensão histórica de toda prática, à não repetibilidade perfeita das situações humanas, sociais, produtivas (SCHWARTZ, 2004a).

Essa dialética ocorre entre dois registros, chamados por Schwartz (2010b) de Registro Um e Registro Dois, ou ainda por Daniellou (2001) de “Trama e Urdidura”. O Registro Um, visível e relativamente interpretável, refere-se ao lado pré-determinado que toda atividade comporta: objetos, técnicas, tradições, o codificado, as ferramentas, tudo o que pode ser conservado, escrito e transmitido anteriormente,

regras, prescrições, leis, procedimentos técnicos extraídos de conhecimentos científicos, etc. (HOLZ e BIANCO, 2014, p. 167); já o Registro Dois é sempre enigmático, e se refere ao ato humano de lidar com o Registro Um, àquilo que faz reviver as técnicas num dado momento (SCHWARTZ, 2010b) em que cada sujeito aplica de sua maneira.

Essa articulação engloba e amplia a distinção ergonômica entre trabalho prescrito e trabalho real. A dialética dessas duas dimensões nos faz compreender a atividade laboral como “a maneira pela qual as pessoas se engajam na gestão dos objetivos do trabalho, num lugar e num tempo determinados, servindo-se dos meios disponíveis ou inventando outros” (TELLES e ALVAREZ, 2004, p.72). A noção de normas antecedentes, no entanto, conforme ressaltam as autoras, é mais abrangente que a de trabalho prescrito, elas possuem caráter híbrido: abarcam restrições de execução heterodeterminadas; são construções históricas; indicam valores que não se referem apenas a uma dimensão monetária.

Entretanto, “a norma não tem autoridade de uma lei natural [...], sendo a expressão daquilo que uma instância avalia como devendo ser” (DURRIVE, 2011, p.49). Essa instância, de acordo com o autor, pode ser exterior ao indivíduo (normas exógenas, aquilo que se exige de cada um, que se tenta lhe impor), mas pode ser também o próprio indivíduo, uma vez que cada um tende a definir suas próprias normas para agir, e isso porque, como afirma Canguilhem (1947), **todo homem quer ser sujeito de suas normas, sendo esse desejo algo vital**. Assim, cada vez que o indivíduo é convocado a agir, ele é confrontado com o que **se** exige dele e com o que ele exige de si, e então ele entra num debate de normas (DURRIVE, 2011), o que leva a compreender o trabalho, atividade humana, como um uso de si.

O uso de si, por si, refere-se ao posicionamento que cada trabalhador toma diante das normas com as quais se depara, fazendo escolhas que levam em conta seus gostos, sua inteligência, sua história e sua sensibilidade, re combinando valores e critérios na busca por uma adequação à sua “realidade”; **por outro lado**, o uso de si **pelos outros** remete a um conjunto de estatutos diversos, uma vez que jamais se trabalha totalmente sozinho, sendo que os “outros” podem ser os colegas de trabalho, os avaliadores, os que pagam pelo trabalho, os que fazem a prescrição, fazendo do trabalho uma realidade profundamente coletiva e profundamente individual, visto que é profundamente singular (SCHWARTZ, 2004a).

Considerando que os indivíduos são únicos e singulares, e suas histórias experiências refletem e interferem na realização de suas atividades, todo ato do trabalho é um uso de si, por si e pelos outros nos coletivos de trabalho, chamados por Schwartz (1998, 2004a, 2004b) de “dramáticas de uso de si”.

Uma *dramatique* é, portanto, o lugar de uma micro-história, essencialmente inaparente, na qual cada um se vê na obrigação de se escolher ou escolher orientar sua atividade de tal ou tal modo (SCHWARTZ 1998). Quando se diz que trabalho é uso de si, isso quer dizer que é o indivíduo no seu ser que é convocado para arbitrar as escolhas; são, mesmo no inaparente, recursos e capacidades infinitamente mais vastos que os que são explicitados, que a tarefa cotidiana requer, mesmo que esse apelo possa ser globalmente esterilizante em relação às virtualidades individuais (SCHWARTZ, 2000). O conceito “usos de si” possibilita aportar entendimento das estratégias de interação e confronto entre normas criadas pelos próprios agricultores com suas histórias, valores e saberes com aquelas normas estabelecidas pelo seu coletivo de trabalho.

Ao mesmo tempo nos utilizamos da palavra “uso” como empregada em Schwartz (2000b) para elaborar sua concepção de trabalho e lugar, que envolve variáveis a serem geridas, escolhas, arbitragens, decisões, e ponderações que o autor chama de “uso de si”, isto é, a manifestação do “si”, possibilitando que o trabalhador mobilize e realize as atividades de trabalho de modo a gerir os conflitos desses usos. Com base no conceito de “corpo-si”, Schwartz (2000b) justifica o “uso de si” é a manifestação do “si”, sendo que a noção de corpo-si remete às profundezas do que se é, um “alguma coisa” que ninguém poderá expressar totalmente em palavras, uma obscuridade que afasta o indivíduo de toda objetivação e que não faz dele “um objeto a ser descrito”, restituindo assim a forma pela qual ele sempre escapa, a seu jeito, de ser objetivado. “Ninguém jamais poderá encerrá-lo em uma moldura, por mais sedutora que ela seja” (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010e, p. 198). Assim, uma vez que busca abarcar o maior número possível de disciplinas para compreender o trabalho humano numa abordagem pluridisciplinar, a Ergologia desenvolve o conceito de corpo-si de modo que não se lhe imponham barreiras epistemológicas drásticas.

Ainda na concepção ergológica da relação trabalho-sociedade, a dinâmica que se estabelece não é nitidamente determinística, mas sim de mão dupla ou

circular, sendo que o mais simples ato de trabalho pesa nas mudanças globais, mas também os aspectos sociais interferem no trabalho. De acordo com Schwartz, Duc e Durrive (2010a), do mais local na atividade ao mais global na escala da sociedade, o que há são debates permanentes de normas e de valores e, portanto, polarizar “trabalho” (num sentido mercantil) e “sociedade” e, a partir dessa concepção, buscar matrizes de história seria algo não muito frutífero, atualmente. O “micro” da atividade humana pesa no “macro” da vida social e também o inverso, e a relação trabalho-sociedade se dá no âmbito das gestões “do” e “no” trabalho, ou seja, das “dramáticas de uso de si”, ou dos “debates de normas”, conforme os autores reforçam.

Para Schwartz (2011, p.140), “nessas circulações que transitam entre meios de trabalho e de vida que se formam e deformam os valores que dizem respeito ao viver juntos. É aí que se comunicam sem descontinuidade a grande e a pequena história”. Esta noção, portanto, nos convida para o desvendar a riqueza, a historicidade e a singularidade parcialmente ocultas no trabalho humano.

A ergologia se propõe, portanto, a se conduzir dialeticamente com as descobertas das ciências especializadas. Colocando em dialética os vários saberes, novos conceitos são descobertos, abrindo novas perspectivas, horizontes e possibilidades de aplicações ao conhecimento sem colocar em questão os valores e interesses intrínsecos das disciplinas especializadas. Para se considerar o trabalho prescrito e o trabalho real convém colocar em dialética os saberes constituídos⁵ e os saberes investidos⁶. Os saberes investidos são importantes por colocar questões práticas derivadas da atividade profissional, obrigando os detentores dos saberes constituídos a se aproximarem uns dos outros para encontrarem respostas pertinentes e saírem de seus saberes genéricos para se implicarem na realidade da

⁵ Saber acadêmico, ou conjunto de conhecimentos pluridisciplinares produzidos junto com o trabalho a partir do objeto de trabalho, material ou intelectual, a ser produzido. É o saber formalizado no ensino. É suficiente para explicar apenas o trabalho prescrito. Genérico, generalizável e em desaderência com a atividade do aqui e agora.

⁶ Consiste em um saber pessoal resultante da história individual e singular de cada um, ou seja, adquirido da própria experiência profissional e de outras experiências (social, familiar, cultural, esportiva, etc.), resumindo a personalidade de cada um e colocado em prática para preencher e gerir a distância prescrito\real. É a especificidade da competência adquirida na experiência da gestão de toda a atividade do trabalho, não sendo formalizado nem escrito em qualquer lugar. O saber investido é responsável por colocar as questões práticas que derivam da atividade profissional (forças de convocação e reconvocação), obrigando os detentores dos saberes constituídos (eruditos) a se aproximarem para encontrarem respostas pertinentes e saírem dos seus saberes genéricos em processos socráticos de duplo sentido. “Admitir e reconhecer esta forma de saber e usá-lo parece-me ser uma exigência histórica que recai sobre a nossa geração.” (Trinquet, 2010, p. 103)

situação analisada. O terceiro pólo tem o papel de fazer com que os processos socráticos de duplo sentido entre os representantes de cada pólo sejam eficazes e construtivos. Um lugar onde todos os interlocutores possam definir e elaborar as disposições e os meios para que a busca de soluções seja possível.

Entende-se que esta pesquisa deverá iniciar pela descrição do contexto social, ambiental, econômico, político, cultural e ético do sujeito entrevistado, já que só se pode deduzir considerações levando em consideração as características específicas destas dimensões. Contrariamente à maioria das abordagens, que conceituam os contextos como propriedades objetivas das situações sociais, políticas e culturais, entendemos que os contextos são constructos dos participantes, ou definições subjetivas das situações interacionais e comunicativas (VAN DIJK, 2017). Isto não significa que as estruturas sociais e políticas **não** possam ter dimensões objetivas (por exemplo, de tempo e espaço), ou que elas **não** sejam vividas como 'reais' pelos membros da sociedade. O que chamamos atenção, para a metodologia, é realçar que as situações sociais só conseguem influenciar o discurso através das interpretações (inter)subjetivas que delas fazem os participantes. Essa perspectiva é um caso onde considera que os indivíduos são únicos e singulares, e suas histórias experiências refletem e interferem na realização de suas atividades, todo ato do trabalho é um uso de si, por si e pelos outros nos coletivos de trabalho que de forma geral estão sujeitas a constructos sociais e de que elas só conseguem influenciar a conduta humana enquanto tais.

2.4 VISÃO DIALÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES ORGANIZACIONAIS:

Na ontologia dialética, supõe-se que as coisas não existam a priori ou sem as suas relações, mas essas coisas são resultado da evolução em sistemas de relações. Em outras palavras, a essência das coisas é inseparável e constituída por suas relações (HEGEL, 1982 apud TOLMAN, 1981) e só pode ser compreendida no contexto de desenvolvimento de sistemas de relações, movimento e evolução.

Tolman (1981) considera que a compreensão da dialética pressupõe a análise de quatro elementos: relações internas, movimento, contradição e desenvolvimento.

Para ele, coisas estão constantemente mudando e evoluindo e elas não existem sem movimento. Tal movimento e evolução podem ser explicados através de contradições no seio das relações internas que constituem as coisas. Em se tratando do elemento movimento, o autor sugere que a dialética vai além do movimento externo ou mecânico, pois apenas contemplar a existência de um fenômeno não permite compreender o começo e o fim de sua existência (ENGELS, 1959 apud TOLMAN, 1981).

O outro elemento, a contradição, pode ser explicado no próprio movimento, haja vista que esse por si só é uma contradição e aquela expressa a raiz de todo movimento e vitalidade do fenômeno (QUEROL et al., 2014). Dessa forma a filosofia dialética não se interessa pela descoberta de oposições internas mas sim em fornecer uma forma racional de lidar com elas que seja ao mesmo tempo essencial para o objeto e capaz de compreender a sua função em automovimento (Idem).

Por sua vez, o desenvolvimento sob o ponto de vista da dialética é a forma mais elevada de movimento, que se originou em contradições internas à coisa em desenvolvimento (QUEROL et al., 2014).

“Desenvolvimento é a luta dos contrários. O que leva ao desenvolvimento de algo é o negativo que possui dentro de si mesmo, é isso que constitui a verdadeira dialética” (TOLMAN, 1981, p. 39)

Desenvolvimento não significa o mesmo que crescimento - que carrega consigo a ideia de mudança quantitativa - mas refere-se a uma mudança qualitativa (QUEROL et al., 2014).

Dessa forma, a ontologia dialética pode ensejar aos pesquisadores em gestão organizacional não apenas a identificação e descrição de fatores que afetam a gestão e a relação entre eles, mas também explicar por que novas práticas emergem (QUEROL et al., 2014). Nesse contexto, a relação do fenômeno e os sujeitos deve ser contemplada dentro de um escopo teórico capaz de refletir esse entendimento de construção ativa, amalgamada dentro das relações em constante movimento entre os sujeitos nas suas relações (Idem).

Baseado na dialética materialista, Ilyenkov (1982) argumenta que um novo fenômeno surge como uma anomalia e uma exceção. A tarefa do estudo de um fenômeno consiste em descobrir a primeira ocorrência, identificando o novo princípio em que o sistema é baseado, ou seja, a “célula germinal” que é um princípio realizado através de uma configuração específica de relações (QUEROL et al., 2014). A nova estrutura ou princípio emerge primeiramente como um caso isolado,

único, tornando-se posteriormente algo geral (Idem). Esse método consiste de dois processos: primeiro, a redução do concreto - a totalidade sensorial que é diretamente observável - em uma abstração inicial (uma célula germinal, um princípio geral), e, em segundo lugar, a derivação do abstrato para uma forma concreta de manifestação (Idem). Davydov (1990, p. 281-282) desenvolveu esse método propondo três etapas para a criação de generalizações teórico-genéticas: (a) identificar as contradições a serem resolvidas; (b) identificar uma “célula germinal” do fenômeno; (c) testar a célula germinativa tentando desenvolvê-la na prática.

Dentro da proposta aqui defendida e corroborando Benson (1983), a teoria dialética pode explicar o fundamento empírico das teorias convencionais da organização devido a sua valorização dos processos sociais ignorados e não refletidos pelos teóricos das tais teorias da organização. Assim, contribui para acompanhar os movimentos de transformação constantes sofridos pelas organizações, que por sua vez são constituídas por sujeitos (QUEROL et al., 2014).

2.5 DESENVOLVIMENTO EXPANSIVO:

Nesta seção apresenta-se a Teoria da Aprendizagem Expansiva, cujo interesse é representar o processo no qual os sujeitos constroem um novo objeto e o conceito para sua atividade coletiva, ou seja, no aprendizado expansivo os sujeitos aprendem o que ainda não existe (ENGESTRÖM, 1987, 2001).

Para expandir o objeto da atividade, o sujeito necessita também criar novas ferramentas e formas de organização social do trabalho em torno desse novo objeto (QUEROL et al., 2014). Aprender de forma expansiva implica a concepção e a implementação de um novo conceito de atividade, que envolve a reconstrução de todos os elementos dentro de um sistema de atividade (ENGESTRÖM; SANNINO, 2010).

Quando reflete sobre a lógica do desenvolvimento do sistema, o sujeito forma uma ideia inicial do conceito, que começa com uma explicação abstrata dele, uma “célula germinal” que é gradualmente enriquecida e transformada em um sistema

concreto (QUEROL et al., 2014). O aprendizado envolve não só a formação de conceitos teóricos mas também a sua materialização (Idem). Em outras palavras, nesse processo, conceitos e ideias são enriquecidos para a obtenção de uma melhor compreensão do sistema (Idem). Aprender envolve a formação e a utilização de diferentes tipos de artefatos culturais, tais como modelos, conceitos e teorias, que ajudam a compreender o assunto e a construir o sistema teoricamente e na prática (Idem).

A Aprendizagem Expansiva visa superar uma contradição que leva a atividade a uma situação de crise (QUEROL et al., 2014). A expansão do objeto exige um modo de compreender as contradições internas do sistema e de encontrar possibilidades de continuar a desenvolvê-lo (Idem). Para captar a sua essência, o sujeito precisa compreender a lógica de seu desenvolvimento, e isso é possível através da análise de sua formação histórica, das contradições existentes nos ambientes organizacionais e das formas de superação/resolução dessas contradições.

Engeström (1987) discerne quatro níveis ou camadas de contradições: primária, secundária, terciária e quaternária. Os três últimos níveis são expressões externas ou manifestações da contradição primária. De acordo com Engeström, a contradição entre valor de uso e valor de troca, característica das mercadorias, está presente em todos os elementos de um sistema de atividade (QUEROL et al., 2014).

Distúrbios, dilemas e conflitos são manifestações das contradições (QUEROL et al., 2014). Embora contradições básicas não possam ser permanentemente resolvidas, elas podem assumir diferentes formas em diferentes atividades e tempos (Idem). Cada atividade experimenta contradições de diferentes maneiras (Idem). Na Teoria da Aprendizagem Expansiva, contradição é entendida como tensões entre elementos de um sistema de atividade, assim como entre sistemas de atividade (Idem). Contradições são consideradas a força motriz de transformação, favorecendo a tornar o objeto em movimento (Idem).

Engeström (1987) propõe um modelo ideal do ciclo de Aprendizagem Expansiva (Figura 02), o qual consiste numa representação gráfica de uma sequência de ações epistêmicas que ocorrem durante o aprendizado expansivo. Esse ciclo propõe que a emergência de um objeto novo e mais expandido começa

dentro de uma atividade já consolidada, que começa a presenciar problemas (QUEROL et al., 2014). Essa fase é caracterizada por uma situação de insatisfação com a situação existente, um estado de crise ou uma necessidade urgente de fazer algo, e é chamada de “estado de necessidade”, no qual as contradições aparecem em sua forma básica, como contradições primárias (Idem). Durante essa fase, os sujeitos começam a discutir e a desafiar o propósito da sua atividade (seu objeto) e a forma atual de alcançá-lo, por exemplo, métodos e tecnologias (Idem). Há uma necessidade de mudança, mas ainda não há uma pressão urgente de mudança, pois é possível deixar a situação como ela está (ENGESTRÖM, 1987).

Ciclo Geral do Desenvolvimento Expansivo



Figura 02 - O ciclo de Aprendizagem Expansiva. Fonte: Engeström (1987, p. 322).

A segunda fase é caracterizada pelo agravamento dos problemas já existentes na fase anterior (QUEROL et al., 2014). Distúrbios começam a ameaçar a obtenção de resultados desejáveis (Idem). Essa fase é chamada de vínculo duplo (Idem). A expressão popular “estar de mãos e pés atados” pode auxiliar no entendimento do termo inglês para a palavra vínculo duplo: *double-bind* (Idem). Nela, a contradição começa a produzir desajustes e tensões entre os elementos do sistema de atividade que são chamadas contradições secundárias (Idem). Pessoas que participaram da atividade sentem que não é possível continuar a fazer as coisas da maneira atual, mas elas ainda não sabem o que deve ser feito para resolver os problemas (ENGESTRÖM; SANNINO, 2012).

O agravamento dos problemas leva à busca de soluções (QUEROL et al., 2014). Essas soluções podem ou não incluir um objeto mais expandido (Idem).

Essas mudanças podem ser simplesmente ajustes nos elementos do sistema de atividade, como uma nova tecnologia ou uma nova maneira de fazer algo (Idem). Se a crise é grave o suficiente, as pessoas podem desafiar todo o sistema, inclusive o propósito de toda a atividade (o objeto) (Idem). Se as pessoas desafiam e mudam o objeto da atividade, redesenhando-o de uma forma mais expansiva, o ciclo é chamado de “ciclo expansivo” (Idem). Essa fase é intitulada de “objeto” ou “construção de um novo motivo” (Idem). Nela, a comunidade projeta uma nova atividade na qual o objeto é mais expandido, ou seja, mais amplo, já que inclui características mais desejáveis que o anterior (Idem).

Quando a solução é modelada, a atividade idealizada pode ser implementada (QUEROL et al., 2014). Essa fase é chamada de “aplicação” ou “generalização” (implementação) (Idem). Nela, a comunidade começa a materializar os planos e pode dar início às primeiras tentativas de começar a produção do objeto idealizado (Idem). Tensões entre elementos da nova atividade e elementos da atividade anterior começam a surgir (contradições terciárias) (Idem). Esses desajustes podem ser causados tanto pelo desenvolvimento insuficiente dos novos elementos (que não são adaptados às novas condições porque os sujeitos não podiam prever totalmente toda a realidade) quanto por alguma incompatibilidade entre o novo e o velho (Idem). Esse tipo de contradição surge normalmente durante a fase de aplicação e generalização de uma nova atividade (ENGESTRÖM, 1987).

Uma vez que a nova atividade começa a tomar forma, e o novo conceito de atividade começa a ser implementado e produzido, é muito provável que a nova atividade possa colidir com outras atividades relacionadas que ainda seguem a velha lógica de produção (QUEROL et al., 2014). Assim, antes de ser capaz de consolidar a nova atividade, o sujeito tem de resolver essas tensões com as atividades relacionadas (Idem). Essas tensões são as contradições quaternárias (Idem). Se os sujeitos vinculados à atividade conseguem resolver essas tensões, a atividade evolui para a fase de consolidação (Idem). Como Engeström e Sannino (2010) sugerem, o ciclo da Aprendizagem Expansiva não é uma fórmula idealizada das fases ou etapas (Idem). Na vida cotidiana, é provável encontrar um processo que segue esse modelo ideal típico, mas aqui tratam-se de possibilidades e não de certezas (Idem).

2.6 NOÇÃO DE CONTRADIÇÃO:

O conceito de contradição compreendido aqui é decorrente da dialética marxista (MARX, 1990). Nos estudos de Engeström e Sannino (2011) e Miettinen (2009) as contradições são apresentadas como primárias, secundárias, terciárias e quaternárias.

- a) Contradições primárias: Definida como valor de uso e valor de troca, conforme Engeström (1987), afeta todas as coisas, atividades e relações devido à natureza dual da mercadoria. Segundo Picinatto (2016), aqui a relação sujeito-objeto sofre rupturas com desvio de rumo. O objeto da atividade se torna polarizado pelo valor de uso e valor de troca. A contradição primária é interna a cada elemento do sistema de atividade. A natureza dual da mercadoria adentra em todos os cantos da estrutura triangular dos sistemas de atividades. Deste modo, cada elemento dos sistemas de atividades "[...] sugerem duas estratégias alternativas concorrentes [...]" (ENGESTRÖM, 1987, p. 112). As contradições secundárias, terciárias e quaternárias, são resultantes da contradição primária por esta carregar consigo a dualidade histórica valor de uso e valor de troca.
- b) Contradições secundárias: Picinatto (2016) explica que estas ocorrem entre os elementos dos sistemas de atividades, por exemplo entre sujeitos e regras. São evidentes quando um sistema de atividade adota regras advindas de ambiente externo, mas também podem ser novidades incorporadas nos demais elementos das estruturas dos sistemas de atividades. Quando o novo elemento adotado colide com o velho elemento do sistema de atividade surgem contradições secundárias agravadas (PICINATTO, 2016). Tais contradições não apenas geram distúrbios e conflitos, como também promovem tentativas de transformações na atividade (Idem). A superação de contradições secundárias em sistemas de atividades é possível com a reconceituação expansiva do objeto e da motivação da atividade, da criação de novas ferramentas correspondentes e de outros elementos do sistema da atividade (Idem). A implementação prática do modelo novo e dos elementos novos na atividade conduz a contradições terciárias em todos os elementos do sistema da atividade (Idem).

- c) Contradições terciárias: Tornam-se evidentes quando ocorre a tentativa de colocar um novo instrumento tecnológico ou modelo em prática no sistema de atividade (Picinatto, 2016). Pode ser uma nova tecnologia como parte de um novo modelo que afronta a falta de eficácia da velha tecnologia e velho modelo (Idem). Conforme Virkkunem e Newnham (2015) contradições terciárias ocorrem entre a forma existente e as aplicações do novo modelo. A nova forma da atividade evolui com a resolução dessas contradições. Quando a atividade for transformada, vão emergir contradições quaternárias (VIRKKUNEM e NEWNHAM, 2015).
- d) Contradições quaternárias: Para Virkkunem e Newnham (2015) a contradição quaternária ocorre entre a atividade e outras atividades de que é funcionalmente dependente ou que dependam delas funcionalmente. A resolução das contradições quaternárias estabilizará a nova forma da atividade.

O conceito de contradição de Engeström e Sannino (2011) incorpora a noção de dialética. Esta por sua vez lida com sistemas em movimento através do tempo. Deste modo, os elementos da contradição dialética relacionam-se dentro de uma estrutura dialética no movimento histórico. A contradição dialética refere-se a uma unidade de opostos, como forças opondo-se ou tendências dentro de um sistema em movimento. O conceito de contradição refere-se a proposições que afirmam coisas aparentemente incompatíveis ou pensamentos opostos (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011).

3. METODOLOGIA:

De acordo com Vygotski, os métodos experimentais se concentram demasiadamente aos dados imediatos da experiência ignorando a consciência ou o pensamento, o que o experimentador solicita, ao mesmo tempo que os descarta paradoxalmente da experiência: “agente organiza de antemão o comportamento da pessoa sujeita à experiência estimulando certos movimentos internos por meio da ajuda de instruções, explicações, etc. E se esses movimentos internos mudam repentinamente durante o experimento, todo o quadro do comportamento é abruptamente modificado. Então, sempre usando as reações inibidas (impedidas - não está no acesso direto do enunciado)... mas estamos desprovidos de todos os meios para estudar essas reações internas” (Vygotski, 2003). É por isso que, de acordo com ele, o experimento realizado pelos experimentalistas deve continuar e não parar antes dos resultados obtidos.

A enunciação do assunto da experiência deve ser solicitada perguntando-lhe após o fato “um relatório verbal” sobre seus movimentos inibidos que são, no entanto, reais. A investigação dos movimentos internos não realizados é uma parte necessária do experimento para Vygotski.

É preciso levar em conta, não a auto-observação do sujeito, mas submeter seu ponto de vista a traços cuidadosamente selecionados, que foram deixados para trás, por este, na sua atividade inobservável (linguagem interna, reações somáticas, ruídos). A interpretação desses traços deve ser reintroduzida no experimento (Vygotski, 2003).

Assim, para Vygotski, a observação direta clássica não pode ser considerada sinônima de “objetividade” (Veresov, 1999, p. 213). Logo, um repensar radical dos métodos experimentais é necessário para estudar as atividades inibidas que atuam ao mesmo tempo e desconhecidas pelo experimentador. A metodologia só pode ser indireta, isto é, “redobrada” ou mesmo histórica.

Em outras palavras a “psicologia sem consciência” dos experimentalistas não é muito objetiva, portanto não é suficiente. Ela (a observação direta clássica) se sustenta ao que é dado pela experiência imediata, eliminando a objetividade do real, portanto “privada dos conflitos vitais” que tornam o desenvolvimento da ação

possível ou impossível. Aqui está o problema do objetivismo: não é suficientemente objetivo porque dissolve seu objeto.

Pode-se dizer que a objetividade só é possível como uma história possível da objetividade. Na prática, de fato, os experimentadores deveriam medir a qual ponto uma experiência séria nunca diz sua última palavra.

Vygotski dizia desta maneira (Vygotski, 1999, p. 170) “assim, para a psicologia, a interpretação não é apenas uma necessidade amarga, é também um procedimento de conhecimento liberador, fundamentalmente frutífero, um salto vital que se torna um salto mortal para os saltadores que são ruins.

Para Vygotski os saltadores ruins não se encontram apenas no campo de psicologias “explicativas” e “objetivas”. Aqui começa sua crítica ao subjetivismo: é claro, no campo “experimentalista”, ‘sacrificamos’ seguidamente o real da atividade no altar da atividade realizada. Pior ainda, não sabemos como se utilizar desse último como uma armadilha para acesso à atividade não observável, como um recurso para interpretar conflitos do real.

Aqui ele critica o comportamento dizendo que: tomamos o comportamento (literalmente) sem ultrapassar os limites da experiência imediata. Mas o problema é que os “experimentalistas” não estão sozinhos ao fazê-lo. No campo das psicologias “compreensivas” e subjetivas, acredita-se facilmente no ponto de vista do sujeito, a uma percepção imediata da psique por si mesmos, como se o pensamento realizado fosse todo o pensamento, como se a experiência vivida não fosse uma parte e apenas uma parte da experiência viva.

De fato, Vygotski mostra que o “dogma da experiência imediata” pesa tanto nas abordagens “subjetivas” quanto nas abordagens “objetivas”. Não podemos esperar estar em contato imediato com a experiência do sujeito. Não se pode confiar em um sujeito em contato direto com ele mesmo. Repito: Não podemos esperar estar em contato imediato com a experiência do sujeito. Não se pode confiar em um sujeito em contato direto com ele mesmo.

Vygotski dizia desta maneira (1999, p. 162): O que o olho normal não pode sondar, o olho da alma também não vê. Aqui também o realizado trai o real: a experiência vivida não tem o monopólio do vivo (estás vivendo, aqui agora). A única

perspectiva possível se quisermos ultrapassar os limites do subjetivismo é provocar uma mudança no status da experiência vivida: de um objeto de análise a experiência vivida pode tornar-se um meio para viver outras vias.

Bakhtine chamou a atenção para este ponto. Para ele, a experiência vivida é, paradoxalmente, não vivida por quem a vive. Ela está orientada para o objeto e o sentido de sua atividade atual e não para si mesmo. De repente, “para viver minha sensação, devo torná-la o objeto especial da minha atividade” (Bakhtine, 1984, 123). Para viver meu trabalho por dentro, tenho que parar de trabalhar. Eu tenho que separar meu trabalho do seu contexto habitual.

O método histórico indireto adota deliberadamente, como objeto, a história do desenvolvimento. A experiência e a consciência não são observáveis senão em seus desenvolvimentos, não enquanto produtos, estados ou estruturas invariantes, mas através de processos que fazem e desfazem essas formas sedimentadas. Por isso, uma causalidade histórica toma o lugar das formas de causalidade “objetivas” e “subjetivas” dominantes em psicologia.

Vygotski definia a consciência como a experiência vivida de uma experiência vivida. A tomada de consciência não é, portanto, a descoberta de um objeto mental inacessível anteriormente, mas a redescoberta - a re-criação - desse objeto psíquico em um novo contexto que o “leva a ver de um modo diferente”. Ela não é a apreensão de um objeto mental finito, mas seu desenvolvimento: uma reconversão que o inscreve em uma história inacabada. Em vez de reencontro com o passado, a tomada de consciência é metamorfose do passado. Do objeto vivido outrora, ele é promovido à posição de meio para viver a situação presente ou futura. Tomar consciência não consiste, portanto, em reencontrar um passado inato pelo pensamento, mas, sobretudo, em revivê-lo e fazê-lo reviver na ação presente, para a ação presente. É redescobrir o que ele havia sido como uma possibilidade realizada entre outras possibilidades não realizadas que nem por isso deixaram de agir.

3.1 MÉTODOS:

Esta pesquisa se utilizou da estratégia de pesquisar a trajetória familiar e profissional de um casal agricultores ecológicos, abordando o seu cotidiano de trabalho, à luz da dimensão ergológica dos “usos de si por si” e dos “usos de si pelo outro”.

A partir da articulação da descrição etnográfica do contexto e suas especificidades com o referencial teórico-conceitual da Ergologia, utilizamos técnicas como: vivências durante 1 ano, com uma média de 1 visita por mês e observação participante durante 6 meses, com uma média de 01 visita a campo por semana; 6 entrevistas semiestruturadas e em profundidade com duração de cerca de 120 minutos cada com os agricultores; e outra entrevista com gerente de um dos subsistemas do agroecossistema (o restaurante); conversas com os outros agricultores, com a finalidade de enriquecer o diário de campo; novas conversas e observações ao final da análise, para confrontação-validação com os trabalhadores. A confrontação-validação consistiu em apresentar as deduções oriundas da análise aos entrevistados.

Partindo dos princípios metodológicos de que toda ação humana contém significados, e que as ações humanas podem ser beneficiadas de intenções específicas que conferem sentido às suas práticas, supomos, por exemplo, que um silêncio não pode ser entendido como um ato isolado, mas um elemento para captar o seu significado, logo é preciso colocar atenção a sua representação simbólica em suas dimensões e contextos específicos.

A metodologia visa explorar o processo de “aprendizagem da atenção” pelo agricultor, interessando-se pela descrição dos momentos em que o agricultor percebeu que sua ação lhe retorna um processo de situação incomum, algo como um espanto, um embaraço, um bloqueio, etc. A proposta da metodologia orienta-se por um conceito ampliado de debate de normas onde Schwartz (2008) aponta a ambição e a capacidade de conceituar são inerentes à condição humana, e implicam em problematizar a fabricação do saber - enquanto emergente do cruzamento entre o “saber investido e o saber constituído”. Desse modo, a metodologia empregada objetiva que o agricultor entre em debate e reflita acerca daquilo que faz, mas que desconhece enquanto seu saber. Por outro lado, pensar através de conceitos é uma

necessidade que implica na tomada de consciência daquilo que se busca compreender, constituindo um instrumento a serviço não apenas do conhecimento, mas também da vida (DURRIVE, 2011).

No primeiro encontro com os sujeitos entrevistados foi apresentada a proposta da pesquisa (objetivos gerais e específicos, questão norteadora, justificativa e princípios teóricos) e questionado sobre o interesse em participar da atividade. Após ter uma resposta positiva sobre o interesse em participar, demos início à atividade de coleta de dados.

3.1 COLETA DE DADOS:

Para coletar os dados, foram realizados diálogos abertos entre os saberes do trabalhador e os do pesquisador durante imersões de pesquisa, além de análises documentais, tendo em vista alcançar os objetivos aqui propostos. Como forma de registro de dados foram feitas anotações e gravações de áudio.

Foi utilizada a entrevista de explicitação (Vermersch, 1994), proporcionando ao agricultor o gesto de voltar-se para si mesmo como protagonista ou participante de sua produção, devolvendo ao mesmo o reconhecimento de sua autoria. Trata-se de uma entrevista aberta, em que o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre a proposta. Este método visa explicitar como aconteceram os momentos de aprendizagem, podendo tornar-se uma estratégia de intervenção pedagógica.

Tais dados foram sistematizados na forma de descrição detalhada dos aspectos organizativos do trabalho dos entrevistados. Ressalta-se que não é possível fazer uma descrição do trabalho em toda a sua dimensão temporal e material, mas sim um recorte histórico e dimensional do mesmo, ou seja, a descrição se refere a um determinado período de tempo e determinado recorte da sua dimensão (histórico e social), já que uma atividade se conecta a outra na forma de sistemas.

A identificação da manifestação das contradições nos discursos dos trabalhadores (diferença entre o que é dito e o que é realizado realmente) era realizada identificando os temas que mais circulam historicamente e provocado o diálogo deste tema. A partir destes diálogos ações foram planejadas com vistas à superação destas contradições. Essas ações foram promovidas (podendo acontecer ou não acontecer) e foram verificados os seus respectivos efeitos. Tais efeitos puderam superar a contradição em algumas vezes ou então não superar, fornecendo maiores informações sobre a questão através de como não foi superada.

Os dados foram sendo coletados através de entrevistas abertas em que utilizou-se de anotações e gravação de áudio como instrumentos de registro. As anotações foram unidas com as informações obtidas nas gravações em atas diárias, onde os assuntos discutidos foram organizados em tópicos. Estas atas estão anexas a este trabalho, sendo que o nome original dos participantes foi preservado por uma questão de ética de pesquisa.

A cada dia de coleta de dados alguns temas principais, denominados “temas-chave” foram selecionados para serem rediscutidos nas sessões seguintes, dando assim continuidade ao desenvolvimento do(s) assunto(s). Para cada assunto julgado central nas discussões era dado um encaminhamento com vistas à sua resolução, e os resultados eram verificados nas sessões seguintes.

Os conceitos teóricos serviram de base de interpretação das informações coletadas, permitindo uma compreensão das situações de perspectiva condizente com a proposta deste trabalho (abordagem ergológica).

3.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS:

Nosso objeto delineado pela Ergologia, proposta principalmente por Yves Schwartz, é construído a partir da história que perpassa a atividade de trabalho. Nessas atividades é possível encontrar saberes acumulados nos instrumentos, na técnica, nas normas, que “não pode em caso algum determinar por si só o que vai se passar na atividade de trabalho” (SCHWARTZ, 2003, p. 4). Desse modo, o pensamento no campo das ciências naturais de que se podem produzir modelos de comportamento para gerir a atividade, não é cabível nas ciências humanas que tratam da atividade humana que faz história como a Ergologia (SCHWARTZ, 2003).

Desta maneira nossa unidade de análise não incorpora na atividade do trabalho a óptica da aplicação de métodos e técnicas sem considerar o ser humano ali presente e portador de uma história, de saberes múltiplos que são aplicados na realização do trabalho. Desta maneira, o trabalho é construído na sua prática efetiva e carrega a essência das particularidades de quem o realiza e, por essa razão, produz efeitos por meio dos usos de si à medida que esse agricultor compreende essas singularidades como fontes inesgotáveis de renovação de seu trabalho.

A transcrição dos diálogos promovidos entre os saberes investidos (dos agricultores) e os saberes constituídos (os da academia) consta em anexo neste trabalho. A análise deste conteúdo partiu de sua sistematização, identificando de que parte do(s) sistema(s) de atividade cada elemento constitui (se é sujeito, objeto, instrumento, comunidade, regra ou divisão de trabalho. Também buscou-se transcrever trechos específicos dos diálogos que contêm as manifestações discursivas das contradições.

Na sequência buscou-se identificar os níveis das contradições identificadas. As manifestações discursivas foram submetidas ao esquema de camadas de cebola (descrito no capítulo 2.9) para identificar o tipo de contradição e consequentemente seu nível no ciclo de aprendizagem expansiva.

A análise se constituiu a partir dos processos de “contradição” registrados nas entrevistas, nos quais ocorre a captura da atenção de modo direto e súbito pelo agricultor sobre o debate de valores, e foi feita provocando um distanciamento da atividade realizada. Entende-se aqui que os agricultores estão concentrados nos seus conhecimentos e competências postos em ação no decurso da atividade e somente se colocando em uma perspectiva externa à sua atividade é capaz de refletí-la criticamente.

Ao tornarem-se analistas da sua própria atividade e da dos outros os agricultores explicitaram o que fazem, como e porquê o fazem. Nesta lógica, não se trata só de dizer o que faziam, mas de descobrirem um saber implícito individual e coletivo e de outras formas de “fazer”.

A análise do trabalho se revela como um instrumento de desenvolvimento da consciência do sujeito quando lhe é oferecida a possibilidade de alterar o estatuto do vivido: do objeto de análise, o vivido pode tornar-se meio para viver outras vidas.

Schwartz (1998) chama de dramáticas de uso de si as situações em que o indivíduo precisa fazer escolhas, arbitrando entre valores diferentes ou contraditórios. “Dramática” remete ao fato de que no trabalho há sempre um destino a se viver, destino que será determinado pelas escolhas feitas constantemente. Com as escolhas, sabe-se que há os riscos: “[...] de falhar, de criar dificuldades novas, de desagradar” e, ao mesmo tempo, “escolher essa ou aquela hipótese é uma maneira de se escolher a si mesmo –e em seguida de ter que assumir as consequências de suas escolhas” (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010e, p.191).

Uma ‘dramatique’ é, portanto, o lugar de uma verdadeira micro-história, essencialmente inaparente na qual cada um se vê na obrigação de se escolher ou escolher orientar sua atividade de tal ou tal modo. Afirmar que a atividade de trabalho não é senão uma dramatique do uso de si significa ir de encontro à ideia de que o trabalho é, para a maioria dos trabalhadores, uma atividade simples de “execução”, que não envolve realmente sua pessoa (SCHWARTZ, 1998, p. 104).

À medida que os dados foram sendo obtidos, foram sendo submetidos à perspectiva da Ergologia, identificando a relação entre o prescrito e o realizado (tarefa e atividade). Os saberes mobilizados, saber-fazer, dos agricultores relacionados às tarefas em si e por outro lado os conhecimentos sobre si mesmo: atividades mais ou menos bem denominadas, esforços que empregam no trabalho visualizando o risco, zona de conforto da sua prática de trabalho, estratégias do uso de si para si e para os outros.

As informações coletadas foram submetidas ao Sistema de Atividade como unidade de análise para a descrição detalhada dos sistemas. Através das manifestações discursivas as contradições puderam ser identificadas.

3.2.1 SISTEMA DE ATIVIDADE COMO UNIDADE DE ANÁLISE:

Uma limitação da proposta de Vygotsky é que a unidade de análise é focalizada apenas em indivíduos (QUEROL et al., 2014). Essa unidade de análise foi expandida por Leontyev (1981), o qual diferenciou a ação individual da ação coletiva. Devido à divisão do trabalho, as ações dos indivíduos passaram a não satisfazer diretamente suas próprias necessidades (QUEROL et al., 2014). A satisfação das necessidades é mediada através de um processo social de distribuição do objeto coletivo (Idem). As necessidades do trabalhador tornam-se satisfeitas por uma parte dos produtos da sua atividade coletiva (Idem). Essa distribuição da ação é

regulamentada por meio de relações que são específicas para cada forma histórica de produção (Idem).

A distinção entre ação e atividade é de crucial importância para a compreensão de como as ações emergem e do que as direciona. De acordo com Leontyev (1978), as ações são direcionadas a objetivos e metas. No entanto, somente o objeto da atividade coletiva - e não os objetivos das ações - pode explicar o porque de uma ação surgir. A separação entre objetivo de uma ação e objeto da atividade cria uma relação dialética; atividades não podem ser entendidas sem ações e ações não podem ser compreendidas sem atividade (LEONTYEV, 1978, p. 64).

Em uma abordagem baseada na TA, os seres humanos são vistos como envolvidos em diversas atividades, diferenciadas pelo seu objeto. O pressuposto básico é que uma atividade é sempre dirigida a um objeto. A fim de estudar uma determinada atividade, primeiro é importante identificar o objeto que direciona as ações do sujeito (LEONTYEV, 1978, p. 62).

O conceito de objeto da atividade é baseado em quatro princípios. O primeiro princípio refere-se ao motivo e origem de uma determinada atividade, e a razão para sua existência está relacionada a uma necessidade que existe na sociedade (LEONTYEV, 1978, p. 62). Entre os seres humanos, as necessidades não são puramente biológicas, mas evoluem em atividades humanas e também são mediadas por artefatos que são definidos culturalmente no curso da história (LEONTYEV, 1978). Entre os humanos, o motivo emerge através da apropriação, uso e desenvolvimento de objetos e artefatos em atividades humanas coletivas. Assim, as pessoas se envolvem em atividades coletivas para produzir objetos que satisfaçam suas necessidades e, ao mesmo tempo, contribuam para a realização e o desenvolvimento de atividades (MIETTINEN, 2005).

O segundo princípio é que o objeto é duplo, epistêmico (ideal) e objetivo (material) (QUEROL et al., 2014). O objeto de uma atividade é, portanto, tanto ideal como material, imaginado e percebido (Idem). Como Miettinen (1998) explica, o conceito de um objeto de uma atividade transcende a dualidade entre sujeito objeto, bem como a oposição entre construtivismo e realismo. O objeto de uma atividade inclui a matéria-prima a ser transformada, assim como uma visão, um resultado ou um produto (ou serviço). A transformação não é apenas mental e discursiva, mas

também objetivada em um sistema híbrido composto por seres humanos e artefatos, bem como elementos biológicos (MIETTINEN, 1998, p. 424).

O terceiro princípio é que o objeto está em constante mudança (QUEROL et al., 2014). Contrário a uma ação cujo objetivo é ancorado a um lugar e tempo, o objeto de uma atividade é mais sustentado e aberto (Idem). Essa mudança ocorre não apenas no aspecto material do objeto, mas também no seu aspecto ideal, que inclui a conceituação de uma coisa, o conhecimento dessa coisa e os métodos para produzi-la (Idem).

O quarto princípio é que o objeto só pode ser alcançado coletivamente (QUEROL et al., 2014). Nas sociedades modernas, a maioria dos objetos não podem ser produzidos por indivíduos isolados, sem a participação de outros sujeitos nos processos de produção, logo as atividades, por sua vez, são coletivas, ou seja, feitas em conjunto com outros sujeitos (Idem). Leontyev (1978, p. 51) propõe que a atividade tem de ser entendida em suas relações sociais. Uma atividade não pode ser conduzida sem indivíduos, assim como indivíduos não podem conduzir atividades sem os mediadores sociais (QUEROL et al., 2014). Na TA o individual e o coletivo são vistos de forma dialética, onde para se compreender uma atividade coletiva é necessário levar em consideração ações individuais, ao mesmo passo que para compreender uma ação individual é necessário levar em conta o objeto que está sendo socialmente estabelecido, os instrumentos que são construídos social e historicamente como mediadores sociais, as regras e a divisão do trabalho que medeiam as relações entre os indivíduos da comunidade (Idem).

Devido ao fato de os objetos de atividades serem socialmente construídos na história da atividade, eles são, por um lado, dados aos indivíduos a priori e, por outro, interpretados e reconstruídos pelos mesmos indivíduos (QUEROL et al., 2014). O aspecto ideal do objeto, isto é, o conhecimento sobre o objeto e seus significados, é entendido e definido em diferentes épocas e por diferentes atores de diversas maneiras (Idem).

Baseado em Vygotsky (1978) e Leontyev (1981), Engeström (1987) desenvolveu um modelo de sistema de atividade o qual representa os relacionamentos básicos em sistemas de mediação da atividade humana. O modelo proposto descreve os processos de mediação cultural: produção, distribuição e troca, os quais estão presentes em todas as atividades coletivas e que, por sua vez, ocorrem em uma atividade. Nesse modelo, Engeström (1987) amplia o triângulo

individual de mediação, diferentemente do proposto por Vygotsky, incorporando mediadores sociais organizacionais, tais como regras, divisão do trabalho e comunidade (Figura 03).

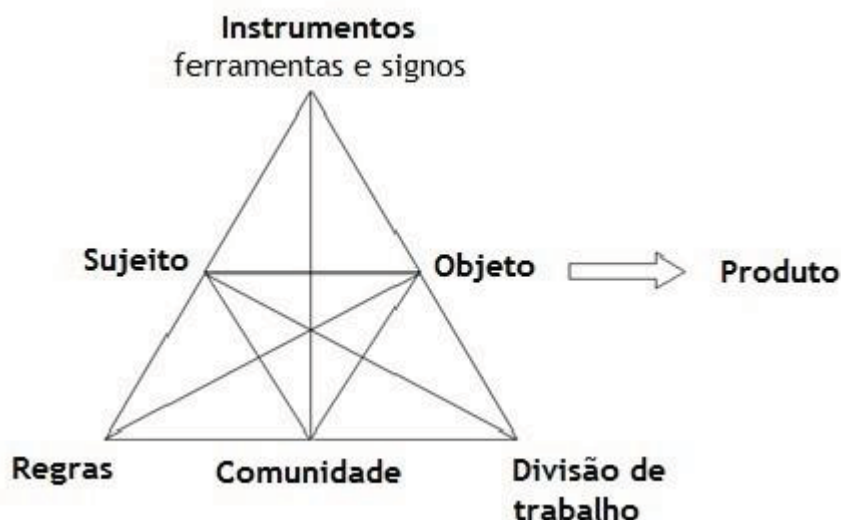


Figura 03 - O modelo do sistema de atividade. Fonte: Engeström (1987, p. 78).

Engeström (1987) considera que a compreensão das ações individuais só é possível se houver a concepção de que o objeto da atividade está em constante relacionamento com sujeito, objeto e instrumento, assim como com os mediadores sociais. *Comunidade* refere-se àqueles que tomam parte na realização do objeto, *regras* referem-se a normas explícitas e convenções que restringem a ação dentro do sistema de atividade e *divisão do trabalho* refere-se à divisão de tarefas entre os indivíduos da comunidade (QUEROL et al., 2014). Os componentes do sistema de atividade estão sendo constantemente construídos e renovados em consequência do desenvolvimento de novas contradições (Idem).

Segundo Engeström (2001), um sistema de atividade tem vozes múltiplas (*multivoicedness*), ou seja, ele é formado por uma comunidade na qual os sujeitos têm múltiplos pontos de vista, tradições e interesses. A divisão do trabalho em uma atividade cria posições diferentes para os participantes, nas quais onde eles e os artefatos empregados carregam consigo sua história, regras e convenções (QUEROL et al., 2014). Essas vozes múltiplas podem ser tanto uma fonte de problemas quanto uma fonte de inovação, exigindo ações de entendimento e negociação (Idem).

3.2.2 MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS DAS CONTRADIÇÕES:

Engeström e Sannino (2011) esclarecem que as contradições não podem ser observadas diretamente, só podendo ser identificadas através de suas manifestações. Para eles, pistas linguísticas específicas formam um primeiro nível de aproximação dos diferentes tipos de manifestações, enquanto que conflitos críticos e duplos vínculos se mostraram lentes particularmente eficazes de contradições sistêmicas. Engeström e Sannino (2011) definem quatro tipos de manifestações discursivas que podem ser utilizados como uma estrutura para analisar sequências de esforços de mudanças nas organizações: dilemas, conflitos, conflitos críticos e duplos vínculos.

Wilde (1989, p. 102) aponta que contradições dialéticas são diferentes das contradições descritas no princípio da não-contradição pois os elementos de uma contradição dialética se relacionam entre si dentro de uma estrutura em movimento, de forma histórica referindo-se a uma unidade de opostos, forças ou tendências que se opõem dentro de um sistema em movimento.

Para Engeström e Sannino (2011), a contradição é um conceito filosófico fundamental que não deve ser equiparado com paradoxo, tensão, inconsistência, conflito, dilema, duplo vínculo (*double bind*). Ressaltam que muitos dos termos usados incorretamente como equivalentes de contradição podem ser melhor entendidos como manifestações de contradições.

A contradição primária e fundamental reside em cada mercadoria, entre seu valor de uso e valor (de troca):

A formação do organismo capitalista emerge com o processo de crescimento de tensão entre os dois pólos da categoria original. A transformação dos opostos de valor e valor de uso em si torna-se cada vez mais complicado (Ilenkov, 1982, p. 276).

A contradição primária gera contradições secundárias específicas para condições particulares da atividade dada ou da instituição (Giddens, 1984).

O desenvolvimento (*developmentally*) de contradições significativas não pode ser tratado eficientemente apenas através da combinação e equilíbrio das prioridades concorrentes (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Ver contradição como uma inconsistência ou competição entre as forças ou prioridades distintas corresponde a uma tendência mecanicista geral de substituir contradição sistêmica

interna com uma externa (Idem). Na literatura organizacional, o “trabalho empírico sobre condições estruturais tendeu a se concentrar em contestações de lógicas entre os segmentos do campo organizacional” (HARGRAVE; VAN DE VEN, 2009, p. 123).

Para Engeström e Sannino (2011), focar na contradição interna exige analisarmos um sistema histórico concreto dentro do qual a contradição toma forma, já que tratar apenas como contradições externas significa escapar deste desafio teórico crucial. Para analisar contradições internas no nível das organizações, precisamos de um modelo teórico sistêmico, ou seja de uma “anatomia” da organização (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Para isto, está sendo utilizado o modelo de sistema da atividade, anteriormente descrito e proposto por Engeström (1987).

Para serem resolvidas, contradições internas precisam ser criativa e dolorosamente trabalhadas para algo qualitativamente novo, diferente de uma mera combinação ou comprometimento entre duas forças concorrentes (“*thirdness*”) (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). A noção de “*thirdness*” decorre de Hegel e foi cunhado por Peirce (1998) em sua discussão crítica da lógica de Hegel (PREKERT, 2010). Neste contexto, a ideia de “*thirdness*” refere-se à geração de novos mediadores, tais como modelos, conceitos e padrões de atividade que vão além e transcendem as forças ou opções disponíveis, empurrando o sistema para uma nova fase de desenvolvimento (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011).

Como contradições são de origem histórica e são fenômenos sistêmicos, em estudo empíricos não temos acesso direto a elas (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Contradições devem, portanto, ser ligadas através de suas manifestações (Idem). Também podemos tratar as manifestações como construções ou articulações de contradições; em outras palavras, as contradições não falam por si mesmas, elas tornam-se reconhecidas quando os praticantes articulam e as constroem em palavras e ações (HATCH, 1997).

Contradições são importantes de tal forma que se estendem e se manifestam nos padrões construídos de discussão e ação discursiva, para que os atores tentem dar sentido, lidem com e transformem ou resolvam as suas contradições (ENGESTRÖM, 1999; TAYLOR e VAN EVERY, 2011).

Para Fairhust *et al.* (2002, p. 507), contradições secundárias são qualquer oposição de ideias, princípios ou ações que são feitas bipolarmente, negando ou incompatíveis e que dependem ou surgem como um resultado de contradições primárias.

As noções de tensão, paradoxo, oposição, dicotomia, oposição, incoerências e distúrbios parecem tão gerais e difusas que nós não os encontramos suficientemente úteis em uma tentativa de desenvolver um robusto quadro para a análise empírica (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011).

“Dilemas” são tradicionalmente estudados em psicologia social como meios para a compreensão dos processos de tomada de decisão, raciocínio moral, representações sociais e ideologias (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Dilemas caracterizam nosso pensamento e conduta cotidiana (Idem). Como Billing *et al.* (1998) apontam, dilemas não se referem aos estados mentais agonizantes do tomador de decisão que se depara com uma escolha difícil, mas a aspectos socialmente compartilhados, crenças que dão origem ao pensamento dilemático dos indivíduos. Temas contrários (opostos) de discurso “representam os materiais através dos quais as pessoas podem discutir e pensar sobre a sua vida” (BILLING *et al.*, 1988, p. 8). Dilemas são ideologicamente criados e produtos da história; assim, “difícilmente podem ser universais” (BILLING *et al.*, 1988, p. 149). Um dilema é uma expressão ou troca de avaliações incompatíveis, quer entre pessoas ou dentro do discurso de uma única pessoa (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). O dilema é geralmente expresso sob a forma vaga (*hedges*) e hesitações, como “por um lado a [...] Por outro lado” e “sim, mas” (Idem). Em discurso corrente, um dilema é tipicamente reproduzido em vez de resolvido, muitas vezes com a ajuda de negação ou reformulação (Idem).

Conflitos assumem a forma de resistência, desacordo, argumento e de crítica (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Como De Dreu e Van de Vliert (1997, p. 1) os define:

[...] Conflito ocorre quando um indivíduo ou um grupo se sente afetado negativamente por outro indivíduo ou grupo, por exemplo, por causa de uma divergência percebida de interesses, ou por causa do comportamento incompatível do outro.

Outra definição diz que “as pessoas estão em conflito quando as ações de uma pessoa estão interferindo, impedindo ou, de alguma outra maneira, fazendo com que o comportamento de outro seja menos eficaz” (TJOSVOLD, 1997, p. 24).

Em conflito verbal “os participantes se opõem a pronunciamentos, ou ações, em turnos sucessivos de fala” (VUCHINICH, 1990, p. 118). As expressões comuns de conflito no discurso são “não”, “não concordo”, e “isso não é verdade” (GRIMSHAW, 1990).

Em particular, a negação, a discordância (*denial*) ou a rejeição expressa como um “não” é uma poderosa indicação potencial de um conflito (LITOWITZ, 1997). A resolução de conflitos normalmente acontece por meio de encontrar um compromisso (acordo) ou submetendo-o a autoridade da maioria (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011).

Vuchinich (1990) encontrou cinco formatos de término de conflito, a saber: submissão, intervenção dominante de terceiros, comprometimento, retração e retirada.

Conflitos críticos são situações em que as pessoas enfrentam dúvidas internas que as paralisam na frente de motivos contraditórios insolúveis pelo sujeito individualmente (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Como Vasilyuk (1988, p. 199) aponta, um conflito fundamental é “uma situação de impossibilidade ou ininteligibilidade”. Na interação social, os conflitos críticos normalmente envolvem sentimentos de ser violado ou culpado, muitas vezes silenciado (SANNINO, 2008). O funcionamento discursivo de conflitos críticos envolve o (aspecto) pessoal e é emocionalmente e moralmente carregado com a narrativa estruturada frequentemente com emprego de fortes metáforas (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). A resolução de conflitos críticos assume a forma de encontrar um novo sentido pessoal e negociar um novo significado para a situação inicial (Idem). Tal resolução muitas vezes toma forma de libertação pessoal ou emancipação (Idem).

Duplo vínculo (“*double binds*”) (BATESON, 1972; SLUZKI e RANSOM, 1976) são processos nos quais os atores repetem pressionando e as alternativas são igualmente inaceitáveis em seu sistema de atividade, é aparentemente sem saída.

Tais processos repetitivos tendem a se agravar ao ponto de atingir crises com consequências imprevisíveis e “explosivas”.

No discurso, o duplo vínculo é tipicamente expressado primeiramente por meio de perguntas retóricas indicando um beco sem saída (*cul-de-sac*), uma necessidade premente para fazer alguma coisa e, ao mesmo tempo, uma percebida impossibilidade de ação (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011).

Esta impossibilidade é expressa geralmente com a ajuda de perguntas retóricas desesperadas do tipo “O que podemos fazer?” (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). O duplo vínculo é tipicamente uma situação que não pode ser resolvida por um só indivíduo (Idem). Assim, a elaboração discursiva de um duplo vínculo tipicamente envolve uma tentativa de transição a partir do indivíduo “eu” para o coletivo “nós”, tal como “devemos”, “nós temos que”, carregado com um sentido de urgência (Idem). A resolução de um duplo vínculo requer ação transformadora e coletiva que vai além das palavras, mas muitas vezes é acompanhada de expressões como “vamos fazer isso”, “faremos isso”.

Um resumo dos quatro tipos de manifestações discursivas de contradições pode ser observado abaixo (tabela 01):

	Manifestações características	Pistas linguísticas
Duplo vínculo	Repetem confrontando e as alternativas são igualmente inaceitáveis em um sistema de atividade. Resolução: transformação prática (indo além das palavras)	“Nós”, “nos”, “devemos”, “temos de” prementes questões retóricas, expressões de impotência.
Conflito crítico	Confronto de motivos contraditórios em interação social, sentimento de ser violado ou culpado. Resolução: encontrar um novo sentido pessoal e negociar um novo significado.	Considerações pessoais, emocionais e morais com estrutura narrativa, metáforas de vivência “Agora eu percebo que [...]”.
Conflito	Argumentando, criticando. Resolução: encontrar um compromisso, submeter à autoridade ou maioria.	“Não”, “Não concordo”, “isso não é verdade”, “sim”, “isso eu posso aceitar”.
Dilema	Manifestações ou troca de avaliações incompatíveis. Resolução: negação, reformulação.	“por lado [...] por outro lado”; “sim, mas” “Eu não quis dizer isso”, “eu realmente quis dizer”.

Tabela 01 - Tipos de manifestações discursivas de contradições. Fonte: Engeström e Sannino (2011).

A distinção entre contradições, suas manifestações discursivas e pistas linguísticas que indicam possível presença dessas manifestações tem importantes implicações metodológicas (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Podemos pensar a análise das contradições nos dados discursivos como semelhantes à casca de uma cebola (Figura 04) (Idem). A camada exterior da cebola consiste de pistas (sinais) linguísticas rudimentares, isto é, simples, tais como expressões “mas” e “não”, ou formas um pouco mais vagas, mas ainda relativamente simples, como narrativas temperadas com metáforas e perguntas retóricas (Idem). Passando-as e identificando-as poderão nos ajudar a localizar potenciais manifestações discursivas (Idem). Por exemplo, grupos de “mas” podem nos levar a dilemas, e aglomerados de “nós” pode nos levar a conflitos (Idem).



Figura 04 - Metodologia de camadas de cebola para analisar contradições nos dados discursivos. Fonte: Engeström e Sannino (2011).

Isso não significa que os sinais linguísticos rudimentares correspondem mecanicamente a manifestações específicas (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Claramente um “mas” pode expressar muitas outras coisas além de um dilema, e uma pergunta retórica certamente não é sempre um sinal de duplo vínculo (Idem).

Em outras palavras, devemos esperar que um corpo de dados discursivos contenha muito mais pistas (sinais) linguísticas rudimentares do que manifestações discursivas de contradições (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Ainda a relativa facilidade de detectar pistas linguísticas rudimentares, por exemplo, com a ajuda de um programa de computador apropriado, faz sua análise uma etapa preliminar útil (Idem).

Além disso, uma elevada frequência ou elevada concentração de alguns sinais, em algumas partes do discurso, pode, por si só, ser uma indicação de algo importante que não é totalmente capturado apenas olhando para as manifestações reais (ENGESTRÖM e SANNINO, 2011). Por exemplo, quando o discurso é fortemente saturado por “nãos”, embora muitos dos “nãos” não estejam diretamente ligados a conflitos explícitos, podemos perguntar se pode haver uma forte corrente conflitual, que é por alguma razão em grande parte mantida implícita e sob a superfície (Idem). Este exemplo indica que a ligação entre contradições e pistas linguísticas rudimentares nem sempre são mediadas por manifestações discursivas explícitas (Idem). Em outras palavras, um olhar cuidadoso nas pistas linguísticas pode ser útil não apenas como um instrumento para a finalidade de localizar possíveis manifestações (Idem).

4 RESULTADOS:

4.1 A FAMÍLIA DE AGRICULTORES:

A família de agricultores entrevistada é composta por um casal (A. e L.P), cada um com idade aproximada de 27 anos, que trabalha com agricultura ecológica no contexto apresentado e a gestora do restaurante (S.) que também é mãe de L. P.

L. P. Nasceu em 1988 no município de Paranaguá-PR e lá viveu até seus 16, 17 anos quando estava cursando o segundo ano do segundo grau. Nesse período tinha contato com o agroecossistema estudado durante as férias e nos finais de semana, em atividades de lazer. L. P. concluiu seu segundo grau em Curitiba-PR e na sequência cursou um ano de Direito na PUC-PR. Ingressou então um curso de Chef de Cozinha por um ano e concluiu. Na sequência, iniciou um curso de Gestão Pública em Matinhos, litoral do Paraná e começou a ter contato com a Agroecologia. Através das atividades de Agroecologia da universidade se reaproximou a comunidade da região e do entorno do agroecossistema de sua família, comunidade esta que já tinha iniciativas em agroecologia. Decidiu produzir seu próprio alimento e divulgar a agroecologia. Seu primeiro trabalho com comunidades foi em um projeto de extensão da universidade ligado ao coletivo das farinheiras, de 2009 a 2010. Ao sair deste projeto, ingressou em outro que promovia a criação de feiras agroecológicas no litoral. Em 2011 decidiu morar no agroecossistema da família. Quando teve a oportunidade de conhecer pessoas da Cooperafloresta, cooperativa agroflorestal do Vale do Ribeira, e suas histórias, foi tomando a decisão de realizar trabalhos semelhantes. Ainda em 2011, começou a trabalhar num projeto da Cooperafloresta como voluntário, e em 2012 foi contratado até 2015 como articulador, posteriormente atuou como técnico. Após essa etapa, se mobilizou com a comunidade para institucionalizarem sua própria associação (AMAE). De 2012 até 2014 foi estagiário da Embrapa num projeto de promoção de agroflorestas. Deste período em diante trabalha como agricultor e mantém as práticas de mutirões à medida do possível.

A família de L. P., imigrantes de italianos, chegaram no local do agroecossistema por volta de 1891 e adquiriram cerca de 200 alqueires de terra. Eles reformaram um engenho já existente e começaram a plantar cana. Inauguraram um engenho em 1910 e uma casa maior em 1914. Os tataravós de L. P. tiveram 13

filhos, que se espalharam pela propriedade e deram continuidade ao engenho, mais bananal, arrozal e criações. Na geração do bisavô de L.P. foi dada continuidade ao engenho. Esse bisavô teve 10 filhos e morreu jovem, então seus filhos deram continuidade ao trabalho que existia. L. P. relata que na década de 60 ou 70, no auge da produção de cachaça da família chegou-se a produzir 100 mil litros de cachaça por ano. Nessa época, a família começou a trabalhar com funcionários, chegando a ter cerca de 12 famílias de funcionários morando na propriedade. A família também comprava cana para produção de cachaça. Com o tempo os familiares foram se mudando para a cidade, restando apenas o avô do L.P. A partir da década de 70 os engenhos artesanais do município foram entrando em colapso, inclusive o engenho da família. Na década de 90 o engenho da família fechou e nessa mesma década a mãe de L.P. decidiu montar um restaurante turístico na propriedade que funciona até hoje nem tanto com a finalidade econômica, mas de reunir a família e ter contato com o pai dela que morava na propriedade.

A companheira de L.P. (A.) nasceu em 1989 no município de São José-SC, seus bisavós eram plantadores de cebola em Ituporanga-SC e sua mãe morava no campo até a adolescência. A. cresceu em Florianópolis-SC sempre com alguma ligação com a natureza. Se profissionalizou em pedagogia e trabalhou com educação, sendo professora de crianças. Trabalhava em escolas ligadas com ecologia e através de uma colega de trabalho teve contato com o conceito de agroflorestas. Depois disso, também trabalhou com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Em 2013 e 2014, participou de cursos de permacultura e afins e após isso se iniciou na cultura Hare Krishna. Em um festival soube de um evento em Morretes no equinócio de 2014 e quando participou conheceu L.P. e cerca de um mês depois, dia 15 de outubro de 2014 foi morar no agroecossistema da família de seu companheiro. A. organizou a alimentação dos mutirões do projeto agroflorestar e, conhecendo a comunidade, participou do movimento das mulheres, aprendendo as técnicas básicas do trabalho das mulheres camponesas.

4.2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DO SISTEMA DE ATIVIDADES:

Na primeira reunião promovida por esta pesquisa foi possível observar uma preocupação com os limites enfrentados a nível da associação de agricultores que o coletivo de trabalho (família) participa (comunidade do agroecossistema). O agricultor manifesta que vê uma necessidade de jamais parar com o trabalho nas

agroflorestas, indicando que esta atividade é a essência de todo o seu trabalho (regra do agroecossistema). No período pesquisado observou-se uma postura de distanciamento da associação por parte desta família, proporcionando mais tempo para as atividades do agroecossistema (solução) e por outro lado enfraquecendo o trabalho da associação que, no entanto, é visto como importante pela própria família (criação de instrumento).

(L.P.) - “Agente” “tá” querendo criar um sistema em que todo associado vai ter uma função na associação só que não com encargo, não tão oficial.

Este primeiro dado já aponta para uma dificuldade que a família encontra no seu trabalho e que vai perpassar toda a pesquisa que é a escassez do recurso “tempo” para desenvolver todas as atividades de interesse da família, na qual vamos retornar ao longo das análises (conflito entre um recurso/instrumento da agrofloresta, do restaurante, da casa, da associação, entre outros, que é a mão de obra).

O agricultor manifesta na sequência da entrevista um destaque com respeito ao interesse de estruturar uma escola no agroecossistema e de promover um conjunto de serviços pedagógicos, como exemplo as caminhadas orientadas (criação de objeto/produto do agroecossistema). Eles manifestam esta intenção pois partem da experiência realizada de acolhimento a grupos de estudantes eventualmente para conhecer seus trabalhos com os sistemas agroflorestais. Esta atividade (de receber visitantes) têm representado uma fonte importante de renda do agroecossistema, já que demanda um trabalho leve, pouco tempo, poucas despesas e um alto retorno com relação a suas outras atividades no agroecossistema (divisão do trabalho do agroecossistema).

(L. P.) - Prefiro viver de dar aula aqui do que de vender produto. Falo melhor do que faço. Isso vai acontecer naturalmente a partir dos meus princípios.

No que se refere às tarefas gerais do agroecossistema (manejos agroflorestais, manutenção do agroecossistema, plantios, colheitas, beneficiamento, comercialização, etc.) os agricultores ainda não haviam calculado o tempo e os recursos necessários para desenvolver os trabalhos que já realizam e os que querem realizar (instrumentos do agroecossistema). O cálculo de tempo de cada tarefa e a organização de um calendário diário, semanal, mensal, etc. foi identificado

como uma deficiência do agroecossistema e que se fosse realizado traria resultados importantes para o mesmo (instrumento do agroecossistema). Com o decorrer das entrevistas foi constatado, em conjunto com os entrevistados, que o coletivo de trabalho desenvolve uma quantidade relativamente grande de tarefas para o número de unidades de trabalho-homem do agroecossistema (agroflorestas, restaurante, recepção de grupos, atividades domésticas, atividades religiosas), mas estas acabam por perder qualidade por representarem uma demanda de tempo muito maior que eles têm disponíveis (conflito entre recurso/instrumento de atividades diferentes). Com o decorrer das entrevistas, os entrevistados começam a incorporar um discurso do próprio pesquisador, que diz que é melhor fazer menos “coisas” bem feitas do que muitas mal feitas (criação de instrumento). Apesar desta aparente conscientização, não foi possível identificar no período da pesquisa a estruturação de uma agenda (instrumento para o agroecossistema). A própria teoria nos permite aportar aproximações conceituais com respeito a contradição entre o que se diz e o que realizamos, principalmente com respeito a novas situações enfrentadas na qual mudanças podem ou não ocorrer, o que neste caso o pesquisador traz para o debate com os entrevistados.

Para seguir na tarefa de conhecer mais a fundo o agroecossistema, seus gestores e o contexto pesquisado, o pesquisador demanda por uma descrição histórica a respeito dos sistemas agroflorestais implantados. Neste momento, os agricultores apresentaram um relato a respeito das áreas de agroflorestas do agroecossistema, mostrando, inclusive, os sistemas agroflorestais na prática. Nesta apresentação surgiram referências ao que consideram neste momento como os erros e acertos na implantação e manutenção das áreas.

(L. P.) - Dependendo da implantação, mesmo que seja só implantação, é melhor no caso das árvores mas não da produção. Só não vale a pena implantar quando morre tudo. Se “agente” implantasse área esse ano talvez “agente” ia perder áreas antigas por não dar tempo de manejar. Estamos com duas áreas de arroz só pra salvar a semente. (criação de regra para a agrofloresta)

Neste relato surgem elementos de discurso (signos atencionais) que evidenciam que os sistemas agroflorestais representam uma importância ideológica para seus gestores (regras do agroecossistema). Para eles, acima de uma atividade

simplesmente econômica, o manejo de agroflorestas significa se realizar como indivíduos e seres no mundo, representando sua visão de mundo (sujeito/regras do agroecossistema). No decorrer da pesquisa também foi possível identificar que o trabalho com os sistemas agroflorestais é conflitante com os critérios econômicos, já que o retorno econômico é dimensionado como abaixo da demanda para manutenção do agroecossistema e, além disso, se identifica que a família depende de aportes externos ao agroecossistema para se manter financeiramente (conflito entre sujeitos e objeto do agroecossistema). Terceiros estes (membros da família), que esperam que os agricultores tivessem sua autonomia financeira (comunidade do agroecossistema).

Na sequência da entrevista foi apresentado um restaurante como um subsistema do agroecossistema, e neste momento surge a presença de outro indivíduo participante do coletivo de trabalho e que trabalha especificamente no restaurante, fazendo parte indiretamente da gestão do agroecossistema (sujeito/comunidade do agroecossistema). Neste momento, os agricultores relatam a respeito de alguns conflitos, estes foram tensionados e assim puderam ser identificadas várias diferenças de visão de mundo entre a gestora do restaurante (S.) e os gestores do restante do agroecossistema (A. e L. P.) (conflito crítico entre sujeitos diferentes da mesma comunidade)

(L. P.) - Pra mudar tem que ser “dalí” de dentro. E pra ser “dalí” de dentro tem que ter esforço e disciplina.

Enquanto o casal de agricultores tem uma visão prioritariamente ecológica, mas defasada com respeito às suas responsabilidades econômicas, a gestora do restaurante consegue resolver suas questões financeiras, mas por outro lado com menor preocupação ecológica (conflito crítico entre sujeitos e suas visões de mundo). Em entrevista com a S. (gestora do restaurante) pudemos constatar uma visão de que os trabalhos dos gestores das agroflorestas (A. e L. P.) são considerados pouco eficientes.

(A.) - O César é uma pessoa pra te ajudar. Redirecionar os que estão alí para as funções que eles têm facilidades porque ele gosta deles. (criação de instrumento)

(L. P.) - Às vezes a S. não vem e tem movimento. Ela é uma pessoa que prefere não ver que está ocorrendo um problema, justificando. Dia de semana as cozinheiras trabalham na roça, se pudesse remanejar a mão de obra ociosa seria bom. Mas remanejar pode ser um problema. O restaurante já amparou a agrofloresta (duplo vínculo: ...mas...).

Este conflito identificado vai ao encontro das proposições teóricas da ergologia, que indica que os trabalhadores experimentam em seu trabalho um constante debate de normas e valores, e à medida que eles vão se apropriando dessas contradições novos valores são instaurados, iniciando um novo debate de normas numa relação dialética (DUC e DURRIVE, 2010).

No discurso de todos os entrevistados foi identificado um fator favorável ao desenvolvimento de suas atividades que é a compreensão unânime de que estão vivendo uma fase propícia para mudanças. Esta compreensão dos entrevistados favorece a adoção de novos hábitos a partir do trabalho realizado.

Os agricultores também lembram que os trabalhos domésticos também são uma demanda de trabalho grande do agroecossistema, que os ocupa e demanda tempo e esforço, competindo com as outras formas de trabalho (dilema na divisão de trabalho do agroecossistema):

(A.) - Chegou um ponto em que eu e o L. P. estamos mantendo a casa só nós de limpeza e organização geral, um ano e meio. Essa casa sempre teve trabalhadores domésticos, chegou um nível que só manter não dá mais. Tem que ter uma ação de pessoas que sabem limpar a casa, que representa uma grande demanda de trabalho. Antes eu e o L. P. ficávamos dedicados só à agrofloresta, agora “a gente” fica dividido com a casa. Isso é um motivo de conflito com a S., que não consegue enxergar a dificuldade que nós temos pra manter a casa. Pra nós temos tido como princípio não deixar ficar sujo, não importando tanto a bagunça. “A gente” está só ocupando a casa ou está cuidando também? Se a gente não estivesse aqui o quê a família teria que mobilizar pra manter aqui?

No segundo encontro os agricultores retomam a apresentação do agroecossistema e neste momento enriquecem com um conjunto de detalhes das tarefas executadas. Levantam também a preocupação de como ocupar os 200

alqueires da propriedade da família, uma necessidade urgente pois a propriedade está em processo de partilha e neste momento surgem discussões a respeito das escrituras e registro de imóveis, o que, por sua vez, representa um fator de tensão para o trabalho dos agricultores e mais uma demanda de assunto que entra em debate o qual também demanda por soluções (conflito na comunidade do agroecossistema).

A partir do desenvolvimento do diálogo entre os agricultores e o pesquisador percebe-se que a intensidade dos trabalhos nas agroflorestas não estão sendo nem ideais (mais horas de trabalho por semana), nem insuficientes (menos horas de trabalho por semana), ficando apenas suficientes (dilema). Através do diálogo, chega-se à constatação de que para desenvolver as atividades do agroecossistema como um todo seria necessário aumentar a quantidade de mão de obra (criação de instrumento). Logo, para aumentar a quantidade de mão de obra o trabalho precisa ser ainda mais rentável, possibilitando a contratação de mão de obra (criação de instrumento). Algumas discussões foram realizadas no sentido de planejar melhorias de atividades e implantação de atividades novas visando o aumento da rentabilidade (criação de instrumento). Novamente percebe-se que isso ainda está no campo das divagações, ou seja, o conflito entre o que dizem a respeito do que fazer e o que realmente tem condições de fazer. Mas, por outro lado sempre falta uma programação assertiva e planejamento de ações a curto, médio e longo prazo (agendas, calendários, planos, etc.) (instrumentos para o agroecossistema).

Fica cada vez mais evidente um distanciamento entre a quantidade de trabalho que os gestores “pretendem” realizar e a quantidade de trabalho que eles “conseguem” realizar. Este conflito, percebido pelo pesquisador, começa a ser internalizado pelos agricultores com o desenvolver da pesquisa.

Outro conflito que começa a aparecer é a distância entre o que os gestores **querem** fazer e o que eles **precisam** fazer, pois na situação em que o agroecossistema se encontra indica-se a necessidade de realizar tarefas que destoam dos seus valores pessoais. Isto é percebido no seguinte discurso:

(L.P.): “- Da forma que é gerido o restaurante agente **não** tem vontade de ajudar.”

Aqui, a pesquisa exploratória encontra mais um ponto em comum com a teoria que a fundamenta, sendo essa contradição entre o que os trabalhadores querem fazer e o que precisam fazer uma referência ao que a teoria explica como a contradição entre o uso de si por si (o que o trabalhador quer fazer por ele mesmo) e o uso de si pelos outros (o que o meio social do trabalhador demanda que ele faça). O trabalhador vive, então, esta tensão encontrando um ponto de equilíbrio entre essas duas forças, uma dramática do uso de si (SCHWARTZ, 1998, 2004a, 2004b).

Inicia-se então, um diálogo entre o pesquisador e os entrevistados para pensar como aumentar a quantidade de mão de obra no agroecossistema respeitando os princípios agroecológicos (criação de instrumento). Os agricultores contam brevemente o histórico dos mutirões realizados na região a partir de projetos institucionais e chegam à conclusão de que a lógica dos mutirões não funcionaria como uma fonte de mão de obra constante e de qualidade (um instrumento utilizado que não funciona). O pesquisador insere a informação de que alguns tipos de parcerias podem dar certo, como arrendamentos e também a contratação de pessoas de forma socialmente justa (possibilidade de criação de mais um instrumento para o agroecossistema).

(L. P.) - Tem gente que está devendo, que A. foi e **não** vieram. **Não** falam sobre isso e **não** dá pra entender. Eram mutirões semanais, a questão do comprometimento depende da cultura das pessoas. Tem gente que se **não** vai, avisa, e tem gente que **não**. Quando o serviço é contratado de forma justa é mais simples de resolver do que em mutirões. A vantagem é que resolve na hora. Antes eu tinha um pouco mais de resistência a isso por pensar que seria melhor trabalhar sempre na troca. Mas hoje “a gente” vê que seria melhor contratar amigos pois várias pessoas que entraram depois chegaram e começaram com essa prática e funciona. O processo “tá” rolando porque tem gente investindo em pessoas. As pessoas têm uma resistência a criar acordos e regras para o próprio trabalho. Se a roçada saísse das minhas preocupações seria ótimo pra mim, é só uma questão de deixar tudo organizado e achar a pessoa certa. Morretes tem uma mão de obra tecnicizada em agroecologia e tem os não tecnicizados que cobram a metade (dilema).

Aqui também se percebe a incorporação de um novo instrumento (uso de mão de obra paga) ou regra (usar mão de obra paga) para o agroecossistema, que tem sido visto como uma superação da contradição dos mutirões.

No terceiro encontro já pôde se perceber no discurso dos agricultores uma incorporação do discurso de que é melhor fazer menos coisas e bem feitas do que muitas coisas mal feitas (incorporação de regra). Nesta reunião surge a necessidade de dialogar com S., a gestora do restaurante, tendo em vista de superar algumas possíveis dificuldades de relacionamento que interferem na dinâmica de trabalho dos agricultores e diferenças de visão de mundo. A. e L. P. supõem que se S. modificar algumas formas de pensar e conseqüentemente alguns comportamentos, os limites identificados podem ser superados (colocar a contradição em debate, movimento).

(L. P.) - Essa parte de roçar o gramado quem coordena é ela (S.), **mas** ela **não** avisa agente. A galera chega, usa a minha roçadeira, minha gasolina. Como não tem organização do trabalho fica nesse improviso e como **não** tem planejamento também a grama está sempre crescendo mas não produz nada, só mantém a estética. Podia investir o dinheiro em várias coisas com o dinheiro que gasta que iriam deixar o lugar bonito também e mais auto-sustentável (conflito).

Como primeira demanda, foi solicitado ao pesquisador a atuar como um mediador de diálogo, apresentando a S. o horizonte dos trabalhos de A. e L. P., já que os agricultores supõem que como S. não tem noção da dimensão do trabalho que eles realizam acaba por não dar o seu respectivo valor (mediador de debate de valores).

(A.) - Eu sinto que às vezes precisa de um “santo de fora”.

Nesse sentido, o pesquisador sugere a apresentação de duas reportagens que apresentem o trabalho de institutos de agroecologia, permacultura e agroflorestas de referência para o trabalho de A. e L. P. com a intenção de contribuir para a melhoria do consenso de visão de mundo entre os entrevistados (tema que gera um debate de valores).

O pesquisador também sugere que as relação de trocas que ocorrem entre S. e A. e L. P. sejam organizadas na forma de um esquema que ilustre melhor as trocas. Esperou-se que este esquema contribuisse para que se chegasse a um

consenso de relação justa de trocas, e com o desenvolver deste esquema isto realmente pôde ser observado (utilização de um instrumento novo).

Na reunião em que se apresentou as reportagens de referências de trabalhos, S. reforça um limite já identificado, que pode ser observado em suas expressões:

(S.): “- Então acho que a primeira coisa é isso, se organizar e botar em prática.”

Começou a ficar evidente então uma situação de conflito entre o que L. P. quer desenvolver e o que S. espera que ele desenvolva:

(S.): “Então várias vezes falei pro L. P. que a partir do momento que eles tiverem a possibilidade e o amadurecimento de **fazer as coisas bem feitas**, planejadas, eu deixaria o restaurante para ele” (conflito crítico).

O diálogo tende então para o consenso de ir delegando responsabilidades gradativamente ao L. P. e à medida que ele for assumindo ir delegando mais responsabilidades que serão acordadas em consenso a partir dos diálogos iniciados com o espaço de conversa desta pesquisa (criação de uma regra). Aqui S. reforça a ideia, ainda que discursiva, de que agora é um momento decisivo de transformação, talvez com o intuito de motivar ainda mais o engajamento de L. P.

Este contexto reforça o conflito de que existe a intenção de se desenvolver várias atividades, mas não há um planejamento que viabilize a implementação. O caminho indicado pelo pesquisador foi o de procurar resolver os conflitos já existentes antes de iniciar novos projetos.

A tentativa de se organizar uma agenda diária, semanal, mensal, etc. para os gestores, no sentido de melhorar a organização do trabalho foi entendida como importante, mas também não foi executada pelos agricultores, o que reforça a contradição de que eles querem fazer muitas coisas mas a capacidade humana de se realizar tudo é menor.

No quarto encontro inicia-se o esboço de um esquema que ilustre as trocas que ocorrem entre S. e A. e L. P. tendo em vista a superação dos limites identificados na contradição de visão de mundo. Este esquema pode ser observado

em maiores detalhes nos anexos (página 89) para melhor entendimento. Este esquema serviu de elemento de diálogo entre demandas dos gestores e, a partir dele, chegaram a novos acordos.

No quinto encontro o referido esquema foi revisto, aperfeiçoado e apresentado para a S. (gestora do restaurante). No geral, S. concorda com as mudanças e também faz algumas contribuições pontuais. Apesar da necessidade de L. P. assumir desde já as tarefas do restaurante, este acredita que isto ocorra a médio ou longo prazo. Percebe-se aí o princípio de que apesar da pesquisa indicar esta necessidade (deve acontecer) a mudança pode não acontecer (pode ou não acontecer). O diálogo propicia a apresentação de diferentes pontos de vista entre os gestores, o que também abre espaço para aprendizagens e transformações (desenvolvimento).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através das trocas e das discussões a respeito das possibilidades e impossibilidades, das facilidades e das dificuldades, dos critérios de qualidade, etc. o trabalho foi reificado, com a possibilidade de ser tornado externo ao trabalhador. Os agricultores tiveram assim a oportunidade real de se perguntar sobre os fatores que transformam o seu trabalho.

Com a sistematização dos diálogos entre o pesquisador e a família entrevistada e de acordo com a perspectiva de análise de Sistema da Atividade proposta no referencial teórico, pôde-se notar os seguintes elementos do contexto pesquisado, organizados da seguinte forma:

O agroecossistema pode ser considerado um sistema de atividade maior, composto pelos seguintes elementos:

- Comunidade do agroecossistema: associação de agricultores (AMAE), gestora do restaurante, família do casal.
- Regra do agroecossistema: manter o trabalho com agroflorestas, para manter o significado dos outros trabalhos do agroecossistema; as agroflorestas têm uma importância ideológica para os gestores e para o agroecossistema como um todo.
- Regra das agroflorestas (subsistema): implantar prioritariamente árvores do que cultivos de ciclo mais curto, para não perder trabalho.
- Subsistemas: agroflorestas, restaurante, casa, entre outros.
- Divisão do trabalho do agroecossistema: demanda de trabalho na casa, no restaurante, nas agroflorestas, na comercialização, nas atividades com a comunidade e na manutenção de todo o agroecossistema. Neste elemento foi identificada a contradição interna que a dramática de escolha de o quê fazer primeiro representa.

A partir de pistas linguísticas de manifestações discursivas e de acordo com o método de camadas de cebola, exposto no referencial teórico, pôde-se também identificar as seguintes contradições:

- Falta de quantidade de mão de obra ou excesso de atividades incorporadas. Trata-se de um conflito de um recurso/instrumento comum a todos os subsistemas do agroecossistema. As agroflorestas não estão tendo atenção nem suficientes nem insuficientes (dilema).

- Conflito entre o valor de uso (quanto custa para produzir) dos produtos do agroecossistema e o valor de troca (por quanto é possível vender este produto). Para a quantidade de produtos que os agricultores conseguem produzir, o retorno financeiro é inferior aos custos e despesas do agroecossistema.
- Situação de insatisfação (conflito crítico) da gestora do restaurante por “ter” que colaborar financeiramente com as despesas do casal de agricultores.
- Diferenças de visão de mundo (ou conflito de valores) entre o casal de agricultores e a gestora do restaurante (conflito crítico).
- Limite na gestão do restaurante, que às vezes tem movimento mas a gestora não se encontra e às vezes não tem movimento com a presença da gestora (duplo vínculo).
- Dilema na atividade de manutenção da casa, que é da família mas ocupada apenas pelo casal.
- Conflito com relação à regularização e divisão do terreno do agroecossistema que é herança de toda a família do casal (comunidade).
- Conflito entre o que o casal de agricultores quer e o que precisam fazer (dramática do uso de si).
- Mau funcionamento da lógica de mutirões (dilema), podendo ser superado pela implementação do instrumento “mão de obra paga”.

Também foi possível notar, no decorrer das entrevistas, a criação dos seguintes instrumentos, visando o desenvolvimento do trabalho:

- Distanciamento da associação (AMAE), visando dispor de mais tempo para os trabalhos do agroecossistema;
- Ampliação dos trabalhos relacionados à recepção de grupos no agroecossistema, visando otimizar a relação mão de obra/retorno financeiro. Aqui se identifica o que a teoria chama de célula germinal, uma iniciativa de atividade com outro objeto (recepção de pessoas) que pode superar o conflito vivido na atividade de objeto produção de alimentos agroecológicos (do subsistema agrofloresta);
- Cálculo de tempo e de recursos para cada trabalho do agroecossistema. Este é um instrumento que foi considerado necessário para a superação da contradição do agroecossistema de fazer muitas coisas de forma dispersa, porém este instrumento não foi implementado;

- Intenção de reorganização e remanejamento dos trabalhadores.
- Aumentar a rentabilidade do trabalho com agroflorestas (estratégia não totalmente definida) para possibilitar a contratação de mão de obra.
- Incorporação da regra de fazer menos coisas bem feitas ao invés de muitas coisas mal feitas.
- Uso de um esquema diagramático que ilustrou as trocas entre o casal de agricultores e a gestora do restaurante, buscando superar contradições chegando a acordos.
- Implementação da estratégia de ir delegando responsabilidades de S. para L. P. gradativamente.

De maneira específica, com a realização desta pesquisa pôde-se observar três situações limitantes na organização do trabalho do caso estudado:

- a) Uma disparidade entre o que se tem em mente em fazer e o que é humanamente possível fazer. Há muito mais ideias, projetos e vontades do que capacidade para realizá-las. Com as reuniões problematizou-se a noção de mutirão e cogitou-se a possibilidade de se contratar mão-de-obra externa através de diárias, uma possível solução para esta contradição. A falta de uma organização do tempo de trabalho (agenda/calendário) impede que os agricultores possam dimensionar o trabalho de acordo com suas possibilidades. Apesar de este fato ser constatado, exposto e admitido pelos entrevistados, não houve avanço no sentido de elaborar a organização do tempo e da capacidade de trabalho no período pesquisado.
- b) O agroecossistema está economicamente insustentável. Existe a necessidade de um aporte de renda externa que vem em uma espécie de doação de familiar. Através das reuniões levantou-se a necessidade de eles serem economicamente auto-sustentáveis e como isso pode ser alcançado. No decorrer desta pesquisa o uso de si por si e pelos outros de cada trabalhador foi revisto e reorganizado no sentido de superar tal problema econômico.

O valor de uso está para uso de si por si assim como o valor de troca está para o uso de si pelos outros. Conforme o conceito de contradição, o fator trabalho é

uma mercadoria especial. É inerente a esta mercadoria (o trabalho) o valor de troca e o valor de uso. É uma situação do período histórico estudado. As manifestações discursivas de contradições dialéticas evidenciadas pela categoria conflito sustentam que os trabalhadores do agroecossistema pesquisado estão afetados pela contradição primária (entre valor de uso e valor de troca) que gera contradições secundárias. Quando o trabalhador é afetado para ações que resultam em algo a ser comercializado para o mercado do sistema capitalista, ele está sendo direcionado para o valor de troca. É o valor de troca que integra o(s) trabalhador(es) (agricultores familiares) ao mercado. E é também o valor de troca que lhe permite vender algo como banana e comprar algo como um computador.

- c) Há uma divergência entre a função que o agricultor L. P. quer desempenhar e o que ele precisa desempenhar para satisfazer a expectativa de seu familiar que faz a doação monetária. O trabalho prático do dia a dia exige que ele trabalhe no restaurante, mas a intenção dele é trabalhar com a recepção de grupos como escolas para conhecer suas experiências.

Com o aprofundamento da pesquisa, pôde-se notar um avanço no desenvolvimento da atividade de trabalho através do diálogo entre os envolvidos no trabalho, buscando chegar a consensos de entendimento sobre as mesmas questões que estavam sendo encaradas de forma diferente por cada participante. Isto põe em confirmação a hipótese previamente anunciada de que o diálogo entre o pesquisador e os agricultores, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural da Atividade, tem o potencial de promover um avanço no desenvolvimento da atividade de trabalho.

Observa-se, por fim, que a análise ergológica do trabalho é uma atividade que une ações de ensino, pesquisa e extensão e que pode ser desenvolvida de maneira contínua e permanente nos contextos, gerando conhecimentos úteis para a resolução dos limites enfrentados nestas realidades. Em termos gerais, a análise da organização do trabalho destes agricultores ecológicos nos aproxima da possibilidade de identificar fatores conflitantes e caminhar no sentido da superação dos mesmos, ao olhar para o trabalho sob a perspectiva da Ergologia e compreender a dinâmica de funcionamento do sistema de atividade.

6. REFERÊNCIAS

- ALANO, E. R. C. **Espaço rural e suas possibilidades empreendedoras: o assentamento Nhundiaquara no litoral paranaense**. Dissertação mestrado. Programa de pós-graduação em agronomia. Curitiba: UFPR, 2008.
- ATHAYDE, M.; BRITO, J. Ergologia e clínica do trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011. 258-281 p.
- BAKTHINE, M. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984.
- BATESON, G. **Steps to an Ecology of Mind**, Ballantine Books, New York, 1972.
- BENSON, J. K. Les organisations: un point de vue dialectique. In: SÉGUIN, F.; CHANLAT, J. F. **L'analyse des organisations une anthologie sociologique. Tome I: Les théories des organisations**. Montréal: Gaëtan Morin, 1983.
- BRANDENBURG, A. Movimento Agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 6, 2002. eISSN: 2176-9109. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/dma.v6i0.22125>>. Acesso em: 13 maio 2017.
- CAMARGO, D. **Emoções no processo de aprendizagem**. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- CANGUILHEM, Georges. Milieu et normes de l'homme au travail. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v.3, p.120-136, 1947.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.1, n.1, p.16-37, jan./mar. 2000a.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e sustentabilidade: Base conceptual para uma nova Extensão Rural**. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 10., Rio de Janeiro: IRSA, 2000b.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Análise Multidimensional da Sustentabilidade: Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia**. In: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.3, Jul/Set 2002.
- CASSANDRE, M.; BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D. O conceito de prática a partir da perspectiva da teoria da atividade. In: COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 1., 2011, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: ORD/UFSC, 2011.
- CHAMBERS, R. **Rural development: putting the last first**. United Kingdom, Europe: Prentice Hall, 1983.
- COLE, M. **Cultural Psychology: A once and future discipline**. London: Belknap Press, 1996.

DAVYDOV, V. **Types of Generalization in Instruction:** Logical and psychological problems in the structuring of school curricula. Reston: National Council of Teachers of Mathematics, 1990.

DE DREU, C. K. W.; VAN DE VLIERT, E. Introduction: using conflict in organizations. In: DE DREU, C. K. W.; VAN DE VLIERT, E. **Using Conflict in Organizations**, Sage, London, 1997.

DELEAGE, E. **L'autre paysannerie:** Revue du Mauss, n.15. Paris. La Découverte/M.A.U.S.S, 2000, p 383-397.

DURRIVE, L. **A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital:** Esclarecimentos Complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. Trabalho Educação e Saúde [online]. 2011, vol.9, suppl.1, pp.47-67. ISSN 1981-7746. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400003>>. Acesso em: 20/05/2017.

DURRIVE, L.; JACQUES, A. M. O formador ergológico ou “Ergoformador”: uma introdução à ergoformação. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 295-307.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. **Revisões Temáticas: Glossário da Ergologia. Laboreal**, v.4, n.1, p.23-28, 2008. ISSN 1646-5237. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt/pt/articles/glossario-da-ergologia/>>. Acesso em: 25/05/2017.

ENGESTRÖM, Y. **Learning by expanding:** an activity-theoretical approach to developmental research. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987. Disponível em: <<http://lchc.ucsd.edu/mca/Paper/Engestrom/Learning-by-Expanding.pdf>>. Acesso em: 13/12/2017.

ENGESTRÖM, Y. Communication, discourse and activity. **The Communication Review**, v. 3, n. 1-2, p. 165-85. 1999.

ENGESTRÖM, Y. Expansive learning at work: Toward an activity-theoretical reconceptualization. **Journal of Education and Work**, v. 14, n. 1, p. 133-156, 2001. <http://dx.doi.org/10.1080/13639080020028747>

ENGESTRÖM, Y.; SANNINO, A. Discursive manifestations of contradictions in organizational efforts: A methodological framework. **Journal of Organizational Change Management**, v. 24, n. 3, p. 368-387, 2011.

ENGESTRÖM, Y.; SANNINO, A. Studies of expansive learning: Foundations, findings and future challenges. **Educational Research Review**, v. 5., n. 1, p. 1-24, 2010. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lcsi.2012.03.002>

ENGESTRÖM, Y.; SANNINO, A. Discursive manifestations of contradictions in organizational change efforts: a methodological framework. **Journal of Organizational Change Management**, Helsinki v. 24, n. 3, p. 368-387, 2011.

ENGESTRÖM, Y.; SANNINO, A. Whatever happened to process theories of learning? **Learning, Culture and Social Interaction**, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2012. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lcsi.2012.03.002>

ESTATÍSTICAS do meio rural 2010-2011. 4.ed. c **Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos**; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. -- São Paulo: DIEESE; NEAD; MDA, 2011. 292p. ISBN 978-85-60548-84-2 (MDA) Disponível em: <http://bibspi.planejamento.gov.br/bitstream/handle/iditem/707/Estatisticas_Meio_Rural_2011.pdf?sequence=3>. Acesso em: 13 maio 2017.

GIDDENS, A. **The Constitution of Society**: Outline of the Theory of Structure, University of California Press, Berkeley, 1984.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processo ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

GLIESSMAN, S. R.; ROSEMEYER, M. **The conversion to sustainable agriculture**. CRC Press, Boca Raton, 2010.

GRIMSHAW, A. D. **Conflict Talk**: Sociolinguistic Investigations of Arguments in Conversations, Cambridge University Press, Cambridge, 1990.

GUÉRIN, F. **Compreender o Trabalho para Transformá-lo**: A Prática da Ergonomia. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola Politécnica. Depto. de Engenharia de Produção, Fundação Vanzolini, Edgard Blucher, 2001. ISBN: 8521202970.

HARGRAVE, T. J.; VAN DE VEN, A. H. Institutional work as the creative embrace of contradiction. In: LAWRENCE, T. B., SUDABBY, R. e LECA, B. (Ed), **Institucional Work**: Actors and Agency in Institutional Studies of Organizations. Cambridge University Press, Cambridge, 2009.

HATCH, M. J. Irony and the social construction of contradiction in the humor of a management team. **Organization Science**, v. 8, n. 3, p 275-88. 1997.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. F. O Conceito de Trabalho na Ergologia: Da Representação à Atividade. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.157-173, mai-ago, 2014. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/view/1791/1507>>. Acesso em: 18/05/2017.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. F. **Ergologia: Uma abordagem Possível Para os Estudos Organizacionais Sobre o Trabalho**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.157-173, mai/ago.2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v12nspe/07.pdf>>. Acesso em: 18/05/2017.

ILYENKOV, E. V. **Dialectical Logic**: Essays in its history and theory. Translation HC Creighton. Moscow: Progress, 1977.

JUNIOR, O. A. **O Laboratório de Mudanças como instrumento de desenvolvimento**: Estudo sobre uma intervenção para o fortalecimento de uma associação de agricultores agrofloresteiros no litoral do Paraná. Matinhos: UFPR, 2018.

LEONTYEV, A. N. **Activity, consciousness and personality**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1978.

LEONTYEV, A. N. **Problems of the development of the mind**. Moscow: Progress, 1981.

LITOWITZ, B. E. Just say no: responsibility and resistance. In: COLE, M.; ENGESTRÖM, Y.; VASQUEZ, O. **Mind, Culture and Activity: Seminal Papers from the Laboratory of Comparative Human Cognition**. Cambridge University Press, Cambridge, 1997.

MARX, K. **Capital: a critique of political economy**. London: Penguin Classics, 1976.

MIETTINEN, R. Object construction and networks in research work: The case of research cellulose-degrading enzymes. **Social Studies of Science**, v. 28, n. 3, p. 423-463, June 1998. <http://dx.doi.org/10.1177/030631298028003003>

MIETTINEN, R. Object of activity and individual motivation. **Mind, Culture and Activity**, v. 12, n. 1, p. 52-69, Feb. 2005. http://dx.doi.org/10.1207/s15327884mca1201_5

MIETTINEN, R. Contradictions of High-Technology Capitalism and the Emergence of New Forms of Work. In: SANNINO, A.; DANIELS, H.; GUTIÉRREZ, K. (Ed.). **Learning and Expanding with Activity Theory**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 160-175.

PICINATTO, A. C. **Desafios ao desenvolvimento do crédito rural na agricultura familiar: uma abordagem da teoria histórico cultural da atividade**. Curitiba: 2016. 434 f. il. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

PEIRCE, C. S. **The Essencial Pierce: Selected Philosophical Writings**. Indianda University Press, Bloomington, v. 2, p. 1893-1913, 1998.

PREKERT, F. Tracing the roots of activity systems theory: an analysis of the concept of mediation. **Theory & Psychology**, v. 20, n. 5, p. 641-65. 2010.

QUEROL, M. A. P.; CASSANDRE, M. P.; BULGACOV, Y. L. M. **Teoria da Atividade: contribuições conceituais e metodológicas para o estudo da aprendizagem organizacional**. Gest. Prod., São Carlos, v. 21, n. 2, p. 405-416, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-530X351>.

ROGER, J. L. **Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. [S. l.: s. n.] 2013. p. 111-120. 16 v.

SALMON, L. P. G. **Sistemas agroflorestais como instrumento de desenvolvimento pessoal e comunitário: o caso do movimento agroflorestar em Morretes - litoral do Paraná**. Matinhos: UFPR, 2015.

SANNINO, A. Experiencing conversations: bridging the gap between discourse and activity. **Journal of the Theory of Social Behaviour**, v. 38, n. 3, p. 267-91, 2008.

SANNINO, A. Activity theory as an activist and interventionist theory. **Theory & Psychology**, v. 21, n. 5, p. 571-597, 2011. <http://dx.doi.org/10.1177/0959354311417485>

SANTOS, E. H. **Incorporação da Ergologia no Brasil: Avanços, Limites e Perspectivas**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.21, n.3, p.27-43, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/view/1319>>. Acesso em: 20/05/2017.

SANTOS, J. C. **Compreender os mutirões agroflorestais**: desenvolvimento dos indivíduos, dos coletivos e das organizações. Matinhos: UFPR, 2016.

SANTOS, E. L. et al.; **Desenvolvimento**: Um conceito multidimensional. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Ano2, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/download/215/284+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 16/02/2018.

SCHWARTZ, Y. **Os Ingredientes da Competência**: Um Exercício Necessário para uma Questão Insolúvel. Educação & Sociedade, Campinas, v.19, n.65, p.101-140, dez. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000400004>>. Acesso em 25/05/2017.

_____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Belo Horizonte: **Trabalho e Educação**, n. 7, p. 38-46, jul.\dez 2000a.

_____. Trabalho e uso de si. **Pro-posições**, São Paulo, v. 1, n. 5, p 34-50, jul 2000b.

_____. **Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica**: Paideia e Politeia. Pro-Posições (Unicamp), Campinas, v.13, n.1, jan.-abr. 2002, p.126-149. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto393.html>>. Acesso em: 23/05/2017.

_____. **Trabalho e saber**. In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO SEMINÁRIO TRABALHO E SABER. Seminário Trabalho e Saber, Belo Horizonte, maio 2003. ISSN: 1516-9537. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/revistas/index.php/trabedu/article/view/1227/989>>. Acesso em: 23/05/2017.

_____. **Circulações, Dramáticas, Eficácias da Atividade Industrial**. Trabalho, Educação e Saúde [online]. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.33-55, 2004a. ISSN 1981-7746. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462004000100004>>. Acesso em: 23/05/2017.

_____. **Ergonomia, Filosofia e Exterritorialidade**. In: DANIELLOU, F. A Ergonomia em Busca de Seus Princípios: Debates Epistemológicos. São Paulo: E. Blucher, 2004b. ISBN: 8521203500.

_____. **Um passeio pelo bosque da filosofia: Yves Schwartz, um pensador da atividade humana, sempre inédita e regida por valores**. Comunicação & Educação, São Paulo, v.13, n.2, p.93-102, maio/ago. 2008. Entrevista concedida a Roseli Fígaro. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42399>>. Acesso em: 20/05/2017.

_____. **A experiência é Formadora?** Educação & Realidade [online]. Porto Alegre, v.35, n.1, p.35-48, 2010a. ISSN 2175-6236. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11030>>. Acesso em: 25/05/2017.

_____. Trabalho e Uso de Si. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2010b. p.189-204. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/32-artigos-schwartzzy.pdf>>. Acesso em: 23/05/2017.

_____. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c 37-46 p.

_____. **Conceituando o Trabalho, o Visível e o Invisível**. Trabalho Educação e Saúde [online]. 2011, vol.9, suppl.1, pp.19-45. ISSN 1981-7746. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>>. Acesso em: 20/05/2017.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. O Homem, o Mercado e a Cidade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a Atividade Humana**. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2010a. p.247-273.

_____. Trabalho e Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2 ed. Niterói: EdUFF, 2010b. 25-36 p.

_____. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c. 189-204 p.

_____. Trabalho e Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2 ed. Niterói: EdUFF, 2010d. 25-36 p.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras.

SIDDIQUE, Y. **Núcleo de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos do Sul (SAFAS)**. Projeto em desenvolvimento, com financiamento concedido a partir da chamada MDA/CNPq N° 39/2014 - Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica - NEA. Proponente: UFSC: Florianópolis, 2014.

SLUZKI, C. E.; RANSOM, D. C. **Double Bind: The Foundation of the Communicational Approach to the Family**. Grune & Straton, New York, 1976.

TAYLOR, J. R.; VAN EVERY, E. J. **The Situated Organization: Case Studies in the Pragmatics of Communication Research**. Routledge, New York, 2011.

TELLES, A. L.; ALVAREZ, D. **Interfaces Ergonomia-Ergologia: Uma Discussão sobre Trabalho Prescrito e Normas Antecedentes**. In: FIGUEIREDO, Marcelo (Org.). **Labirintos do Trabalho: Interrogações e Olhares sobre o Trabalho Vivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.63-90.

TJOSVOLD, D. Conflict within interdependence: its value for productivity and individuality. In: DE DREU, C. K. W.; VAN DE VLIERT, E. **Using Conflict in Organizations**, London, 1997.

TOLMAN, C. The metaphysic of relations in riegel, klaus dialectics of human-development. **Human development**, v. 24, n. 1, p. 33-51, 1981. <http://dx.doi.org/10.1159/000272623>.

TRINQUET, P. **Trabalho e Educação: O Método Ergológico**. Revista HISTEDBR On-line, [S.l.], v. 10, n. 38e, p. 93-113, ago. 2010. ISSN 1676-2584. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>>. Acesso em: 23/05/2017.

TRINQUET, P. **O Trabalho Pensado: Entrevista**. [21/10/2013] Entrevistador: César Fraga. Sindicato dos Professores no Estado da Bahia. Disponível em: <<http://www.sinpro-ba.org.br/novo/?p=1455>>. Acesso em: 23/05/2017.

VALANDRO, K. **O papel do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE para a inserção da agricultura familiar em novos mercados: O caso da COOFAPI-Capanema**. (Dissertação) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Contexto: Uma abordagem sócio cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2017.

VASILYUK, F. **The Psychology of Experiencing**. Progress, Moscow, 1988.

VERESOV, N. **Undiscovered Vygotski**. Frankfurt am Main: Peter Lang., 1999.

VERMESCH, P. **L'entretien d'explicitation**. Paris: ESF, 1994.

VIRKKUNEM, J.; NEWNHAM, D. S. **O Laboratório de Mudança: Uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação**. Belo Horizonte: Editora Fabrefactum, 2015.

VOLOCHINOV, V. N. **Le marxisme et la philosophie du langage**. Paris: Éditions de Minuit, 1977.

VOUCHINICH, S. The sequential organization of closing in verbal family conflict. In: GRIMSHAW, A. D. **Conflict Talk: Sociolinguistic Investigations of Arguments in Conversations**. Cambridge University Press, Cambridge, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **Mind and Society: The development of higher mental processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKI, L. **Conscience, inconscient, émotions** (F. Sève & G. Fernandez, trad.). Paris: La Dispute, 2003.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu (MG), 1996. Anais 1996.

WILDE, A. **Marx and Contradiction**. Aldershot, 1989.

7. ANEXOS:

Registro dos assuntos comentados na reunião de 17.01.2018.

Presentes: L. P., A., Lesama e Eric.

Intenção de consolidar uma associação-cooperativa-rede. Parecida com APACO e AGRECO, marca em comum, agroindústrias individuais.

Problema de saber como se prepara uma reunião, que é trabalho de um secretário. Necessidade de um coletivo altamente qualificado. As pessoas não conseguem dimensionar isso e saber que isso vai mudar a vida delas. Trabalho de secretariado importantíssimo.

Problema da barraca e do custo para o grupo. Colocar em reunião.

Projeto aprovado necessita de equipe específica. ("Projeto da professora Ana").

Necessidade de trabalhar o tema "O que é associação e para quê". Estatuto.

Tudo precisa ser feito por alguém, em um tempo e com algum recurso.

A perspectiva histórico-cultural diz que não podemos separar o indivíduo do coletivo.

Agente está querendo criar um sistema em que todo associado vai ter uma função na associação só que não com encargo, não tão oficial.

Intenção de melhorar a qualidade e a eficiência do trabalho. O trabalho nas agroflorestas não pode acabar visto que traz bem estar trabalhar nas agroflorestas.

Perfil do Agroecossistema:

200 alqueires da família sendo que cerca de 4 alqueires é gerido diretamente pelo casal. Há um restaurante tradicional no agroecossistema que é da família.

12 áreas diferentes, capoeiras e implantadas (6).

Intenção de ser uma escola (Estação Agroecológica Marumbi\Engenho da Terra).

Áreas vão demandar um planejamento ou já demandam uma quantidade de tempo. Perspectiva de cálculo do que exige de tempo e de recursos.

Perspectiva de comercialização pela Kombi Verde

Agrofloresta Mais Antiga

Início de implantação em 2011.

A área era um pasto abandonado. Foi roçado, carpido as linhas e passado tobata.

Foi colocado calcário e esterco, já era um solo bom, um pouco mais arenoso.

Área aproximada: 60x30m (2000m²)

12 canteiros de agroflorestas mais as entrelinhas. Foco em frutíferas. Banana, açafraão (plantado depois, 3° 4° ano), abacate, cacau, condessa, café, pupunha (um foco, colhido bastante), jabuticaba, abacate, cajá-manga, cajá-mirim, araçá, pitanga

Dificuldade: citrus, lichia, caju, acerola, pêssego (já morreu)

copaíba (umas 10), araruta, cardamomo brasileiro, chacrona, carás e cupuaçú (uns 5).

Madeiras: Eucalipto, cedro australiano, guanandi e mogno africano.

Para podas: Ingá e margaridão.

Capins: colonião, napiê e mombassa

Produzindo bem: calabura.

Algumas a identificar, mudas da cooperafloresta, plantadas um ano depois da implantação, um problema.

Elaborar escala de aproveitamento da área no decorrer do tempo e desenhos para que sejam didáticas.

Fazer apresentação de fotos do desenvolvimento no tempo.

Plantando agora nas entrelinhas cacau, jussara e café.

Frutíferas que ainda não produziram: Cajá manga e cajá mirim.

Falhas: trabalhou nas entrelinhas mas não deu conta, o que se tornou um problema, o capim era muito ruim (napiê). Trabalhar na área como um todo. Mudaria o desenho das árvores (luminosidade).

Faltou escolher bem e plantar árvores de poda.

Linhas com 4,5m de largura. Foi plantado aos poucos, conforme ia vindo as plantas ia-se plantando. As anuais quase não produziram. Tem uma testemunha.

Segundo pra terceiro ano passar a tobata nas entrelinhas e plantar mandioca não deu muito certo.

Banana a cada 3 metros em toda a área, foram priorizadas por estar indo bem.

Trabalha-se pelo menos uma vez por semana, roçada, colheita, implantação de berçário e podas uma vez por mês. Em um mês gasta-se 3 dias de trabalho mas o ideal seria 6.

80 por cento do que é colhido de todas as agroflorestas vai pra consumo próprio e 20 por cento vai para a comercialização inclusive nos almoços e na recepção de grupos. Açam preferível vender assim do que mandar pra feiras.

Intenção de tirar banana da Mais Antiga e priorizar frutas.

Elaborar apresentação de slides desta agrofloresta.

Por que em 2014 nenhuma área foi implantada?

Agrofloresta Umuarama

Aproximadamente 1h e 30min da gravação.

Área de 700m². Nome significa “lugar cheio de luz” em Guarani.

Implantada em 2012 e 2013.

Plantado anuais junto com arbóreas, produzindo muitas anuais. Início mandioca, inhame, batata-doce, hortaliças em geral.

Plantado banana em uma linha sim e outra não. Espaçamento das bananas de 5 em 5 metros, distante das frutas. Entrelinha de capim mombassa. Citrus a cada 5, 6 metros. 3 pés de Lichia. Avaliada como melhor que a Mais Antiga. Limões já estão produzindo. Citrus melhor que a mais antiga por ter mais luz (menos banana).

Café, cajá-mirim, acerola, cacau, cupuaçú, guanandi, pupunha, paineira, cedro australiano, jabuticaba, cereja do rio grande, pitanga, jaca, Aloysia (Garupá), mamão selvagem, urucum, ingá, mombassa e colônia.

Roçada uma vez por mês, três dias de trabalho por mês sendo que o ideal seria 6 dias de trabalho por mês divididos em 4 semanas.

80% do que é produzido vai pro alto consumo e 20% é comercializado.

Uma agrofloresta nova teria bananas de 6 e 6 metros e frutíferas no meio. Dependendo da linha de frutas nem vai banana. Ou plantar bananas como árvores de poda e frutíferas na linha, com madeiras.

Restaurante Engenho da Serra

Aproximadamente 1h e 50min da gravação.

Coordenado pela mãe do L. P. (S.). Ela tem a renda como preocupação principal. Existe a possibilidade de que ela não enxergue o potencial e a dimensão do trabalho com agroecologia. Isso possivelmente se deva ao meio social ao qual a S. está inserida. Se ela fosse numa feira de sementes ela ia ver outro mundo. Receio de mudar, pensamento conservador. Prefere deixar na mão dos funcionários pra continuarem a fazer do jeito que é feito, do que para o filho. Também representa uma ocupação para a S.. L. P. tem curso de Chef de cozinha. O L. P. poderia assumir o cargo de cozinheiro para liberá-la para o contato com os clientes. Agente só vê as pessoas na ação, por isso devemos pôr em movimento.

Não valeu a pena para o L. P. trabalhar no restaurante, passando a trabalhar no restaurante só em caso de urgência.

Pra mudar tem que ser dali de dentro. E pra ter esse dali de dentro tem que ter esforço e disciplina.

Agora já tem potencial para mudança. Se ela só delega pra mim a função de gerir os funcionários já facilita um monte. Mas A. diz que não seria o momento por causa das outras demandas do ano.

(A.) O César é uma pessoa pra te ajudar. Redirecionar os que estão ali para as funções que eles têm facilidades porque ela gosta deles.

Como transformar o nhoque de mandioca em algo mais industrial. (Lesama)

Às vezes a S. não vem e tem movimento. Ela é uma pessoa que prefere não ver que está ocorrendo um problema, justificando.

Dia de semana as cozinheiras trabalham na roça, se pudesse remanejar a mão de obra ociosa seria bom. Mas remanejar pode ser um problema.

A S. também faz as cachaças, o que talvez tenha dado mais retorno que o restaurante. Lesama diz que o que tem mais valor é a rede de compradores que leva anos para se constituir. Lesama diz em potencializar a marca Engenho da Serra. A A. pensa em Engenho da Terra.

A ideia de chamar de Estação Agroecológica Marumbi é mais ampla ou paralela ao Engenho da Serra. Uma marca pode ajudar a outra. EAM pode acontecer quando mais pessoas vierem morar.

1º elemento restaurante, 2º elemento agrofloresta. É o que há de concreto hoje.

O restaurante já amparou a agrofloresta.

Ideia de ter uma marca única do grupo e cada produtor fazer propaganda dos outros produtores.

Caminhadas ecológicas, educacionais e pedagógicas, acompanhamento pedagógico.

Discussão da construção da marca, nome, título dos trabalhos e produtos.

Ressignificação do barracão ao lado do restaurante, assim como portão.

L. P., A., Tunicão, Professora Ana, Eric, Lesama, Kombi Verde, S., funcionários do restaurante, Raul e Cecília da bioconstrutora Estrela Guia.

Hortafloresta

Implantação em maio de 2015.

É feito a contabilidade de algo? Como é feito?

Registro dos assuntos comentados na reunião de 24.01.2018.

Presentes: L. P., A., Eric, Lesama.

Foi feito o mapeamento dos subsistemas.

Mais antiga: 2000m²; Umuarama: 700m²; Surpresa: 1300m²

Feito manejo do arroz, roçado, vinda da Thainá, colheita de banana.

Discussão sobre área total do agroecossistema 200 alqueires de mata, divisa com piraquara, 20km até o centro de piraquara. Como ocupar os 200 alqueires? Não foi discutido com a família. A questão documental ficou com o primo Neto que está para resolver isso faz tempo e não faz. Usucapião. A terra não está no nome do avô do

L.. Parcerias e arrendamentos do terreno.

Horta-floresta

Implantação em maio de 2015. 600m².

Banana cinza, ouro e prata, pimenta doce, cúrcuma-ama, abacate, ingá, pitanga, lolo, cavalinha, anis, milho, inhame e mandioca.

3 dias de trabalho no mês. ideal de uma semana no mês.

Dependendo da implantação mesmo que seja só implantação é melhor no caso das árvores mas não da produção. Só não vale a pena implantar quando morre tudo.

Se agente implantasse área esse ano talvez agente ia perder áreas antigas por não dar tempo de manejar. Estamos com duas áreas de arroz só pra salvar a semente.

Margem entre ideal de trabalho, suficiência de trabalho e insuficiência. Organização do trabalho. O trabalho varia de acordo com o ano.

Quanto de trabalho vocês conseguem fazer e o quanto é possível fazer? É preciso fazer escolhas pois há um limite.

1,5ha de agroflorestas sendo manejadas, 1,5 ha de capoeiras semi-utilizadas e 1 ha de áreas de transição.

2014 ano das entrelinhas da umuarama e da mais antiga.

Surpresa

Implantação em agosto\setembro de 2015. 1300m² (60x30m)

10 linhas.

Trabalho por 3 dias por semana suficiente. Ideal seria 5 dias por semana no verão.

Gráfico de meses e intensidades.

Roçado no mínimo uma vez por mês no verão. No inverno uma vez a cada dois três meses.

2016:

3 canteiros, arrozal e bambuzal.

Agosto 2 entrelinhas da surpresa uma linha do bambuzal. Com toбата nas entrelinhas: mandioca, alho poró, couve, inhame, salsinha, mamão, guandú.

Bambuzal: Inhame, banana prata a cada 2m, tomate cereja, açafrão, gengibre, pixirica, ingá, pitanga, feijão adzuki.

Novembro: área nova: arrozal 0,55ha, sendo que 1\3 arrendado pra mandioca. Arroz em 3 entrelinhas. Cada entrelinha tinha 7 linhas de arroz, totalizando 21 linhas de arroz. A cada 8 canteiros 1 é de agrofloresta, 1 canteiro com banana.

Boa colheita de inhame e arroz, que ocuparam a área.

10 canteiros de inhame, 7 de mandioca.

Inhame dura bastante depois de colhido

Transformação da forma de trabalhar, entendendo o que agente dá conta sozinho pois não é fácil contar com os outros.

Trabalho de recepção para fins educacionais, universitários. Voluntários e estagiários fazem o que agente está fazendo, ao contrário dos universitários. 2 dias por mês. Faz-se trocas e vendas de produtos. Universitários vêm passar o dia apenas.

Situação-problema, gargalo: Trabalho no restaurante é eventual, intenção de transformá-lo. Vender os produtos junto com o restaurante, servir café da tarde. Intenção do L. P. de ajudar na gestão, elaborando receitas e fazendo contato com fornecedores. Uma coisa que tinha que mudar é o fornecimento. Restaurante consumindo produtos agroecológicos, A. trabalharia nele como uma agroindústria (fechada), bebidas fermentadas, sorvetes, molhos. Muitas ideias e limite de trabalho. Tempo e quantidades para conseguir fazer tudo isso. Fazer pra gente pra depois fazer pra vender.

Da forma como é gerido o restaurante agente não tem vontade de ajudar.

Conversa sobre agroindustrialização e especialização ou diversificação. Dilema entre sonhos e projetos e limite de trabalho. Sociedades? Parcerias? Parceria com apicultor. Arrendamentos. Arrendamento de entrelinhas aproveitando a matéria orgânica

Sonho de lidar com o melado e com o nhoque de mandioca ou de inhame. Imagino ter o nhoque daqui mas não imagino eu e o L. fazendo nhoque.

Diminuir o fazer, aumentar o gerir e continuar a inovar e criar. Tem a ver com o nosso papel no mundo. L. P. crê que seu papel é criar. Várias coisas que estamos fazendo são coisas novas. Exemplo: como seria um contratado pra fazer o seu trabalho.

Promover algo bom para a comunidade, que tem ficado à mercê de coisas ruins. Tomar cuidado com o depositar de esperança nas nossas expectativas com relação aos outros. Estamos fazendo as coisas por nós mesmos, se ninguém quiser fazer junto vai durar menos.

Prefiro viver de dar aula aqui do que de vender produto. “Falo melhor do que faço, rs”. “Isso vai acontecer naturalmente a partir dos meus princípios”.

Kombi Verde: Um produto para o ano todo. Logística não definida. Provavelmente terão que levar o produto (açafrão) na cidade. A Kombi vai buscar produtos em Curitiba. Possibilidade de trabalhar com trocas. Produz banana o ano todo. Proposta de vendas acessíveis.

Mutirão

Troca de dia coletiva. Todas as áreas foram feitas com mutirão semanal. O trabalho era pago trabalhando na propriedade de outras pessoas, como o Zé Inácio, Fabrício, Zé do Cachimbo. Umuarama com Cláudio e Ademir... Surpresa: Carlos passou a tobata... Três Canteiros mutirão com Pedro Guilber e Pumba.

Tem gente que “está devendo”, que a A. foi e não vieram. “Não falam sobre isso e não dá pra entender”. Eram mutirões semanais, a questão do comprometimento depende da cultura das pessoas. Tem gente que se não vai, avisa, e tem gente que não.

O L. P. era técnico da Cooperafloresta e agricultor do projeto, participando de mutirões sem precisar a pessoa retribuir.

60, 70 reais de diária dependendo do serviço. Hoje o L. P. avalia a possibilidade de contratar pra manejar a agrofloresta por dinheiro, mas precisa de experiências para avaliar. Tem lógica e pode ser que seja mais vantajoso. A retribuição do serviço nem sempre acontece da melhor forma.

Quando o serviço é contratado de forma justa é mais simples de resolver do que em mutirões. A vantagem é que resolve na hora. Antes eu tinha um pouco mais de resistência a isso por pensar que seria melhor trabalhar sempre na troca. Mas hoje agente vê que seria melhor contratar amigos pois várias pessoas que entraram depois chegaram e começaram com essa prática e funciona. O processo tá rolando porquê tem gente investindo em pessoas. As pessoas têm uma resistência a criar acordos e regras para o próprio trabalho.

Raul é uma pessoa que a A. pensa em contratar, tem uma empresa local.

Problema na retribuição do trabalho dos mutirões. Não vêem, quando vem não vem com qualidade...

Os mutirões não pararam pelo aprendizado, sem obrigação de retribuição. O mutirão funciona melhor quando não há obrigação de retribuição.

História do L. P. com César e Luigi. Conflitos de trabalho.

Tornar o trabalho economicamente viável para que ele pague no mínimo as diárias de trabalho é uma intenção do L. P. e da A., para que eles possam fazer outras coisas além dos manejos repetitivos e braçais da agrofloresta, como os trabalhos de articulação de grupos e da comercialização. Se a roçada saísse das minhas preocupações seria ótimo pra mim, é só uma questão de deixar tudo organizado e achar a pessoa certa.

Morretes tem uma mão de obra tecnicada em agroecologia e tem os não tecnicados que cobram a metade.

Entra no agroecossistema o trabalho com a cozinha? Um dia de trabalho de vocês inclui o trabalho em casa.

Ter um grupo de pessoas não significa ter um coletivo de trabalho.

Discussão sobre o trabalho.

Registro dos assuntos comentados na reunião de 01.03.2018.

Presentes: L.P., A. e Eric.

LP: Melhor fazer uma coisa bem feita do que abranger um universo maior e não dar conta.

Chegou um ponto que eu e o L. estamos mantendo a casa só nós de limpeza e organização geral, um ano e meio. Essa casa sempre teve trabalhadores domésticos, chegou um nível que só manter não dá mais. Tem que ter uma ação de pessoas que sabem limpar a casa, que representa uma grande demanda de trabalho. Antes eu e o L. ficávamos dedicados só à agrofloresta, agora agente fica dividido com a casa. Isso é um motivo de conflito com a S., que não consegue enxergar a dificuldade que nós temos pra manter a casa.

Como existe uma diversidade de trabalho, se vocês pegarem alguns dias só pra casa os outros trabalhos ficam abandonados e se pegar alguns dias só pros outros trabalhos a casa fica abandonada então vocês têm que trabalhar distribuindo o trabalho pra que tudo fique mais ou menos equilibrado.

Pra nós temos tido como princípio não deixar ficar sujo, não importando tanto a bagunça.

Ideia de entrevistar a S., explicar a noção de agroecossistema, ela só vê o restaurante e só faz o suficiente, quem mais fica na gestão do restaurante são os funcionários. Mostrar o mapeamento das áreas, quadro de distribuição semanal do trabalho.

Essa parte de roçar o gramado quem coordena é ela, mas ela não avisa agente. A galera chega, usa a minha roçadeira, minha gasolina. Como não tem organização do trabalho fica nesse improviso e como não tem planejamento também a grama está sempre crescendo mas não produz nada, só mantém a estética.

Podia investir em várias coisas com o dinheiro que gasta que iriam deixar o lugar bonito também e mais auto-sustentável.

Como é o nosso trabalho, como ele está, complexificar o mapa e ter o cronograma vinculado com os espaços pra ter um planejamento global e um planejamento para os espaços.

Relação entre demanda e oferta de trabalho. A organização do trabalho da estação agroecológica Marumbi.

Primeira coisa do dia tomamos um chimarrão, umas frutas e às vezes umas tapiocas. Começam a trabalhar até as 9 horas da manhã atualmente, mas é sazonal.

Param pra almoçar entre 2 e 3 horas da tarde, trabalhando nas áreas mais sombreadas. O ideal seria agente levantar 6:30, organizar a casa e tomar chimarrão até 7:30 pra voltar mais cedo. Estamos no processo de adaptação. Mas varia. Voltam a trabalhar nas agroflorestas por 4, 5 horas da tarde depois do almoço e vai até as 8 da noite. Volta pra casa tomam um banho, não comem muito e vão descansar.

Planejam o dia no próprio dia de acordo com o calendário da paz indica.

Trabalham nas agroflorestas quase todo dia um pouco, com exceção de dias de reunião. Até 5 horas por dia.

Planejado quinta-feira à tarde para trabalhos intelectuais e sexta para ir à cidade levar produtos e resolver coisas. O planejamento semanal vai respeitar um dos ciclos do calendário que o casal adota.

Talvez seja interessante reservar a manhã de sábado pra organizar a casa, pois recebem visitas no fim de semana. A cada semana precisa de uma limpeza de um profissional. Aceitável uma vez a cada 15 dias e no mínimo uma vez por mês mais o trabalho diário.

Diária de auxiliar de limpeza 70 a 80 reais por dia. De onde virá este dinheiro? No momento o L. P. e a A. não têm esse dinheiro. Como não se mensura as trocas não fica claro o quanto cada um contribui para o lugar. Agente está só ocupando a casa

ou está cuidando também? Se agente não estivesse aqui o que a família teria que mobilizar pra manter aqui?

Do que eu observo da economia da S. não é muito, é razoavelmente aceitável esse valor. Pois tendo essa pessoa responsável pela limpeza agente pode fazer a recepção dessa casa ser um serviço, pedindo uma contribuição, fazendo um livro de presenças, vendendo cartões postais, passando a ter uma movimentação que sem limpeza não dá pra ter.

As traças estão comendo a árvore genealógica.

Quando eu vim morar aqui há sete anos atrás morava só meu vô. Eles tinham um gasto de comprar comida pro meu avô. Contratavam uma pessoa pra cuidar dele, limpar a casa e fazer comida e outra pessoa pra cuidar da manutenção. Quando eu vim pra cá mandaram a pessoa da manutenção embora. Tudo o que ele fazia ficou pra mim mas eu não sabia fazer, além da roçada que vinha uma equipe uma vez por mês só pra roçar. Várias coisas foram degradando pois não tinha quem fizesse e eu não sabia fazer. Quando eu vim morar aqui eles economizaram esses 900 reais. De um ano pra cá os tios pararam de arcar com a roçada e minha mãe está contratando pessoas pra fazer esse trabalho. Quando o avô faleceu em novembro de 2016 pararam de pagar a cuidadora. Eles nem vêm aqui, não ajudam com os custos da manutenção, ficou por conta da minha mãe que gasta no restaurante. A prioridade dela é manter o gramado limpo, isso incomoda mais ela do que as outras coisas.

Como agente não tem claro as trocas eu estou aqui disponível quando dá. Ela paga conta de água, luz, telefone e pensão da filha do L. P. e em troca sem acordo agente cuida dessa casa e faz o que precisa ser feito.

Isso demanda uma pauta de diálogo com a S..

Ela tem um estilo que não quer ver os custos. Ela vai mantendo, tipo o restaurante, ela não tem um controle. Ela não tem a atitude de repensar tudo isso.

Se agente entrasse um acordo de ela repassar pra mim a responsabilidade de coordenar os trabalhos do sítio, tipo a roçada. Uma coisa que já aconteceu várias vezes é dos trabalhadores se aproveitarem dela pela ignorância. Ela investe mais

nas pessoas do que nós mesmos. Agente vive super bem e não gasta mais do que 200 reais porque agente sabe comprar e o que é necessário.

Se ela pudesse deixar um valor, tipo esses 500 reais aqui é pra vocês pagarem uma empregada, o pessoal da roçada e me deixarem tranquila com relação a esses assuntos. Como agente vai agir se agente não tem um investimento com relação a isso?

Deve existir alguma razão de que ela haja assim, por isso a necessidade de um espaço de diálogo com ela e dos dos lados mudarem.

Minha mãe e meus tios cresceram como príncipes e princesas, a relação com os funcionários era um pouco exploratória e quando a Anvisa, legislação trabalhista começou a pegar eles não deram conta.

O principal motivo do restaurante não era se manter, mas manter o contato com o sítio.

Sábado à tarde e domingo para a recepção de pessoas, colocar na placa do portal. Recepcionar pessoas durante a semana mediante agendamento, intenção de trabalhar com as escolas.

Qual a demanda com relação à AMAE? Certificação Rede Ecovida, reuniões mensais, projeto, parceria com Tunicão de doces, acesso a ferramentas, barraca de feira, local de recepção de pessoas, lojinha no sítio, produtos que façam referência à associação.

Agente também quer criar nosso espaço pra ter liberdade de agir.

Característica do coletivo é muitas ideias, precisa colocar os pés no chão. As ideias se viabilizam através de parcerias e contratação de pessoas de forma justa e que promova o desenvolvimento da pessoa que está trabalhando.

Caminho do desenvolvimento pode ser a resolução das contradições que já existem, ao invés de simplesmente criar coisas novas.

Acho que a principal contradição que tem é a comunicação com o coletivo, se reconhecer como coletivo além do L. P. e A.. Se houver uma confiança recíproca enquanto trabalhador... Meu irmão mais velho também poderia fazer parte do

coletivo e contribuir. Tem tios, primos mas começando pela mãe e irmão já seria alguma coisa.

Uma das coisas a resolver seria a comunicação de mostrar ao mundo o que agente está fazendo e convidar pessoas pra virem pra cá.

Proposta de sistematizar as ofertas que o casal e ou indivíduo têm a oferecer à S. para mensurar as trocas.

Talvez cada lado não esteja reconhecendo o que cada pessoa oferece.

L. concorda e acha que a forma de colocar o que agente já faz dentro de um esquema visual e haver um mediador que mostre o que agente faz.

Eu sinto que às vezes precisa de um santo de fora.

Seria interessante ela conhecer alguma experiência para que ela saiba aonde esse trabalho pode chegar.

Eric se dispõe a participar da conversa como mediador.

Conversa marcada para 04.02.2018.

Intenção de organizar o projeto do agroecossistema para ser um instituto de educação.

Registro dos assuntos comentados na reunião de 04.02.2018

Presentes: Eric, L. P., A. e S.

Apresentação do trabalho para a S..

Coletivo de trabalho inclui S..

Agente está supondo que está tendo diferenças de entendimento sobre as mesmas coisas.

Primeira demanda que me solicitaram é mostrar para a S. o que agente pretende fazer aqui, nossos projetos, onde queremos chegar.

O trabalho que eles fazem é x mas isso faz parte de algo bem maior.

Pensei como eu poderia mostrar isso pra você e acabei selecionando três vídeos, reportagens que contam a história de instituições de referência em agroecologia, permacultura e agrofloresta.

O trabalho que essas instituições fazem é mais ou menos o que vocês querem fazer? Sim, é mais ou menos isso.

O trabalho do LP e da A. está no início e a nossa intenção é conciliar com a sua expectativa que é mais econômica que também é uma preocupação importante.

Existem questões que vocês poderiam se ajudar mais do que se ajudam hoje necessitando de um diálogo melhor. É por isso que estamos propondo essas conversas. Hoje pode ser um início, podemos fazer mais depois.

Sugeri ao LP e à A que anotassem coisas que podem oferecer à S. e que já oferecem, uma lista de ofertas. Existem algumas questões que é a mesma questão entendida de forma diferente por eles e por você, por exemplo a questão da moradia. Talvez eles vejam que estão prestando o serviço de caseiro, então seria como se fosse uma despesa a menos pra S. e pra família e talvez a S. pense que está oferecendo uma moradia pra eles, então eles estão com uma despesa a menos que seria o aluguel. A mesma questão entendida de formas diferentes. Se você tiver um tempo também poderia relacionar o que você oferece e o que você tem a oferecer pra gente conversar sobre essas questões e chegar a acordos porque às vezes a mesma questão está sendo compreendida de forma diferente, você está compreendendo?

Você vai apresentar isso na faculdade? Eu vou apresentar como o trabalho do L. P. e da A. se desenvolveu, como houveram transformações a partir da minha interação com vocês. Depois que eu cheguei aqui o que mudou. Ainda vou chegar a um consenso se vou citar nomes ou não. Eu posso colocar nomes fictícios que ninguém vai saber que é o caso de vocês ou então como o L. P. falou que pode ser interessante até como forma de divulgação do nosso caso. Meu trabalho vai falar não exatamente sobre vocês, mas sobre a transformação do trabalho de vocês.

Uma das coisas que eu fiz dessa atividade é a dificuldade que eu tenho de conservação fina da casa, que eu não atingi ainda e vejo como não sendo uma habilidade minha, então talvez isso eu não possa oferecer ainda. Uma das minhas propostas que eu pensei foi o que eu poderia oferecer, às vezes até mesmo um produto pra custear uma ajuda, uma empregada doméstica pras esferas mais intensas pois eu não tenho essa habilidade e não é o que eu quero fazer, eu gostaria de me desenvolver em outras coisas.

Gostaríamos de ouvir da S. se está compreendendo onde agente quer chegar e se você tem abertura pra fazer isso, se você está entendendo pois a nossa ideia é melhorar o nosso trabalho, não só meu e da A., mas da propriedade como um todo. Esse método que agente está fazendo aqui é uma tentativa de agente melhorar o trabalho, ter um plano, o que agente quer pra esse ano, pra daqui a cinco anos.

Eu acho que isso é só uma questão de colocar em prática porque você estudou isso e em primeiro lugar pra você se desenvolver em qualquer coisa você precisa de organização. Por ideias, o que agente pode fazer, o que agente vai fazer, e eu acho que isso falta pra você: o que eu vou plantar esse ano, o que eu vou colher esse ano... Inclusive a Marilda pediu pra perguntar quando eles vierem em Maio que tipo de produção vai ter. Então acho que a primeira coisa é isso, se organizar e botar em prática. Como você falou há um tempo atrás pra mãe que você gostaria de colocar produtos orgânicos no restaurante o que eu falei pra você: eu estou aberta, vamos fazer isso, cria um cardápio paralelo ao que já tem pois eu não gostaria de tirar o que eu já sirvo e eu concordei que poderia ser assim. Façam a propaganda de vocês, chamem as pessoas que gostam desse tipo de vida.

E a possibilidade de agente fazer essas conversas de tempos em tempos, podemos fazer? É positivo? Sim, claro. Um espaço de conversa com um mediador, pode ser? Sim, porque eu já falei pro L. P. que a minha vontade, eu ando meio cansada, tive perdas significativas na minha vida, estou tão fragilizada que começo a falar nisso e começo a chorar, então várias vezes falei pro L. P. que a partir do momento que eles tiverem a possibilidade e o amadurecimento de fazer as coisas bem feitas, planejadas, eu deixaria o restaurante pra ele. Só que eu sei que agora não é a hora, eu tenho que estar aqui, isso é difícil sabe, muito difícil pois é muita responsabilidade, pela minha própria maneira de ser eu sofro com isso, gostaria de

não me preocupar com as pessoas, de não me importar tanto com as coisas, de me incomodar menos, aquele velho ditado: eu procuro sarna pra se coçar e depois eu não aguento o tranco, eu estou desgastada, está muito difícil mas eu sempre tive boa vontade, todas as vezes que ele disse mãe... eu disse faça filho. Mãe eu preciso de uma ajudante na roça eu disse fale com a Totó, ela é bacaninha, entende de roça, ela vai te ajudar, sempre me propus a ajudar, eu tenho muita dificuldade de dizer não, ele vem com essas ideias: mãe eu preciso de alguém que me ajude, eu digo claro.

É mas uma coisa que você falando isso eu concordo e acho que agente está fazendo essa conversa justamente pra criar um plano pra que isso se coloque em prática porque uma coisa é agente falar preciso disso, mas na prática do dia a dia é mais difícil. Eu como seu filho percebo a questão da fragilidade mas percebo que é uma questão de confiança: você se sentir confortável em eu assumir o restaurante você pode ter uma imagem de mim que eu sou uma pessoa desorganizada, que eu sou uma pessoa que não dou conta e continuar trabalhando as coisas do teu jeito e agente não se encaixar pra fazer isso agora se agente combinar pequenas coisas que vão mudando aos poucos você vai se livrando de algumas preocupações que eu poderia assumir e também eu não ia mudar tudo de uma vez.

Eu penso assim filho: é agora ou nunca, pois você já está aqui há mais de 6 anos. A coisa já tinha que ter se desenvolvido e se não se desenvolveu vamos fazer se desenvolver agora. Por onde que você pode começar: Mãe, toda semana eu vou fornecer tais alimentos pro restaurante. Montar um cardápio... Começa assim.

Eu concordo, podemos fazer um planejamento pro ano pois agora que vai começar a época de plantar hortaliça, vai mudando. Agora está tendo banana e palmito, o que vai ter salada disso disso disso. Quando acabar isso vamos ter isso... Você vai se interando da agilidade que tem que ter um restaurante.

Eu nem sei se é isso que eu quero. Eu não sei se quero deixar do restaurante.

A questão da Totó, o que eu acho que eu poderia contribuir é a mediação entre você e os funcionários. Por exemplo, a questão das pessoas que vêm roçar. Eu tenho uma percepção do trabalho deles. O Adão é muito bom pra consertar as coisas. Se você me ajudar colocando a autoridade que você tem, você não tem como fiscalizar

o trabalho deles. Por exemplo, você contratou eles pra roçar mas não tem gasolina, tem que usar a minha roçadeira, não tem nylon, eu não sabia quando eles iam vir. Agente criar um plano de eu ser como um gerente, capataz, que você disponibiliza o dinheiro e eu fiscalizo. Eu queria poder coordenar isso.

Você pode muito bem ter esse olho: mãe, está precisando roçar.

O importante é ter o espaço de diálogo e esperança.

O LP e a A têm uma vontade muito grande de trabalhar com agroecologia e permacultura mas o restaurante já existe. Isso provoca uma disputa, pois o trabalho deles é limitado. Eu me proponho a ajudar a organizar o que exatamente será assumido pois existe um universo muito grande de ideias e se você tentar fazer tudo não sei nada que preste.

Mas eu não estou dizendo pra eles que essas são ideias que vão ser postas em prática. Eu teria o maior prazer em dizer: esse alimento o meu filho plantou, é orgânico. E se ele não tomar conta do restaurante ele pode fornecer os alimentos.

Agora que estamos percebendo em grupo que só LP e A não vão dar conta de tudo e mutirão nem sempre dá certo. Às vezes compensa mais contratar uma pessoa por uma diária, pois eles vão precisar de uma equipe maior.

Já dei ideia pra eles sempre terem algo que renda dinheiro, pois o que eles plantam só dá pra eles comerem. Gerar uma renda pra pagar uma empregada doméstica.

Meu maior sonho é que o L. P. seja independente. Falei pra ele: Faça a sua casa, tá tudo certo o seu projeto? Tá ficando. Organizar a vida, é por aí.

Fazer uma roça de mandioca. Aqui abriu a boca todo mundo precisa de mandioca. Aí tem que trabalhar como empresário. Eles estão assumindo essa condição agora, pois enfrentaram dificuldades com mutirões.

Tem que perder o romantismo e botar o pé no chão: Todo mundo precisa de dinheiro pra viver. Não se iludir facilmente com as pessoas. Quando você lida com pessoas não é fácil. Não adianta fazer o trabalhinho de formiguinha. O dinheirão que se gasta com essa grama. E precisa ficar bonito. Por causa de cobra, de bichos.

Esse exemplo do gramado dá pra pensar formas de dar menos trabalho e priorizar alguns lugares. Eles vêm, demoram três dias pra ficar limpo...

Uma oferta que o L. P. tem é a gestão da jardinagem.

Registro da reunião do dia 18 de fevereiro de 2018.

Eric e L. P.

Inicia-se perguntando se havia feito a tarefa de relacionar ofertas e demandas com relação ao restaurante.

Foi feito outra coisa, foi recuperado um esboço de planejamento de atividades da Estação Agroecológica Marumbi.

Foi exposto que uma das contradições do agroecossistema é ter muitos projetos em ideal mas não há mão de obra suficiente para pôr em prática, inclusive só pra manter o agroecossistema já falta mão de obra.

Sugere-se novamente caminhar pela superação das contradições já existentes antes de iniciar novos projetos.

Sugere-se também a elaboração de uma agenda do trabalho: semanal, mensal, anual, etc.

L. demanda um passo a passo de implementação dos projetos.

L. indica novamente o problema da jardinagem do agroecossistema, sugerindo que isso possa ser resolvido se ele mesmo ficasse responsável pela gerência deste trabalho.

L. levanta outra contradição que é na divulgação do restaurante que está defasado, podendo ser aproveitado para divulgar o trabalho do L. P. e da A. (Estação Agroecológica Marumbi). L. P. indica que essa abertura existe.

Eric lembra que o trabalho do L. P. e da A. não está economicamente viável e L. P. diz que vai resolver isso com uma contrapartida para o restaurante e com a recepção de grupos a cada 15 dias.

Eu não vou ganhar dinheiro com uma roça de inhame ou uma roça de mandioca me matando pra carpir inhame e mandioca vender tudo de caixa. Eu vou ganhar dinheiro a partir do momento em que uma vez a cada duas semanas vier uma escola

aqui, vier uma universidade aqui com no mínimo 10 pessoas e cada uma me der 10 reais, é assim que eu ganho dinheiro. Tudo isso aqui eu não estou inventando, eu já fiz tudo isso aqui, eu faço isso aqui. Eu só não tenho isso divulgado, sistematizado, não tem publicidade, mas eu já recebo escola aqui, universidade, universitário, recebo um monte de gente. Eu só preciso divulgar isso em algum lugar com algum nome. Por isso que eu tô falando em mexer num negócio que ela não mexe, pra eu ganhar dinheiro. Eu não vou ganhar dinheiro na roça. A visão que ela tem de agricultura é isso: Planta uma roça de mandioca... Eu quero plantar uma roça de mandioca calculada pra eu ver o quanto de nhoque de mandioca vai vender por ano ali. Outra coisa prática que eu estou disposto a fazer é ver quanto de berinjela ela consome por semana, quanto de rúcula, de folhas... Porque agora a partir de março começa a época de hortaliças e eu vou produzir hortaliças, e o que eu não tiver eu posso pegar dos outros produtores daqui. Então uma outra coisa que poderia modificar é agente poder ficar com a parte das compras. Eu quero aos poucos introduzir princípios agroecológicos dentro do agroecossistema não só da parte que eu estou comandando hoje em dia, mas da parte que está ali.

Eric lembra que S. não tem segurança em delegar responsabilidades para L. e que o motivo principal é ter que bancar despesas que seriam de responsabilidade de L. e A.

L. diz que isso é uma visão reducionista e que não é só isso. O que L. acha que mais pega é a pensão de sua filha mais as despesas que ficam por conta da mãe dele. Isso é uma coisa que urgentemente deva ser modificada.

L. não tem perspectiva de trabalhar de técnico de agroecologia, que é sua vocação.

O que eu poderia fazer é ser empregado do próprio empreendimento que tem no agroecossistema, e o dinheiro que ela me empresta seria dos trabalhos que eu já faço e que eu poderia coordenar.

Eu não vou sair pra fora daqui pra ganhar dinheiro nem me matar de trabalhar, eu quero pegar a minha parte, porque eu era sócio do restaurante.

Mexer no site e na logomarca são coisas que estão liberadas.

Eric volta a lembrar da lista de ofertas e demandas da Estação Agroecológica Marumbi com relação ao restaurante Engenho da Serra, como uma forma de esclarecer as trocas realizadas.

L. vai usar parte da herança a receber pra construir sua casa própria e liberar a casa histórica da família.

Negociação de troca de funções

Objetivo: chegar a um acordo, senso comum.

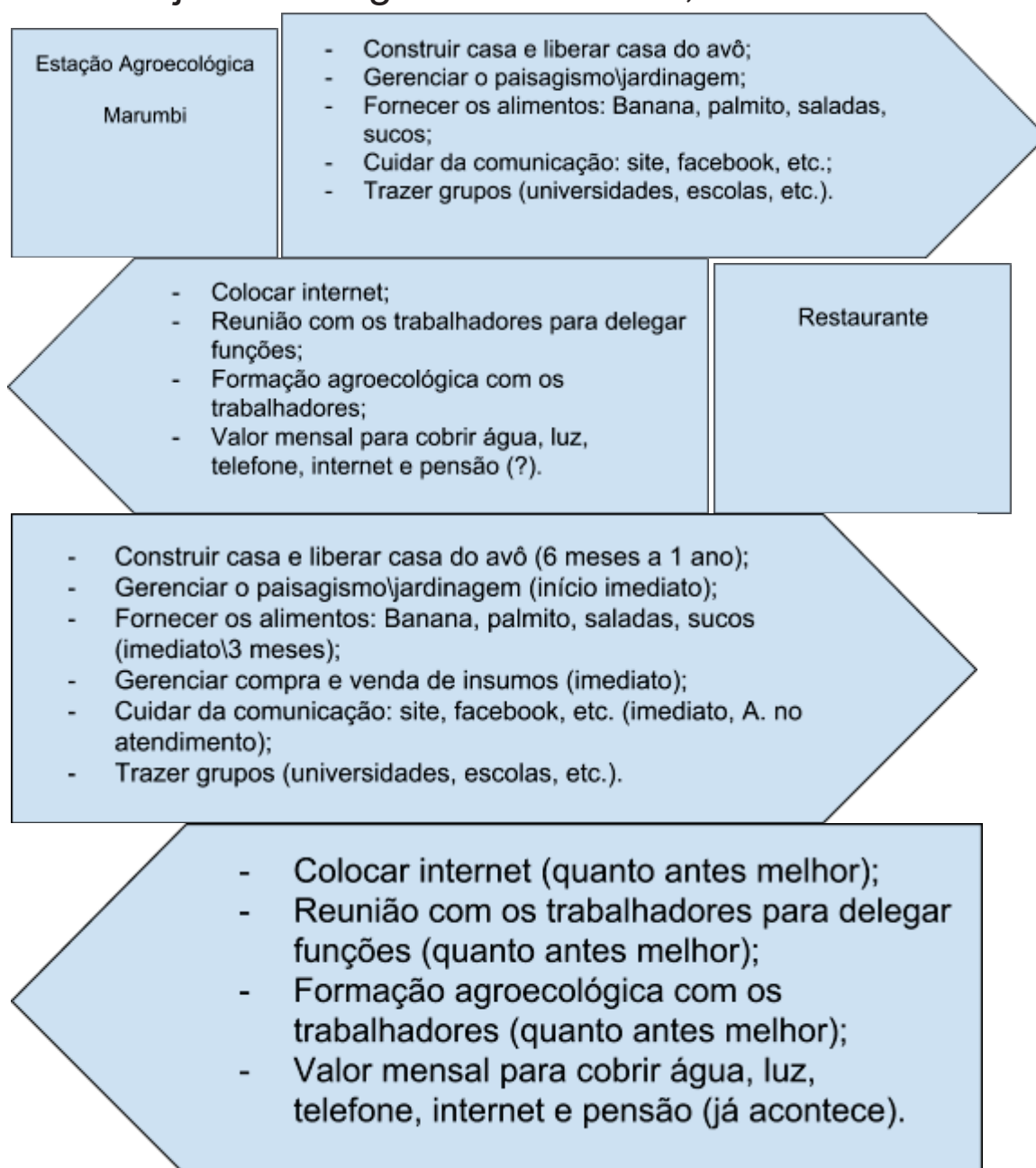


Figura 05 - Diagrama de negociação de troca de funções.

Registro de assuntos conversados em reunião do dia 25.02.2018

Presentes: Eric, Lesama, A., L.P., S.

Aprimoramento do esquema de negociação de troca de funções entre a Estação Agroecológica Marumbi e o Restaurante.

Apresentação do esquema para S. (Gestora do restaurante)

Formação Agroecológica dos trabalhadores, pedido de aval aceito. Liberar um dia de trabalho dos trabalhadores.

Conceito de transição, sempre em movimento.

“Eu trabalho em várias dimensões, desde ser agricultor, trabalhar com agroecologia na prática até ser um articulador político da questão da agroecologia no litoral, trabalhei de técnico, e tem essa questão aqui do restaurante e tudo mais e essa palavra transição porque todos esses trabalhos eu desenvolvo eles com os mesmos princípios é um trabalho com esse princípio agroecológico de criar estruturas e sistemas que sejam mais harmônicos com a natureza, então mesmo que de diferentes dimensões eu vou estar trabalhando na mesma coisa. Então essa ideia de trabalhar a questão do restaurante é um objetivo de médio a longo prazo porque eu não quero assumir isso agora, mas um dia eu sinto que vou assumir e tem que ver como, ir preparando essas coisas. Porque é uma consequência do trabalho com agroecologia do sítio ser coroado com um restaurante agroecológico. Só que é essa coisa de não fazer sozinho, agente conseguir trabalhar num nível de articulação.”

Lesama ressalta a necessidade de se assumir o trabalho do restaurante agora, antes que se perca, já que está numa fase sensível. Os sistemas agroflorestais já estão caminhando por conta. Eric lembra da diferença entre o que você quer fazer e o que você tem que fazer.

Discussão sobre o emprego de outras pessoas, como empregar de forma justa e economicamente viável?

A. se dispõe a coordenar o trabalho de marketing e divulgação de ambos os trabalhos. Depende da instalação da internet que ficou pendente, mas ficou acordado.

L. P. explica para S. a proposta de coordenar o paisagismo e a jardinagem e S. concorda com a proposta.

S. comenta da vontade de instalar um orquidário no agroecossistema.

L. P. ressalta a necessidade de elaborar um plano de negócios do restaurante, etc.

“Eu penso assim, que agente tem que se focar em algo principal, e as outras coisas serão secundárias e podem caminhar juntas mas desde que você se foque e cumpra aquilo que você se propôs, pois quer queira quer não, o dinheiro está presente nas

coisas então você vai ter que ter o foco principal em algo mais simples, que não tenha tanto cuidado pra aquilo ali te render, pra você contar sempre com aquela renda, pra sempre você contar com aquilo. E daí depois outras coisas vão vindo e talvez até se sai melhor que o foco principal você muda o foco. Mas você tem que ter uma chave principal pra levar o negócio.”

“E isso é uma coisa que eu estou enxergando mais isso, que o foco principal do lugar é o restaurante, mesmo que o meu foco foi trabalhar com agrofloresta agora não tem projeto, tem uma produção, só que é muito melhor agente focar em melhorar o restaurante e a produção ajudar o restaurante do que eu focar numa produção pra arranjar um mercado separado daqui sendo que o mercado está aqui”.

“Mas há muitos anos eu falei pra ele, que o restaurante é a vitrine do negócio dele. As pessoas chegam aqui, vão ouvir nossa história... Através do restaurante ele pode mostrar o trabalho dele.”

“Daí agora a ideia de como implementar isso, né.”

“E assim eu acho que uma coisa excelente é agente focar isso pra as escolas, pois não exigem muito a mão de obra da gente, são crianças educadas. E é uma super propaganda pois depois eles voltam com os pais, quase não tem desperdício de comida...”

“Eu acho que é isso mesmo e a questão da escola é o que eu mais gosto”.

“E são coisas que dá pra ir aprimorando pois eles vêem e têm que sair mais cedo pra comprar e tomar café, se agente se preparar pra já servir pra eles...”

“Eu sempre tive vontade de ter uma loja aqui, oferecer os produtos mesmo que não produza tudo pois tem os vizinhos que produzem, faz uma parceria, pois hoje em dia você não dá conta de tudo, volta no que foi dito no início, que agente tem que ter um foco principal e as atividades secundárias.”